

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

“EVOLUINDO”:

**MULHERES SURFISTAS
NA PRAIA MOLE E BARRA DA LAGOA**

ANA MARIA ALVES DE SOUZA

Orientadora: Dra. Carmen Silvia Rial

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa
Catarina, como requisito parcial para a obtenção do grau
de Mestre em Antropologia Social.

Florianópolis, maio de 2003.

Dedico este trabalho...

À minha tia, Dolorita Irene Rüdiger, por ter me ensinado que nunca é tarde para estudar, e que se faz isto por amor ao saber... ainda que tendo que obedecer às regras do jogo.

À minha irmã mais nova, Ana Paula Alves de Souza, que, além de surfar, percorreu de bicicleta em janeiro deste ano os 500km que separam Florianópolis de Porto Alegre, para assistir o Fórum Social Mundial, com seu grupo de amigos.

À minha orientadora, Profa. Carmen Rial, uma mulher esportista, por ter me ensinado a valorizar um *outro*... tão próximo.

À todas as mulheres que ousaram tentar apropriar-se de seus próprios corpos... e mentes.

AGRADECIMENTOS

Este é um dos momentos em que as palavras parecem pequenas demais para conter os sentimentos... Que todas sejam lidas com o eco e a meditação que as reticências podem conter...

- Às surfistas que permitiram-me ter esta atitude muitas vezes chata que é alguém fazendo conjecturas sobre aquilo que só quem vive é que sabe...
- À Rosana Cislighi, por ter me aberto a porta de seu grupo de amigas...
- À Profa. Miriam Grossi, por ousar ensinar, pelos primeiros passos no feminismo e por me proporcionar a descoberta da possibilidade de uma nova vida...
- À Profa. Carmen Rial, pelo *acaso*, pela excelente editoria de texto e por agüentar os meus transtornos delirantes, que ora a tornaram mártir em minhas mãos, ora a tornaram carrasca, me tendo em suas mãos... mas também, superando estas imagens, por ter me proporcionado a visão de vários outros mundos, no presente e no futuro...
- Ao Dr. Marcos de Noronha, meu querido etnopsiquiatra, pelo acompanhamento nesta loucura toda que foram os dois anos de mestrado, e, principalmente, por acreditar que todos podem achar um lugar *neste* mundo...
- À Profa. Jean Langdon, pela sensibilidade, pelo respeito ao *outro* e pelas incomparáveis traduções de significados...
- Ao CNPQ, pela minúscula mas abençoada e imprescindível bolsa de mestrado...
- Ao meu filho, Samuel, que se antes era um mero interessado no assunto, durante os últimos dois anos tornou-se um surfista convicto... e a todos os seus amigos, especialmente Matheus, Banana, Gigante e Ramon, pela prontidão a que sempre se dispuseram em me contar como viam o surf, assim como pelo empréstimo de revistas e livros especializados, pelos filmes de surf assistidos juntos e pelas tentativas de explicação das manobras, dos ventos e das ondas...
- As(os) amig(as)os de minha irmã, surfistas de diferentes grupos, pela prontidão com que sempre responderam aos meus questionamentos...
- À todos os meus colegas, sejam da turma na qual ingressei, sejam das turmas mais novas ou das mais velhas, graduação, mestrado e doutorado, por me apontarem o caminho em meio as risadas e ao desesperante stress...
- À Márcia Farias e Marcos Pelegrini, pela disposição em ler, corrigir e dar boas dicas no nervosismo da redação (quase) final da dissertação...

- À Christiane Mayer, pelo carinho, pelo tempo e pelas inúmeras tentativas de ajuda...
- Às minhas primeiras professoras de Antropologia no Centro de Artes/UEDESC, Dagmar von Lisingen e Cleidi Albuquerque, por terem me ensinado o valor de uma postura ética e por terem estado comigo na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza, na alegria e na tristeza...
- À Profa. Anita Koneski, pelos livros de yoga, do Maffesoli, por me ensinar a imaginação material de Bachelard e o amor à Filosofia...
- Ao Prof. Antonio Vargas, por me ensinar até em sonhos, por rir enquanto eu chorava me ajudando a exteriorizar todas as cores da pintura...
- À Profa. Maria Cecília, pelo desprendimento com que tentou ensinar-me o caminho da Epistemologia...
- À Rozeli Porto, pela disposição em ouvir minhas descobertas existenciais e todas as paranóias incluídas nisso...
- À Profa. Antonella Tassinari, pela firmeza na dor da ruptura e pela surpresa dos bons resultados que vieram...
- À Profa. Maria Amélia Dickie, pelo carinho, pelos puxões de orelha e pela imagem do porto seguro em meio as tempestades...
- À Profa. Ilka Boaventura Leite, pelos maravilhosos referenciais nas aulas de Métodos e Técnicas de Pesquisa em Antropologia, e pelo incentivo à criação...dentro dos parâmetros antropológicos...
- Ao Prof. Oscar Calávia, pelo exemplo de que a profundidade não está apenas na seriedade, pela compreensão além das palavras...
- Ao Prof. Rafael Bastos, pelas viajantes aulas cosmológicas, pela filosofia e o pensamento político...
- Ao Prof. Theóphilos Riffiotis, pela poesia na antropologia, pelas maravilhosas e difíceis dicas de funcionamento da mente humana...
- Ao pessoal da secretaria, especialmente à Carla, à Fátima e ao Luiz, por tentarem agüentar sorridentes nossas inúmeras solicitações...
- À todos os demais professores e colegas que me acompanharam de longe, mil agradecimentos pelas palestras, pelo apoio e pelas pistas...
- Ao Prof. Gilberto Velho, pelo estímulo, pelas conversas instigantes e as muitas sugestões ...
- Ao grupo de Antropologia do Esporte, presente nos fóruns da RAM/Curitiba e da ABA/Gramado, pelo incentivo construtivo e exemplo no entusiasmo...

- À Profa. Simoni Guedes, pela compreensão e por ter sempre procurado me incluir...
- À Fabiana Trindade, pelos sonhos de projetos, pela Biologia e pela Engenharia Ambiental...
- À Dona Lilia e todo o pessoal da Escola da Ilha, onde ministrei aulas de Artes durante todo o primeiro ano do mestrado sem bolsa. Agradeço o tempo liberado para estudos, a bolsa concedida à meu filho, assim como o apoio e contribuição dos professores daquela época, com quem discutia a pesquisa em todos os intervalos das aulas, cansando à muitos...
Agradeço especialmente à Cecília, pela amizade sem imposições; ao André, pelas inúmeras discussões sobre Filosofia e Teatro; à Maria Tereza, pela nova visão da Geografia Cultural; à Leonora, pelas aulas de História e Física, e os livros emprestados; à Luiza, pelas discussões sobre História, Política, movimento estudantil e relações familiares; ao Cecatto, por ter prontamente me disponibilizado sua pesquisa em Esportes; à Joaquina pela tentativa de me ensinar algo sobre Gênero e Política; à Evanilde Torres, por apontar o caminho da vivência e coordenação de grupos, além de quebrar o galho na tradução final; ao Ari, pelo exemplo de vida na lanchonete; ao Éliton, por exigir tempo para relaxar e rir. À todos os pais e alunos que discutiram, pintaram e desenharam comigo a pesquisa...
- Às minhas alunas das Oficinas de Artes na UNIPLAC/Lages, pelas instalações e performances misturando Arte e Esportes...
- Ao grupo de colegas e amigos do CPC VII (Curso de Crescimento Pessoal e Capacitação para Dinamizadores de Equipes) pelo carinho cativante, pelo apoio e estímulo, pelo aprendizado do respeito na diversidade de pensamentos, pela valorização das relações interpessoais e do trabalho em equipe na busca de uma meta em comum...
- À todas/os as/os mulheres e homens presentes no V Encontro Internacional Fazendo Gênero-Feminismo como Política, pelas abençoadas palavras de libertação...
- À Joana Filgueiras pela preciosa e animada ajuda na revisão final e na tradução dos significados...

RESUMO

Esta pesquisa procura refletir sobre a prática do surf por cinco mulheres campeãs em distintas modalidades esportivas, com idades variando entre os 16 e 56 anos.

Pertencentes a camadas médias urbanas na Ilha de Santa Catarina, elas praticam o surf principalmente na Praia Mole e Barra da Lagoa com diferentes investimentos.

Metodologicamente a pesquisa foi construída a partir de entrevistas gravadas e a observação do cenário do surf na região da Lagoa da Conceição. Enfoca as experiências esportivas dessas mulheres no surf e a forma relacional da construção de suas corporalidades num meio ainda ocupado predominantemente por homens, observando os discursos sobre as diferenças sexuais.

ABSTRACT

This study aims to analyze the practice of surf done by 5 women, aged between 16 and 56, who have been champions in different modalities.

They belong to the urban middle class of Santa Catarina Island and practice surf mainly at Praia Mole and Barra da Lagoa beaches, using different types of investments.

Methodologically the study was built upon recorded interviews and through the observation of the surf scenery at the region of Lagoa da Conceição. It focuses the sports experiences of these women on the practice of surf and also the relational way they constructed their corporality in an environment which is still predominantly occupied by men, observing the discourses about sex differences involved in the matter.

Sumário

Introduzindo uma questão pessoal	6
Preparação: Pássaros, Formigas, Pessoas, um Gravador e Mulheres: possíveis elementos da metodologia de uma <i>ciência herética</i>	9
1. O jogo e as interações sociais.....	32
1.1 - A idéia filosófica do jogo construindo as relações sociais.....	32
1.2 O processo comunicacional como um jogo de interações que permeia o social no meio urbano.....	37
1.3 - O corpo como um símbolo polissêmico de comunicação.....	41
1.4 - O jogo da incorporação no esporte.....	47
1.5 - As conotações simbólicas da incorporação de técnicas corporais esportivas.....	49
2. O surf na região da Lagoa da Conceição e os vários espaços.....	55
2.1 O universo da Lagoa da Conceição.....	55
2.2 Praia Mole.....	64
2.3 Barra da Lagoa.....	69
2.4 Similaridades e diferenças entre as praias	75
3. As idéias do natural e do corpo saudável no mundo do surf	81
4. O surf como uma técnica corporal e as mulheres fazendo a história do surf.....	96
4.1 As regras do <i>esporte moderno</i> e as disciplinas corporais.....	97
4.2 Alguns discursos históricos sobre o surf	99
4.3 O surf no Brasil	104
4.4 O ato de surfar como <i>técnica corporal</i>	107
5. O espaço das mulheres no(s) esporte(s) e a multiplicidade de imagens sociais.....	113
5.1 - O conceito de <i>gênero</i> e a variabilidade de experiências esportivas.....	113
5.2 – Características que constroem o corpo das mulheres em esportes radicais e os discursos sobre as diferenças sexuais.....	119

5.3 – A Educação Física e as caracterizações do(s) masculino(s) e do(s) feminino(s).....	122
5.2 - Corpos sem rosto na areia: um lugar construído para a mulher	132
5.3 - O diálogo sobre as diferenças entre as mulheres	138

Considerações Finais	143
-----------------------------------	------------

Bibliografia	149
--------------------	-----

Referências Bibliográficas das NOTAS	157
--	-----

ANEXO I : Pressupostos da Leitura do Movimento Visual e Composição de Imagens

ANEXO II : Imagens Publicitárias Analisadas

ANEXO III: Desenho do Cardápio da Lanchonete Corpore Sano

Introduzindo uma questão pessoal

Era pequeno ainda. Olhava o mar que desenhava suas rendas brancas sobre as próprias costas. Essas ondas que não acabavam de cantar me fascinavam. Hoje, lembro-me disso como se fosse uma fotografia. Uma fotografia, no entanto, que nunca fiz, uma fotografia apenas presente na minha memória, uma imagem mental. As fotografias gostam de caçar na escuridão de nossas memórias. São infinitamente menos capazes de nos mostrar o mundo que de oferece-lo ao nosso pensamento.

Esta “fotografia” me recorda, hoje, uma coisa muito importante. Tinha, primeiro, *avistado* o mar. Foi muito mais tarde que consegui *nomeá-lo e dele falar* e precisei de muitos outros anos de alfabetização, para que, enfim, pudesse *escrever* seu tão pequeno nome.

Etienne Samain¹

A pesquisa que aqui começo a relatar teve como universo de investigação dois grupos de mulheres esportistas pertencentes a camadas médias urbanas² na Ilha de Santa Catarina. Enfoca particularmente as experiências esportivas no surf e a forma relacional da construção de suas corporalidades num meio ainda ocupado predominantemente por homens, observando os discursos sobre as diferenças sexuais aí envolvidos.

Quando iniciei a pesquisa minha realidade pessoal em termos de movimentação corporal coincidia com a de muitos envolvidos num certo estilo de vida acadêmica: horas sentada na frente dos textos, horas sentada na frente do computador, horas sentada na sala de aula; entre um e outro, o carro como meio de transporte e o tempo sempre escasso adentrando as poucas horas de sono que restavam. Esta pesquisa na verdade foi fruto de um grande *acaso*, quando aceitei a sugestão de minha orientadora, profa. Carmen Rial, para investir na área da Antropologia de Esportes, campo ainda considerado novo na Antropologia e com um amplo universo a ser explorado, excelente para exercitar a especificidade do olhar antropológico adquirido nas disciplinas do mestrado e aprender a traduzir os sentidos etnograficamente.

Marisa PEIRANO(1995) fala do acaso como constituidor de algumas carreiras na Antropologia; segundo ela, quando entrevistados acerca dos motivos pelos quais escolheram as áreas com as quais contribuíram com significativas pesquisas, Florestan Fernandes, Antonio Cândido, Darcy Ribeiro e Roberto Cardoso de Oliveira responderam que não foi por uma

¹ SAMAIN, Etienne(org.). O fotográfico. SP: Hucitec, 1998: 13.

² Uso a designação “camadas médias urbanas” conforme Gilberto VELHO,1999:103-109.

tendência histórica nem uma escolha deliberada e calculada, mas pela indeterminação de um acaso, coincidências como um encontro acidental com troca de idéias estimulantes, uma mudança de casa para perto do curso ou uma bolsa interessante que proporcionava amplas leituras...o que para mim, como iniciante, foi um estímulo saber ao aceitar o desafio e as surpresas de uma trajetória não planejada.

Procurando então estabelecer um universo de pesquisa, a escolha feita recaiu sobre a prática esportiva do surf uma vez que este mundo não me era completamente estranho, embora até então completamente avesso. Morando numa ilha ao sul do Brasil (para muitos dita paradisíaca), o surf é paisagem rotineira do convívio na cidade de Florianópolis: parentes, meu filho, vizinhos e amigos que surfam, revistas, a colorida *surfwear*, noticiários e propagandas turísticas sobre surf, carros passando com muitas pranchas.

Quando minha irmã começou a surfar passei inúmeras horas, no papel de irmã mais velha, ouvindo seus relatos sobre o esforço e o tempo despendidos naquilo que me parecia tão simples: ficar em pé numa tábua. Eram divertidas as histórias sobre o que *rolava no tempo de espera*, o espaço do mar onde se aguarda boas ondas e onde os adeptos do esporte se conhecem e se encontram, numa proporção hipotética de talvez duas ou três mulheres para cada trinta homens. O tempo passou, o sol escasseou, o mar se tornou cinza e bravio, o frio, a chuva e o inverno se instalaram mas sua determinação em conseguir equilibrar-se em movimento sobre um meio aquoso não arrefeceu. No meu espanto fui percebendo que o “simples” era uma categoria relativa, geralmente empregada por quem está na areia ou por quem, como eu, tinha como único esporte a dança dos dedos no teclado do computador.

As histórias se tornaram interessantes no momento em que, depois de ter cursado a disciplina de Relações de Gênero³, fui percebendo que a presença da mulher nesse espaço de sociabilidade era rara e muitas vezes causava um certo estranhamento manifestados pela incredulidade ou pelo deboche nas piadinhas acerca da capacidade de sua performance, coisa que não acontecia com a mesma constância quando os rapazes tentavam surfar . Quando comecei a perguntar-me o por quê de algo que me parecia tão comum e corriqueiro apresentar uma diferença nas relações de gênero tão grande, vi que havia ali uma problemática de pesquisa a disposição.

Comecei então a espalhar a notícia que estava procurando mulheres surfistas para entrevistar pois raríssimas vezes via alguma na praia e, para facilitar o distanciamento proposto

³ Agradeço a profa. Miriam Grossi pelas instigantes leituras e debates assistidos em suas aulas.

pela Antropologia (DA MATTA, 1974; VELHO, 1999), queria abranger outros grupos que não os de meus familiares e amigos.

Minha surpresa foi constatar, com o passar do tempo, que mais e mais pessoas indicavam amigas que surfavam e aquele universo que ao princípio parecia-me minúsculo, ampliou suas proporções ganhando matizes de diversidade: diferentes pessoas em diversas praias associadas a grupos de sociabilidade variados.

Apresento minhas desculpas desde já as nativas/os envolvidas/os certamente pelos reducionismos inevitáveis que incorri neste trabalho devido ao problema que acarreta a linearidade e os limites da palavra escrita no esforço de uma cientificidade; não é minha pretensão abarcar o inesgotável que é a atribuição de significados conferidos a vida, mas contribuir observando e registrando as transformações nos costumes que tem ocorrido através da reflexão sobre a construção da corporalidade na prática esportiva de algumas mulheres no diálogo cotidiano do convívio social.

Preparação:
Pássaros, Formigas, Pessoas, um Gravador e Mulheres:
possíveis elementos da metodologia de uma *ciência herética*.

CLIFFORD (1998:132-178) fala sobre o surrealismo etnográfico que constantemente deve ser revisitado para aprendizagem, comentando algumas similaridades entre as atividades de antropólogos e da vanguarda artística em Paris nas décadas de 20 e 30, quando a etnografia e o surrealismo desenvolveram-se com intensa proximidade, sendo que alguns atuavam nas duas áreas. No desencanto de um mundo entre guerras, os dois partiam de uma realidade profundamente questionada onde as ordens estáveis de significado coletivo apareciam como construídas, artificiais, freqüentemente ideológicas ou repressivas. Uma estética que valorizava os fragmentos, as coleções curiosas e as inesperadas justaposições era utilizada para provocar a manifestação de realidades extraordinárias com base nos domínios do erótico, do exótico e do inconsciente num jogo contínuo que fazia o contraste entre o familiar e o estranho, o próximo e o distante, o similar e o diferente.

O mundo do surf, ao qual me referi na introdução, não me era completamente estranho...mas totalmente avesso. A proximidade de meu convívio com surfistas na família ou na praia não significava conhecimento de causa, pelo contrário, quando eles começavam a conversar compartilhando o entusiasmo pelas ondas do dia, eu *sintonizava* em outra freqüência. Como conseqüência, não compreendia seu vocabulário próprio, não conhecia, enfim, todos os detalhes que perfazem a vivência da prática do surf e a complexidade do fazer parte de um grupo de sociabilidade esportiva, nem percebia a diversidade de estilos e gostos no universo que me cercava, lançando a todos num exotismo generalizante...extremamente próximo.

Intrigava-me até mesmo os motivos pelos quais uma pessoa decidia gastar boa parte de seu tempo diário com esportes; embora muitas coisas me aproximem das mulheres que entrevistei na medida em que vivemos no contexto urbano de classe média, a única semelhança que encontrava com as mulheres entrevistadas era exatamente a minha condição de mulher, habitante da mesma cidade e dividindo por isso algumas similaridades em termos de contexto histórico. Enquanto muitos colegas, antropólogos ou não, dirigiam a mim ironias pela aparente facilidade de uma pesquisa na praia, eu, na praia, ficava olhando o relógio nervosamente depois da primeira hora e meia de observação no local.

Metaforicamente poderia dizer que inicialmente percebi a todos talvez como uma observadora de pássaros: tentando captar metodologicamente cada detalhe sentada nas pedras no canto da praia com um binóculos e uma cadernetinha de anotações ao lado ... tudo milimetricamente calculado. Nunca cheguei ao extremo durkheimiano de enxergar coisas (DURKHEIM,1996), mas preocupei-me exageradamente em diferenciar-me para manter o que eu havia compreendido ser o distanciamento necessário a uma análise crítica da vida social, por isso a escolha por focar grupos de surfistas que não pertenciam a minhas relações sociais.

A medida, porém, que o tempo de pesquisa foi passando o jogo entre o familiar e o exótico foi complexificando as cuidadosas aproximações; ao admirar-me com o afinco com que todos dedicavam-se ao aprimoramento de suas práticas, especialmente no que se refere as surfistas entrevistadas, peguei uma lupa e apreciei incansáveis *formigas*, tamanha era a ênfase em seus discursos na diligência com que perseguiram suas metas, sobrepujando a dor e o cansaço.

MALINOWSKI (1978), pesquisando os distantes trobriandeses das ilhas do Pacífico, foi o primeiro a ressaltar historicamente na Antropologia a importância não apenas da observação mas da participação do pesquisador na vida nativa, defendeu esta imersão como uma forma de entender com maior propriedade o modo de viver e pensar do outro; James CLIFFORD (1998), analisando seus textos, observa ironicamente que Malinowski utilizou uma voz ativa no presente etnográfico porque estava muito preocupado com o problema retórico de convencer seus leitores de que os fatos que estava colocando diante deles eram objetivamente adquiridos, não criações subjetivas.

No que se refere as pesquisas em Antropologia Urbana, Gilberto VELHO(1974:16), que há muito reflete sobre a complexidade da execução de uma pesquisa realizada no mesmo tempo histórico e contexto urbano similares ao do pesquisador, afirma que “o estudo da própria sociedade só é possível quando o antropólogo consegue ser capaz de confrontar intelectualmente, e mesmo emocionalmente, diferentes versões e interpretações existentes a respeito de fatos e situações em que ele mesmo pode estar implicado, acabando por conseguir estranhar o familiar e ter o distanciamento necessário `a objetividade científica”.

A objetividade no fazer científico há muito foi questionada pelos movimentos feministas que viam a indissociação do sujeito, afirmando a objetividade e a subjetividade como categorias construídas historicamente assim como o gênero e intercaladas com ele nas relações de

poder entre os sexos sempre presentes na cultura(MACHADO,1997). Marc Piauxt argumentando sobre o relativismo presente no controle da autenticidade de fatos relatados⁴, questiona:

(...) podem os antropólogos, realmente, pretender que os textos sejam mais objetivos, já que suas formulações estão submetidas a uma lógica própria ‘a escrita, situada no contexto da cultura literária dominante?(...) O rigor de uma demonstração escrita não será, enquanto tal, a garantia definitiva da validade ou da exaustão das observações coletadas.(...) A escolha dos objetos de representação antropológica não é independente das prioridades impostas pela pesquisa cognitiva própria ao mundo dos antropólogos em questão.PIAULT, 1963.

Entretanto, como forma de contornar os infundáveis questionamentos que esta problemática acarreta, PIAULT(1994:29,30) ressalta a importância da explicitação argumentativa constante acerca do propósito das condições de possibilidade da pesquisa, das condições de produção e utilização assim como das aproximações particulares de situações específicas, por isso explicito aqui as particularidades subjetivas do processo pelo qual passei, enquanto pesquisadora indissociada da minha condição de pessoa, nas aproximações com o universo pesquisado.

Uma vez que a objetividade é uma categoria construída num consenso grupal visando a compreensão comunicativa, concordo com VELHO(1986:57) sobre o importante esforço que se deve desprender na organização da experiência para um mínimo de clareza da exposição, não deixando de assumir como legítima a interferência emocional que se processa. Segundo ele o antropólogo “lida e tem como objetivo de reflexão a maneira como culturas, sociedades e grupos sociais representam, organizam e classificam suas experiências. Neste sentido sua tarefa consiste em captar o arbitrário cultural que define toda e qualquer sociedade” (VELHO,1980:13-21). Um trabalho de interpretação não de dados brutos, objetivos, mas uma interpretação de interpretações (GEERTZ, 1978). Tarefa certamente complexa que exige uma “permanente atitude de estranhamento” não apenas diante do que se observa, mas também diante do que acontece com o próprio pesquisador, em seu mundo interior.

A construção do conhecimento na Antropologia tem uma “saudável tradição de ceticismo e crítica, mas o processo contínuo de confrontação entre ortodoxos e heréticos” leva em si os riscos e desgastes do questionamento de uma imagem racionalista das ciências humanas

⁴ Reflexão esta presente nas discussões acerca da validade científica do uso da imagem na Antropologia Visual e que aqui me parece pertinente incluir como forma de ampliar o debate, sem a pretensão de esgota-lo.

vestida de guarda-pó branco num laboratório asséptico com dificuldades em “rever e superar idéias velhas e preconceituosas” (VELHO, 1980).

MOSCOVICI(1988)⁵ utiliza algumas figurações para falar das atitudes do pesquisador em sua atividade: o “pesquisador ouriço” quando finalmente delinea a especificidade de seu tema fecha-se não aceitando intervenções externas a construção de seu trabalho; o “pesquisador raposa” é rápido na execução de suas tarefas mas é levado pelo vento das idéias que surgem por toda a parte no decorrer da pesquisa, correndo de lá para cá e não se fixando em nenhuma. Apesar de não saber surfar poderia utilizar simbolicamente neste trabalho a imagem de um *pesquisador surfista*, que arrisca-se a vencer a arrebentação das muitas letras que se derramam na tessitura teórica, tendo como base o reconhecimento dos limites de sua situação histórica que também possibilita sua assunção como sujeito pensante, criativo e transformador⁶, capaz de *dropar* as ondas no mar de incertezas do conhecimento⁷ num jogo de linguagem⁸ que cotidianamente constrói, desvenda e negocia os significados da vida social⁹.

Submersa na pesquisa a lembrança constante do brilho do sol clareou minhas idéias mesmo nas chuvas de inverno diante do computador e o encanto do mar com seus matizes acabou por movimentar maussianamente meu olhar até as pessoas que ecoavam em meus ouvidos no vai-e-vem das teclas do gravador.

Por uma questão ética modifico os nomes das pessoas envolvidas na pesquisa numa certa ficcionalização que busca proteger suas identidades, transformando-as em personagens do teatro da vida real. Novamente tendo como base as reflexões de Piault¹⁰ acerca da construção da imagem e da abordagem antropológica, poderia dizer que aqui esta ficcionalização ressalta a variabilidade e relatividade dos pontos de vista sobre o real numa importante interrogação a respeito da construção do mundo sem supor a existência de absolutos em termos de veracidade.

Reitero que o diálogo aqui explicitado sobre a variabilidade do real não inscreve esta pesquisa num relativismo descomprometido com a ética na construção do conhecimento, incorrendo numa banalização acrítica, conforme salienta Otávio VELHO(1991) ao relativizar o

⁵ Agradeço as imagens ao prof. Théóphilos Riffiotis em suas contribuições na avaliação de meu projeto de pesquisa.

⁶ FREIRE, 1997:21;46.

⁷ MORIN, 1995.

⁸ WITTGENSTEIN,1979.

⁹ GEERTZ, 1978:15.

¹⁰ Reflexões também expressas em sua palestra “Real e/ou Ficção” realizada no MIS(Museu de Imagem e Som)/Florianópolis em abril de 2002, por ocasião do I Ciclo de Antropologia Visual.

próprio relativismo. Pelo contrário, nessa transferência do vivido apreendido pelas representações imagéticas e discursivas a ambigüidade da criação do nome¹¹ desloca a atenção ressaltando a importância que o saber antropológico confere à experiência da vida e à produção dos sentidos na “elaboração e manutenção de espaços de entendimento em que se pode prosseguir e renovar as interrogações” (PIAULT, 2000).

A metodologia com que construí esta pesquisa foi-se modificando no transcorrer do período na medida em que meu próprio entendimento sobre o meio transformava-se. Selecionei para análise cinco entrevistas gravadas realizadas nos meses de agosto a outubro de 2001, tendo aproximadamente uma hora cada, com mulheres que praticam o surf com diferentes investimentos, e também duas entrevistas com homens que fazem parte de um dos grupos de sociabilidade enfocados além de serem profissionais com atuação no meio esportivo do surf, como forma de estabelecer uma referência relacional de como é construída a participação das mulheres neste esporte.

Inicialmente havia entrevistado mais três surfistas praticantes apenas do *body boarding*, porém como eram pessoas mais próximas de minhas relações e não haviam utilizado ainda a prancha maior – o que faz o diferencial para a pesquisa na prática do surf – acabei por usar seus depoimentos apenas como suscitadores de questões no recorte do objeto.

A princípio a própria denominação de “surfista” aos praticantes de todas as modalidades de surf parecia-me confusa uma vez que os surfistas que praticam o surf em pé nem sempre reconhecem como surfista os praticantes de *body boarding*. No entanto, percebi que todos auto-denominam-se como surfistas, passando então a registrar as diferenças que eles estabelecem entre as práticas e entre si. Surfista é, portanto, uma categoria que engloba diferentes práticas, entre as quais a do surf em pé, propriamente dito.

¹¹ Optei por atribuir-lhes os nomes de deusas olímpicas da mitologia grega: Atena, Deméter, Hera, Ártemis e Perséfone (conf. BRANDÃO, 1990). A idéia veio a partir de duas situações ocorridas durante o trabalho de campo: numa manhã ensolarada eu fazia observação na praia quando vi Ártemis passar correndo tranquilamente com a prancha, procurando o local das boas ondas. Vinha de longa distância e passou correndo até meus olhos a perderem de vista, a prancha parecia uma pluma sob seu braço, não havia sinal de cansaço nem do menor esforço. Por onde passava, todos a observavam, seu corpo lembrava uma escultura grega. Por outro lado, numa tarde azul conversando com Hera, ela fez alusão às esculturas gregas ao falar dos corpos dos atletas com os quais convive em seu universo esportivo. No entanto não encontrei referência a mulheres esculpidas como atletas na Grécia clássica, então, devido ao caráter exemplar de todas por serem campeãs em alguma modalidade esportiva, optei por representa-las nas imagens das deusas, sem esquecer das ressalvas de Norbert ELIAS (1996) quando afirma que a forma como os esportes são compreendidos hoje não é equivalente à forma dos jogos gregos.

Três das mulheres envolvidas, Deméter, Hera e Perséfone, foram-me indicadas por uma conhecida em comum acostumada a práticas esportivas e estas indicaram-me Atena e Artemis; esta mulher serviu-me de informante confirmando algumas análises realizadas depois das entrevistas.

Para organização dos dados optei por dividi-las em dois grupos, conforme as afinidades que apresentaram, mas, principalmente, conforme a praia que preferencialmente freqüentam, seja a Praia da Barra da Lagoa ou a Praia Mole; no entanto é bom considerar-se que as duas praias são freqüentadas por todas e que os grupos mantêm eventuais relações de cordialidade no meio esportivo.

Fundamental é também a diferenciação com que se envolvem na prática do surf: o que denominei ser o primeiro grupo participa do circuito amador de competições esportivas em outros esportes como a natação ou o triathlon e a asa delta, sendo o surf apenas uma forma lúdica de atividade física, ao contrário do segundo grupo que almeja e participa do circuito profissional do surf, encaminhando o aprimoramento de suas práticas nessa direção.

Num primeiro momento as entrevistas gravadas foram realizadas no Café das Artes localizado na Lagoa da Conceição, na casa de duas das mulheres residentes na Praia Mole e na Barra da Lagoa e em uma sala de atendimento conferida aos professores na UFSC. Cerca de um ano depois voltei a encontrá-las estabelecendo novo diálogo em diferentes tempos com cada uma. Com uma assisti em sua casa um vídeo aonde aparecia sua participação em um campeonato de surf, com outra acompanhei-a em uma caminhada durante o tempo em que esperava sua filha em uma aula, com outra visitei seu local de trabalho, ocasião em que explicou-me sua linha de pesquisa. As outras duas encontrei-as uma vez na praia, além de ter conversado com uma em um campeonato de surf e com a outra ter realizado cerca de sete sessões de acupuntura, sua especialidade médica, ocasiões em que tivemos a oportunidade de conversar mais sobre suas práticas esportivas.

Nunca cheguei a vê-las diretamente praticando o surf, baseando-me apenas em seus depoimentos. Considerei a forma como se apresentaram no tempo das entrevistas, os eventos ocorridos no momento, a maneira que estavam vestidas e suas atitudes corporais na ocupação do espaço cênico em que interagiram comigo, além da forma como conduziram nossa conversa para a gravação das entrevistas quando solicitei que narrassem suas histórias de vida em relação aos esportes de uma forma geral e especialmente no que se refere ao surf, ressaltando as

problemáticas envolvidas no desenvolvimento da musculatura corporal que as intensas atividades esportivas que praticam exigem.

As entrevistas foram transcritas e analisadas juntamente com as observações e conversas que estabeleci com frequentadores das duas praias, surfistas ou não, no que se refere a construção dos espaços de sociabilidade.

Procurei visitar as duas praias enfocadas em diferentes horários observando as condições do tempo, a movimentação de pessoas na areia e no mar, tentando perceber as diferenciações entre os agrupamentos de pessoas e conversando com pessoas locais, assim como com visitantes surfistas sobre as condições do mar e as redes de sociabilidade, procurando captar a significação da praia e do mar para alguns dos seus frequentadores.

WINKIN (1998:129-145) dá sugestões de como observar as pequenas situações interativas cotidianas como situações complexas para análise quando se tenta fazer um mapeamento do local pesquisado. Sugere uma observação que busca sistematizações, num controle do olhar através da tentativa de transcrição em mapas ao mesmo tempo espaciais e temporais. Winkin parte do princípio que os espaços são móveis porque são interativos, portanto, os mapas também o são, tenta-se fazer uma etnografia do momento. Associei suas sugestões de pesquisa de campo com as explicitadas por MAGNANI(1996) ao mostrar como chegou às categorias de análise “pedaço, mancha e trajeto”¹².

Caminhava pelas praias observando as pessoas e os lugares, perguntando-me como eram construídas as diferenças, observando como se agrupavam e que trajeto percorriam na praia. A princípio as pessoas pareciam-se, para mim, “todas iguais”, diferenciando-se apenas entre as duas praias.

Conversei com alguns frequentadores que diziam estar no local assiduamente, procurando saber como viam a praia, o surf, a participação das mulheres e as transformações ocorridas na praia ao longo dos anos, como eles diferenciavam as pessoas e classificavam sua experiência. Perguntava também como *liam* o mar, sendo este um item ao qual me dediquei, o que exigiu grande esforço e mostrando-se um ótimo ponto para começar conversas interessantes.

Tentei aprender a reconhecer as formações do mar *in loco*, que correspondem às classificações que empregam, na medida em que também tentava aprender sobre correntes marinhas e direções dos ventos, não obtendo aí tanto sucesso mas chegando a apreciar a especificidade do conhecimento que o surfista dialoga em seu cotidiano.

¹² Estes conceitos serão tratados mais tarde, no capítulo 2.

Acompanhei boletins de surf transmitindo as condições do tempo pela rádio e procurei ler alguns textos sobre morfodinâmica de praias oceânicas pois as relações com o espaço e o tempo pareceram-me importantes também neste aspecto uma vez que os surfistas procuram a formação das boas ondas e estas formam-se em relação as condições geológicas do lugar e as condições climáticas, lembrando também das transformações no lugar conforme as estações do ano e o fluxo de turistas.

Realizei uma saída investigativa a um dos shoppings da cidade procurando as lojas que comercializam a moda surf, experimentando as roupas disponíveis e conversando com os vendedores acerca da especificidade do design veiculado que diferencia os modelos masculinos dirigidos aos homens e os modelos femininos dirigidos as mulheres.

Entreí em algumas lojas e estabelecimentos comerciais no centrinho da Lagoa, procurando observar como as pessoas organizavam seu espaço e que categorias usavam em relação a prática do surf. Fui as academias apontadas pelas surfistas e procurei conhecer os ambientes conversando com pessoas do local, tendo a oportunidade também de entrevistar um médico do esporte, um treinador de natação e um instrutor de yoga que já havia trabalhado com uma das surfistas, assistindo, na ocasião, a uma aula inaugural de um espaço cultural de yoga. Assisti também, na Barra da Lagoa, uma aula de uma escolinha de surf e uma sessão de treinamento instruído do Centro de Treinamento da Mormaii, que prepara surfistas na Praia Mole.

Fui visitar a oficina de um *shaper* (fabricante de pranchas) conhecendo todo seu sistema de construção e pintura das pranchas, bem como os integrantes de sua equipe; entrevistei um outro *shaper*, pai de uma das surfistas, com oficina próxima a este local.

Dos amigos aproveitei diversas informações para contextualizar o mundo do surf: finalmente escutei com atenção suas conversas pedindo que explicassem seu vocabulário e as categorias empregadas no que se refere ao surf, pois trata-se de um vocabulário muito particular, onde o inglês (*crowd, shaper, book, big waves, dropagem, lip, floter*) mistura-se com termos retirados de contextos médico (*adrenalina, fissurado*), artístico (*bateria, performance, evolução*) e até gastronômico (*massa*), além de outros de origem havaiana (*rauli, haoli* ou *hauli*, significando o estrangeiro, o forasteiro¹³).

Assisti com eles muitos filmes de surf, olhei revistas especializadas, inclusive tendo a oportunidade de conversar com o redator de uma delas que visitava a cidade, o qual teve a gentileza de explicar-me todo o processo de etapas e categorização dos campeonatos. Aproveitei

¹³ Conforme informação oral da Profa. Gilka Girandello, professora de jornalismo da UFSC.

uma das revistas que ele me cedeu para realizar uma leitura das representações de mulheres nas imagens costumeiramente veiculadas pois pareceram-me ilustrativas de algumas corporalidades que vi nas areias da Praia Mole.

Assisti a um campeonato na Praia da Joaquina e outro na Praia Mole, ouvi relatos de viagens e proezas no mar, acompanhei-os algumas vezes à praia, observei atentamente o processo de entrada no mar, escolha das ondas e desenvolvimento das manobras, observei o que comiam, o que vestiam e como se comportavam, tentando ser uma boa aluna do antropólogo polonês ainda que com um tempo de observação reduzido a algumas horas por dia, durante alguns esparsos dias por semana ao longo dos dois anos da pesquisa.

Procurei fazer listas com as manobras básicas apontadas procurando compreender seus movimentos e a importância que atribuíam as *performances*, neste momento os filmes de surf mostraram-se um material acessível uma vez que é possível repetir a imagem até compreende-la. Com isso compreendi também a importância que os surfistas atribuem aos próprios filmes e ao filmar-se, se a princípio as imagens pareciam-me sempre as mesmas, ou seja, homens surfando em ondas azuis, aos poucos fui aprendendo a diferenciar e apreciar as *manobras* que faziam em diferentes formações marítimas espalhadas pelo mundo, imagens estas que os surfistas procuram imitar a medida que consideram a *manobra* bem executada. Os filmes são para eles fonte de deleite e aprendizagem, de tal modo que “filmes de surf” constituem-se hoje em um gênero cinematográfico cuja projeção, em Florianópolis, não fica restrita a pequenas salas ou horários vespertinos, ocorrendo, durante os meses de verão, nos principais cinemas da cidade em horários nobres.

Procurando uma aproximação maior ao meio pesquisado, durante a pesquisa mudei-me para a região da Lagoa numa rua em que a maioria dos poucos moradores é surfista, perfazendo pessoas que conhecem o grupo entrevistado de surfistas da Barra da Lagoa, participam de campeonatos de *longboard*, comercializam alimentos nos campeonatos, fazem filmagens de surf, troféus, pranchas e tem banda de rock relacionada diretamente ao surf com um nome sugestivo: Surf Explícito. Tive com isso também a oportunidade de observar a movimentação de mais um grupo de sociabilidade esportiva, conversando com eles e entrevistando seu Ari, um senhor de 73 anos, atualmente competidor em *longboard*.

Como durante a pesquisa aprendi a apreciar a variabilidade de experiências, distinguindo visões generalizantes de especificidades do meio, optei por transcrever as entrevistas das surfistas que cito neste trabalho mantendo o que para mim significou o ritmo de suas falas,

embebido de suas maneiras de ser. Para tanto usei reticências sinalizando as respirações sonoras e mantive as expressões utilizadas, ressaltando apenas trechos significativos. Saliento também que, numa comunicação interativa, a medida em que conversávamos sobre corporalidade, direta ou indiretamente comparávamos também nossos próprios corpos¹⁴. Resta aqui talvez um problema, como descrevê-las sem ter em punho uma fita métrica??! - o que me parece, seria um tanto absurdo... – Optei então por seguir o curso de nossas interações e fazer eco a minha admiração inicial, motivo também de nossas conversas, por todas terem uma altura corporal menor do que a minha (1.72m), embora em termos de musculatura eu possa ser classificada, nas palavras delas, como *sedentária*.

Procurei desta forma levantar alguns elementos de análise sem, no entanto, ter a pretensão de abarcar a complexidade de todo o universo envolvido. Apresento a seguir um breve perfil das mulheres entrevistadas procurando captar e traduzir a forma com que se apresentaram para mim. Pensei estes perfis como uma pequena etnografia do momento, procurando descrever um pouco do lugar e das situações de entrevista, além de apresentar um resumo de questões significativas dos depoimentos para que se tenha uma idéia inicial de como pensam essas pessoas, de como é a textura em que se tramam os personagens desta pesquisa.

O grupo da Barra da Lagoa:

As surfistas pertencentes ao grupo da Barra da Lagoa participam ou aspiram entrar no circuito profissional do surf como um projeto de vida. Nasceram e cresceram na Praia da Barra da Lagoa, acostumadas a brincar no mar e vendo o esporte também como uma ótima possibilidade profissional pois além de proporcionar um retorno financeiro, este mesmo retorno é responsável pelo reconhecimento familiar de que o surf não é apenas brincadeira, unindo o lúdico a uma sobrevivência financeira considerada excelente. As premiações dos campeonatos proporcionam-lhes oportunidades de viagens, o acesso a bens de consumo e o desfrute de um estilo de vida ao qual não teriam acesso se não fosse o esporte.

Com idades variando entre quinze e vinte e cinco anos, o tempo empregado para o aperfeiçoamento da técnica é disputado “palmo a palmo” com o horário escolar. Incentivadas por amigos e pelas famílias a uma imersão no esporte, o estudo é visto como uma obrigação social a ser cumprida com ou sem prazer. O término do segundo grau significa a oportunidade de uma

¹⁴ Lembro aqui da palestra proferida na UFSC, em 2002, por Diana Brown, que fez o mesmo comentário ao relatar seu processo de pesquisa sobre cirurgias plásticas entre mulheres de camadas médias.

dedicação maior exigida para a obtenção de um rendimento a altura dos maiores campeonatos, aonde as grandes premiações conseguidas em um tempo mínimo são extremamente valorizadas em detrimento as possibilidades salariais de outras profissões.

PERSÉFONE:

Perséfone tem dezessete anos, tem compleição mediana e ossatura larga, adora surfar, atividade que pratica já há mais de três anos. Recebe-me na cozinha em estilo rústico de sua casa na Barra da Lagoa, decorada com posters de manobras nas ondas assinados por surfistas de destaque, e os troféus de seu pai no surf.

Fala-me de sua paixão pelo surf e do exemplo do pai, que agora ensina outros a surfar; aliás, o pai é seu tema central em relação ao surf, por causa dele sua mãe – que nunca surfou, a levava a praia *ainda na barriga*; foi ele também quem a levou para surfar durante os primeiros anos da infância, juntos no mesmo pranchão, e ele quem permitiu que aprendesse a surfar, por volta dos doze anos, enquanto o observava instruindo a outros em sua escolinha de surf.

Enquanto gravávamos a primeira entrevista, seu pai e um amigo, ambos profissionais ligados diretamente ao mundo do surf, chegaram mandando desligar o gravador. Depois de algumas explicações os dois homens concordaram em conceder-me uma longa entrevista contando detalhes sobre a história do surf em Santa Catarina, a estruturação dos campeonatos e as questões econômicas envolvidas no meio, assuntos por eles ressaltados. Durante todo o período em que eles falavam, incluindo no discurso reclamações sobre o desempenho de Perséfone, ela não deu uma única palavra, limitando-se a contrapor algumas informações quando eles foram embora. No mesmo período da entrevista deles, a mãe de Perséfone entrou no local ocupando-se em servir-nos gentilmente um chá gelado; sua fala, na presença dos homens, foi semelhante a da filha.

Perséfone teve que vencer algumas dificuldades com a família para praticar este esporte com muito diálogo e apoio dos amigos: o pai considerava que o surf “masculinizava” a mulher pois deixa os músculos aparentes e, apesar de ensinar outras mulheres, não queria esta corporalidade para a filha. Segundo uma informante, ele chegou a fazer uma enquete entre os amigos, como a maioria apoiou-a, agora ela surfa continuamente, mas acredita que sua performance ainda não é adequada, gostaria de ter melhores resultados.

Conta que o pai é um *shaper* e mostra sua preocupação com sua saúde dizendo que a atividade prejudica os pulmões pelo pó das pranchas que é respirado, além do cheiro forte e tóxico da resina, tendo efeitos semelhantes aos causados nos trabalhadores de minas de carvão. Afirma que a idéia da escola veio em decorrência da necessidade de diminuição dessa atividade, mas que foi isso que sempre proporcionou que ela tivesse um diferencial em sua proximidade com o surf, pois sempre pode escolher a prancha que queria na garagem de casa.

As prateleiras na parede do quarto de Perséfone estão cheias de troféus adquiridos nos recentes campeonatos de longboard, além de outros que já possuía; o quarto, cuidadosamente arrumado, tem moldes de estrelas feitas por ela no teto e uma estante feita especialmente para colocar seus potes de tinta deixando a mostra as cores. Dizendo-me que agora está pensando em fazer o vestibular para Artes Plásticas, mostra-me seus desenhos, com um cuidadoso trabalho de tonalidades do cinza ao preto dentro de limites bem definidos, os motivos variam entre duendes, tribais, temáticas relacionadas a praia e ao surf e motivos de tatuagem copiados das muitas revistas que tem sobre o assunto.

Decidiu ser uma profissional do surf recentemente ao sentir-se “infectada pelo vírus”, por isso lamenta o tempo passado na escola pois gostaria de estar treinando para ser uma campeã de surf, este é seu sonho para um possível futuro próximo. A mãe já tentou algumas opções de escola, mas ela não acredita que possa haver alguma instituição que a agrade: quer estar no mar. Questiona-se sobre seu futuro e a escolha profissional, já quis ser aeromoça, mas hoje acredita que isso era um desejo de criança, gosta de arquitetura e medicina mas reafirma várias vezes que não gosta de estudar, além de que não se sente satisfeita ao pensar em profissões fora do surf. Pretende continuar estudando até terminar o segundo grau e depois “*batalhar*” por seu sonho que é ser uma campeã de surf, como sua vizinha de bairro a quem ela, o pai e os amigos admiram.

Gosta também de experimentar vários esportes pois diz enjoar quando permanece muito tempo em um, já experimentou capoeira, judô, jiu-jitsu e *may-tay*, uma espécie de boxe tailandês, mas o único esporte que mantém constante desde a infância é a natação.

Quando voltei a sua casa, cerca de um ano depois da entrevista inicial, vestia o uniforme da escola: calça jeans e camiseta branca *baby look*, ajustados no corpo; o cabelo cuidadosamente penteado. Mostrou-me a reforma do local: o muro da frente foi aumentado em altura e no canto direito, pelo lado de dentro, havia sido construído um pequeno espaço envidraçado servindo de atelier de *patchwork* para sua mãe.

Apreciamos na garagem e no pátio de sua casa algumas das pranchas que são feitas na oficina de seu pai, localizada no outro lado do Canal da Barra, incluindo uma antiga de madeira maciça, que seu pai trouxe há muito tempo e ela mostra com orgulho como parte da história do surf na Ilha.

Mostra-me uma foto onde aparece uma prancha laminada por seu pai e pintada por ela, com um jogo de formatos coloridos geometrizados. A amiga que tirou a foto usa uma interessante imagem para falar de Perséfone: ela tentava esconder-se atrás da prancha, destacando o *design* com a pintura, porém apareciam seu rosto sorridente e parte de seu corpo; então a amiga, ao dar-lhe uma série de três ou quatro fotos nesta seqüência, completa a foto com um desenho sobre o plástico do álbum colocando um rabo, tridente e orelhas de diabinha...

Esta foto e outras poucas que deixou-me ver mostrando-a com suas amigas, tinham uma postura corporal completamente diferente do álbum de fotos da viagem que havia feito recentemente ao Peru com seu pai, para surfar e subir uma montanha. Nas fotos com o pai via-se a imagem de uma menina comportada, a mesma que conversava comigo e aparecia no vídeo de um campeonato que seu pai filmou, recebendo a premiação; já com as amigas os corpos atiravam-se para trás e os sorrisos triplicavam naquilo que se costuma chamar entre os adolescentes de “fotos da turma”. Inicialmente o surf não era um projeto familiar, mas acabou sendo aceito.

ARTEMIS:

Artemis tem vinte e três, pratica o surf desde os nove anos e antes disso já vivia brincando nas ondas com pranchas de isopor; nesta época um surfista mais velho percebeu seu potencial pela agilidade com que lidava com as ondas e investiu em seu aprendizado dando-lhe uma prancha de poliuretano. Dividiu-a com o irmão nas primeiras competições até que o pai pudesse comprar outra; competiam os dois na categoria estreante, antes mesmo de que houvesse a criação da *categoria feminino*.

Antes de tornar-se profissional no surf já competia mas a intensidade da dedicação era diferente, dividia seu tempo com os horários de aula afirmando nunca ter faltado uma para surfar até completar o segundo grau. Na escola gostava de jogar vôlei e principalmente futebol, participando de um time e sendo convidada a dedicar-se ao esporte, o que não aceitou; queria uma *carreira* relacionada a água, seja windsurf, body bording ou o próprio surf.

Começou como uma *brincadeira*, mas a *ansiedade* de estar na água e surfar era tanta, que tornar o surf sua *profissão* foi decorrência desta vontade. No começo teve que negociar com a mãe sua participação na ajuda das tarefas domésticas, que era dividida com a irmã, afirmando que com o tempo a mãe *passou a aceitar*.

Acredita que *nasceu com o dom de surfar* porque não precisa ter a *pressão de ninguém* para treinar, ninguém a *obrigava*, era muito *fissurada* e tudo então foi *acontecendo naturalmente*. Hoje seu ritmo de vida e seu preparo corporal permitem que permaneça no mar cerca de duas horas por período (manhã e tarde) durante o inverno, chegando a atingir até cinco horas seguidas surfando durante o verão. Sente-se *realizada* em fazer o que gosta e isto lhe proporciona estar *dividindo amizade* com as pessoas; apesar do surf ser um esporte individual, gosta de conhecer *pessoas diferentes* e rever os amigos *dentro do mar*, na espera entre uma onda e outra.

Encontrei-a uma vez assistindo um campeonato na Praia Mole destinado apenas a *categoria masculino*, estava junto ao novo namorado que mora no interior do estado e que, segundo ela, foi o único que seu pai não implicou pois é conhecido da família há anos. Nesta ocasião comentou-me sobre a estrutura das competições e suas muitas viagens, onde a solidão é motivo de reclamação constante; diz que este ano está tentando convencer a família, que sempre lhe apoiou, de levar pelo menos um deles junto com ela nas viagens.

Ela tem ossatura larga e altura mediana, com os músculos corporais bastante desenvolvidos. Fica constantemente com os braços “armados” pelos exercícios intensos das remadas. Quando comento sua postura convidando-a a relaxar, diz que *é assim mesmo*, acredita que *é de família* pois seu irmão, que também é surfista, tem a mesma postura.

Decidiu investir na modelagem e transformação de sua corporalidade quando, ao entrar no circuito internacional, percebeu que para uma boa classificação precisaria ter um preparo físico que estivesse a altura de suas concorrentes. As categorias *atleta* e *trabalho* relacionando o que ela faz no surf foram mencionadas várias vezes durante todo o depoimento (*como atleta... meu trabalho*). Até então, apesar de já ter ganho muitos campeonatos, sentia-se *fraquinha* e propôs-se então uma disciplina corporal na qual passou a fazer exercícios paralelos, como natação, yoga e musculação, que lhe proporcionassem maior força nas pernas. No entanto passou depois por um importante período de adaptação pois sentiu-se muito desgastada devido as viagens constantes. Ainda assim atingiu seu objetivo. Insisti perguntando se agora que é campeã as cobranças relacionadas aos patrocinadores não são maiores para que se mantenha no topo, se

ela não se sentia pressionada, ela respondeu que não, ser campeã é o que uma atleta deseja, é a meta de todos, mas apresentar um bom resultado é consequência do *prazer* que ela tem no surf.

O grupo da Praia Mole:

O grupo da Praia Mole entrevistado é formado por mulheres que praticam o surf esporadicamente como atividade lúdica e complementar da preparação física, participando do circuito amador de competições em outras modalidades esportivas como o triathlon, vôo livre, natação em águas abertas e windsurf, colecionando títulos de campeãs e experimentando também vários outros esportes.

Provenientes de outros estados sendo uma estrangeira, escolheram Florianópolis para morar com suas famílias devido a beleza do lugar, preferindo a Praia Mole para a prática do surf. Com idades variando entre as faixas dos trinta, quarenta e cinquenta anos, todas tem formação universitária, algumas atualmente exercendo a profissão em horários intercalados com as práticas esportivas em rotinas diárias de duas horas de exercícios intensos para a manutenção do condicionamento físico. Horários estes negociados também com a rotina da família uma vez que para elas o esporte não é apenas uma prática individual, mas um projeto familiar onde há a preocupação de conduzir os filhos para uma vida considerada saudável e com bons hábitos.

HERA:

Hera tem trinta e seis anos, trabalha como médica atendendo em hospitais e em seu consultório, onde aplica tratamentos com acupuntura, terminando sua especialização na China. É campeã de *triathlon*, *windsurf* e vôo livre, praticando também *body boarding*, surf, natação, musculação, pólo aquático e *spinning*, passando a idéia de que experimenta muitos outros esportes.

Ao primeiro telefonema ofereceu-me sua casa para a realização da primeira entrevista recebendo-me com alegria, apesar de nunca termos nos visto antes; como campeã de várias modalidades esportivas está acostumada a dar entrevistas e é cordial com suas visitas: assim que cheguei serviu-me torta de chocolate com morangos e uma imensa xícara de chá. Começamos a conversar em sua sala de tons azuis, desfrutando de uma paisagem privilegiada pela localização geográfica da casa no alto de um morro: de um lado o mar salpicado de espuma

das ondas da Praia Mole, ao centro o verde do morro onde realiza saltos de asa delta, no outro lado a Lagoa da Conceição.

Estava vestida com um pequeno short justo e uma camisa de seda amarrada na cintura, mostrando desembaraço em sua maneira de sentar e andar; tem compleição miúda, sua altura e seus ossos são pequenos, seus gestos são curtos mas rápidos, fazendo um ritmo dinâmico em sua constante movimentação.

Divide a sala de troféus e materiais esportivos com o marido que também é campeão de vôo livre e um surfista *aficionado*, reclamando que os troféus e as premiações para a *categoria feminino* são menores no surf e no vôo livre, equiparando-se no triathlon e natação.

Ela começou a surfar de *morey* com vinte anos na Praia do Pepino, no Rio de Janeiro, como um complemento ao vôo livre para relaxar a musculatura, porque sua rede de sociabilidade era na praia e *todos os namorados daquela época surfavam*. Antes desta época, aos dezoito anos, já fazia ginástica em academia, corria treinando para maratona e fazia natação, ela não gosta de rotina, enjoa e muda de um esporte para outro, gosta de experimentar coisas novas; sobre o vôo livre justifica que resolveu aprender a voar porque *esporte é fazer*.

Seu filho de nove anos é mencionado várias vezes pois tem se preocupado em passar mais tempo com ele, o que tem procurado fazer dividindo momentos de atividades esportivas: agora vão juntos a academia e ele é o responsável por sua entrada no surf praticado em pé— quando o filho foi fazer a Escolinha de Surf ela o acompanhou e aprendeu a equilibrar-se em apenas dois dias.

Para ela um esportista é aquele que pratica esportes regularmente, precisando adequar horários ao seu ritmo de vida o que o obriga a geralmente praticar o esporte sozinho, ocasionalmente achando companhia que acompanhe sua intensidade. Neste muito exercitar o corpo transforma-se, assim como a própria percepção corporal com o passar dos anos.

Sua fala apresenta a mesma rapidez e intensidade dos gestos, esteve sempre sorrindo e reforçando suas afirmações com gírias que mostram seu entusiasmo pelos esportes e pela natureza: tudo é *show* ! No entanto afirma que para ela o surf não é “coisa de outro mundo”, gosta da diversão, do mar, da *história de ver se tem onda*, mas pensa ser mais empolgante o *windsurf* e o vôo livre pois tem mais descarga de adrenalina, velocidade e mais coisas para se preocupar. Acha que o acesso ao surf é muito fácil, além de ser fácil aprender e não precisar montar nenhum equipamento; a dificuldade está relacionada a ser profissional, o que não é o seu interesse. O surf para ela é uma brincadeira relaxante, mas quando fala do vôo livre enfatiza a

profundidade de sua experiência esportiva associando-a a um momento de reverência religiosa no êxtase do envolvimento com a natureza.

Participando do circuito esportivo amador, demonstra a busca incessante de uma auto-superação, exigindo de seu corpo o máximo de rendimento em exercícios constantes e intensos. Na primeira vez que a entrevistei afirmou-me que não entrava em nenhuma competição na qual não pudesse tirar ao menos o terceiro lugar. Nas demais vezes em que nos encontramos falou-me das *fases da vida* e que atualmente não tinha mais disposição para se *estressar* com nada, participando das competições apenas para divertir-se ocasionalmente nos finais-de-semana, pois estava trabalhando muito. Ela salienta uma preocupação com a ética nas competições associando com questões da vida diária onde procura ocupar seu espaço da melhor maneira possível sem interferir no espaço das outras pessoas.

Menciona com entusiasmo viagens que costuma realizar em companhia do marido `a lugares que apresentam bons ventos para velejar, como Jericoacoara e Caribe, ressaltando o trabalho desgastante e cuidadoso no transporte dos materiais. Esta atenção requerida na precisão da montagem dos equipamentos e reconhecimento detalhado das condições atmosféricas é ressaltada como algo imprescindível na realização de esportes radicais (como o vôo com asa delta) e também como algo que lhe absorve e proporciona prazer.

DEMÉTER:

Deméter tem quarenta e cinco anos, é atleta representante de uma academia da Lagoa na modalidade de natação em águas abertas, surfa com maior frequência no verão utilizando o pranchão do marido mas há muitos anos prefere o *body boarding* pois acredita que machuca menos o corpo e possibilita um melhor desempenho nas ondas.

Tem estatura média com ossatura miúda, na primeira entrevista estava vestida toda de malha preta fazendo propaganda da marca que a patrocina e deixando a mostra os braços finos e compridos que escondem a força de uma campeã; reclama de seu leve bronzeado, diz que está amarela, seus gestos são lentos e longos acariciando constantemente o corpo e o cabelo molhado e escorrido.

Seu interesse maior por atividades no mar começou quando cursava a faculdade de hotelaria no sul do país, aprendendo a surfar com os colegas enquanto ia estudar na praia, durante o inverno. Diz ter decidido *acomodar-se* em Florianópolis há dezoito anos ajudando a

estruturar um dos hotéis da cidade, casou com um surfista e teve uma filha que hoje, aos treze anos, começa também a aprender a surfar de *morey* e viaja com ela pelo estado competindo em natação.

Quando fiz a primeira entrevista não exercia mais a hotelaria, ao ser perguntada por sua situação profissional apresentou-se como *dólar*, isto é, representou-se como uma mulher do lar, que cuida da casa, da filha e do marido ajudando-o a administrar os bens da família em Florianópolis enquanto este viaja freqüentemente a negócios.

Cerca de um ano depois da primeira entrevista voltei a encontra-la, visitando-a em sua casa branca de dois andares, com um pequeno pátio gramado na frente. Havia bastante verde no local, na pequena varanda duas gaiolas mostravam uns pássaros com um topete interessante e acima deles, presas na estrutura de madeira da casa, reconheci velas enroladas, depois fui informada que era uma asa delta que estava ali abandonada porque o marido que a usava levou um susto muito grande e não estava voando mais. Depois me informou também que os pássaros eram do marido, ela não gosta de prender pássaros pois fica com pena mas estes já tinham nascido em cativeiro, além do mais se fossem dela não estariam naquela sujeira (na minha opinião, perceptível apenas para ela...).

Estava passando por um período de desentendimento com o marido pois havia batido com o carro e, apesar do culpado ter pago as despesas, o marido não se conformou dizendo que a lataria do carro nunca mais seria a mesma. A situação a deixou irritada e insatisfeita, desde então, percebendo sua dependência financeira, estava investindo energias na elaboração de um projeto de hotelaria com algumas amigas para atender grupos de turistas de terceira idade.

Fala sobre seu amor e dependência da água onde troca as energias, os esportes ali praticados são como uma terapia, executados com constância religiosa; diz que poderia ter nascido peixe, sente-se como um, o mar é sua segunda casa. Em sua tranquilidade, diz que fica inquieta e nervosa quando, por algum motivo imprevisto, não consegue nadar, precisa então tomar longos banhos e sentir a água escorrendo em seu corpo para conseguir se reintegrar, associando esta prática como sintoma da dependência de um vício: nadar.

É extremamente rigorosa consigo mesma: está contente em manter o ritmo com o passar dos anos e o ritmo é auto-superar-se, controla constantemente o seu tempo comparando distâncias e minutos com colegas num compartilhar de experiências, buscando sempre a manutenção e superação de suas próprias marcas, que tem registradas em seu *book*. Não imaginava que tinha a capacidade de vencer quando competiu e ganhou já na primeira vez, desde

então manter este desempenho é seu incentivo. Ressalta a importância do aperfeiçoamento da técnica corporal e fica extremamente aborrecida consigo mesma quando, eventualmente, não tira os primeiros lugares em sua categoria: significa que não treinou o suficiente, não exigiu-se o suficiente.

No Café das Artes, onde também conversamos, cumprimenta algumas adolescentes, filhas de amigos que nadam como ela e as quais ocasionalmente acompanha em viagens para campeonatos no interior do estado, responsabilizando-se por grupos de jovens esportistas. Diz que seu objetivo é ter saúde e praticar seu esporte com uma boa performance, quer ser um exemplo para a filha e suas amigas, assim como Bárbara foi e continua sendo para ela. Fazendo menção a diferenças de idade, afirma que no mar os grupinhos de conhecidos a incentivam (*vai, tia!*) e respeitam muito *a mulher*, uma vez que sempre *sobra* uma *ondinha*.

A filha, que já a ultrapassa em altura e pouco falou em sua presença, é atualmente competidora de natação por um clube da Ilha, entrando no circuito profissional; na sala de sua casa as duas dividem uma parede de medalhas e troféus.

Fala muito acerca de seus limites e ressalta que o circuito amador não pode ser comparado a um mundial profissional, reduzindo modestamente a importância dos campeonatos em que participa. Está contente de ter conseguido as marcas que a fazem uma campeã constantemente, acha que *as pessoas são aquilo que fazem...* e ela gosta do que faz, afirma-se como uma pessoa *feliz*.

ATENÁ:

Atená tem cinquenta e seis anos, é americana de origem, trabalha como professora em uma pós-graduação da UFSC; ofereceu-me sua sala conjunta na universidade para as entrevistas. Foi indicada pelas outras entrevistadas com admiração: é pioneira, afirma-se na história dos esportes de Florianópolis como a primeira mulher a habitualmente surfar na Ilha. É vista pelo grupo como alguém que serve de exemplo, tem uma conduta em relação aos esportes considerada como admirável.

Na primeira entrevista estava vestida toda de preto, com calça jeans e camisa de algodão com mangas curtas. Sua sala é branca, pequena e prática, com poucos objetos distribuídos entre as duas mesas. Pediu que a entrevista fosse realizada ao meio-dia, em seu

intervalo de trabalho, horário que depois me informa ser costumeiramente ocupado com exercícios de musculação nos aparelhos que mantém em casa.

Tem compleição mediana, seus gestos não tem hesitação, são poucos e firmes, senta-se ‘a minha frente com a coluna reta e a vontade, descansada sobre seu eixo gravitacional, mantendo os dois pés paralelos como base, posição esta que recorro ter visto sendo adotada por muitos surfistas devido ao hábito de sentar-se na prancha no tempo de espera. Em sua fala é direta e estabelece limites claros de polidez: comunica-me que não estou ali para perguntar sobre o problema de coluna que a impede definitivamente de praticar o surf e o consentimento para a utilização da conversa gravada é autorizado especificamente para fins acadêmicos.

Sua postura modifica-se levemente inclinando-se para frente a medida que me descreve sua entrada no surf e o conhecimento da formação das ondas pelo mundo: surfou na Califórnia, no Japão, na Austrália, no Hawai. Percorreu a costa do Pacífico contornando a América Latina desde os EUA, sozinha em um jipe, numa viagem de um ano e quatro meses exclusivamente para surfar, até decidir-se por ficar em Florianópolis, em 1976, depois de experimentar as águas da costa do nordeste e sudeste brasileiros.

Acredita que o surf cria *fanáticos* pois é um esporte que libera muita *adrenalina*, proporcionando um *desafio* constante que atrai as pessoas. Quando fala das viagens e do mar esquece sua concisão e é prolixa no relato de lugares e situações criando imagens fílmicas no ar, narra aventuras que escolheu viver. É decidida, planejou cada viagem calculando antecipada e minuciosamente as dificuldades a serem enfrentadas para alcançar seu objetivo: desfrutar o *prazer* de surfar. Não tem muitas fotos para mostrar, não queria se preocupar nem tinha destreza no manejo de um equipamento de captura de imagens, preferiu vivenciar inteiramente os lugares.

No Japão e na Austrália fez longa excursão como integrante de uma equipe de nado sincronizado, atividade cujos gestos são detalhadamente estudados e coordenados em conjunto, apresentando-se em piscinas de diversas cidades; em sua visita a aqueles mares, sua imagem causou espanto e foi estampada como “estrela” nos jornais: era um tempo onde não se viam mulheres surfando naquele espaço.

Quando chegou ao Brasil decidiu ficar em Florianópolis porque apreciou muito o lugar e conheceu o atual marido, que na época também surfava. Menciona sorrindo que sua filha de dezessete anos aprendeu a surfar recentemente e está em processo de aprendizagem e manutenção do esforço esportivo.

Menciona ter participado inicialmente de pouquíssimos campeonatos de surf nos EUA, porém seu tempo administrado com estudo e trabalho não lhe permitiu, pois para tanto julga que precisaria mais dedicação ao esporte.

Atualmente, em sua divisão semanal do tempo, há uma rotina doméstica já organizada para as atividades esportivas, num acordo familiar sobre a divisão das tarefas onde o marido incumbe-se da alimentação diária. Os horários dedicados as atividades esportivas como a musculação e a natação são considerados um tempo necessário reservado para estar a sós consigo mesma; sua voz, com um leve sotaque estrangeiro, torna-se um pouco mais pausada quando salienta que é uma necessidade pessoal ... precisa fazê-lo. Afirma que seu álibi é o problema de coluna, mas que a intensidade e frequência de exercícios a ajudam também na concentração para o trabalho, pois sente que praticando esportes seu tempo rende mais uma vez que sua concentração aumenta.

Cerca de um ano após a primeira entrevista, voltei a encontrá-la na universidade para conversarmos, ocasião em que explicou-me sua linha de pesquisa em lingüística. Mencionou também que seus problemas de saúde aumentaram mas que tem mantido um certo controle devido a grande intensidade com que tem dedicado-se especialmente à natação pois tem participado assiduamente dos campeonatos de nado em águas abertas, conseguindo as primeiras colocações em sua categoria. Como tem visto os resultados benéficos que o esporte tem lhe trazido, apesar de não evitar que os problemas corporais apareçam, já planeja um retorno contínuo ao surf; o pai de Perséfone emprestou-lhe um pranchão e depois de muito tempo parada em relação ao surf dedica-se no momento a estudar cuidadosamente sua volta ao surf segundo o limite que seu corpo lhe permita. Já fez nova tentativa e está entusiasmada.

Estes momentos das entrevistas são fragmentos dos perfis das surfistas entrevistadas, perfazendo idéias imagéticas da complexidade envolvida no ser uma mulher esportista. Como num quebra-cabeças cada detalhe junta-se às outras formas, compondo os desenhos da construção das corporalidades no viver social.

Como pesquisadora investigando a partir da forma como o esporte é praticado na atualidade, na cidade em que resido, vi a multiplicidade de sujeitos que aderem ao surf, fazendo a história social dos esportes. Vi também a multiplicidade de formas com que estes sujeitos se desdobram em seu dia-a-dia para atenderem a escolha consciente que fizeram em seus projetos-de-vida de praticarem esportes intensamente.

Procurando dialogar a partir dessa idéia de um sujeito múltiplo e pensando na multiplicidade da forma como o conhecimento é construído em várias direções a partir de um mesmo ponto, pensei a estrutura desta dissertação, bem como a escrita etnográfica vendo-as como forma e conteúdo interligados. Considerando as discussões sobre a escrita, autoridade e autoria etnográficas feitas por GEERTZ(1997) e CLIFFORD(1998), penso esta dissertação de mestrado como um exercício etnográfico, mas também como um documento a ser consultado na pesquisa de grupos urbanos. Procurei então um diálogo inicial com algumas áreas de conhecimento com as quais travei contato durante o processo de pesquisa, pensando em convidar o meio acadêmico a pensar o esporte, especificamente o surf, a partir da Antropologia. Pensando nos limites com que o tempo é administrado na atualidade, na academia, procurei uma estrutura de capítulos que também poderia ser uma forma prática de leitura, podendo ser feita separadamente, mas convidando ao todo.

Assim, no primeiro capítulo faço o embasamento de como o esporte é pensado aqui através da idéia filosófica do jogo (HUIZINGA, 1990; CALLOIS, 1990), jogo este que permeia as interações sociais e que aqui ressalto através da polissemia comunicativa do corpo (MAUSS, 1974 ; GOFFMAN, 1975). Especifico também as conotações simbólicas que percebi nos grupos pesquisados relativas ao jogo de incorporação de técnicas corporais esportivas (WACQUANT, 2002), incorporação esta que varia conforme as motivações do sujeito (SCHUTZ,1979), dando sentido a forma como adere ao esporte.

No segundo capítulo faço uma breve etnografia da região central da Lagoa da Conceição, região onde transitam cotidianamente as surfistas entrevistadas que residem nos arredores. Esta é uma pequena região mas de importância capital na cidade pelo grande número de turistas que atrai e pelo grande número de moradores provindos de outras localidades que abriga. Optei então por dialogar com a Engenharia Ambiental, procurando contribuir para a contextualização atual da região. Ressaltei também as duas praias enfocadas, ou seja, a Praia Mole e a Praia da Barra da Lagoa, levantando aspectos iniciais das similaridades e diferenciações de público entre estas duas praias através de hábitos apontados por seus frequentadores, seja por questões de aparência corporal que envolvem concepções de alimentação e distinção social, seja por questões ligadas ao etnocentrismo dos grupos frequentadores, formando a configuração do *localismo*, que diferencia e torna exclusivo o seu espaço em relação aos demais.

Fiz também um estudo inicial do espaço procurando ver como se configuram os agrupamentos humanos nestas praias, permeando uma Geografia Cultural, entendida aqui como

um estudo de um espaço móvel, variável conforme se modelam as redes de sociabilidade que trocam ali conhecimentos sobre o meio-ambiente. Utilizei para tanto as categorias de mancha, pedaço e trajeto de MAGNANI(1996).

No terceiro capítulo faço algumas reflexões sobre as idéias do natural e do corpo saudável no mundo do surf, procurando um diálogo relativista com a Medicina do Esporte que aconselha os cuidados com o corpo e as atividades físicas como práticas culturais saudáveis em nossa sociedade. Abordo também concepções sobre idéias de alimentação saudável difundidas no mundo do surf, abrindo um diálogo possível também com nutricionistas e treinadores físicos.

No quarto capítulo abordo o surf como uma técnica corporal formadora de grupos de sociabilidade apontando para a História Cultural do surf, cujo conhecimento é construído e transmitido através de livros e revistas, assim como pelas histórias praticadas e contadas pelos surfistas. O surf é aqui entendido como um esporte radical moderno, com regras obedecidas internacionalmente, mas que também é construído por cada um no desenvolvimento do ato de surfar, no aperfeiçoamento das manobras e na ocupação do espaço marítimo.

No quinto capítulo trato especificamente do espaço das mulheres no(s) esporte(s) e da multiplicidade de imagens com as quais uma mulher esportista dialoga em suas interações sociais no que tange aos discursos sobre as diferenças sexuais (SCOTT, 1995). Diferenças que também se estabelecem não apenas entre homens e mulheres, uma vez que o surf é um esporte ainda hoje praticado preponderantemente por homens, mas também que dialogam na diferenciação entre as próprias mulheres conforme os esportes que escolhem praticar e a maneira que a ele(s) aderem. Aqui dialogo com a Educação Física, especialmente no que se refere a pensar as relações de gênero nas práticas esportivas e na educação escolar. Através da leitura de algumas imagens midiáticas, dialogo também com a Propaganda e a Moda, questionando a unilateralidade com que a imagem da mulher é preponderantemente apresentada nas revistas de surf, procurando apontar para a multiplicidade do sujeito(MOORE, 2000) através dos depoimentos de minhas entrevistadas.

CAPÍTULO 1

O JOGO E AS INTERAÇÕES SOCIAIS

Neste capítulo faço o embasamento de como o esporte é pensado nesta pesquisa através da idéia filosófica do jogo, jogo este que permeia as interações sociais e que aqui ressalto através da polissemia comunicativa do corpo. Especifico também as conotações simbólicas que percebi nos grupos pesquisados relativas ao jogo de incorporação de técnicas corporais esportivas, incorporação esta que varia conforme as motivações do sujeito, dando sentido a forma como adere ao esporte.

1.1 – A idéia filosófica do jogo construindo as relações sociais:

O surf, enquanto prática corporal, situa-se no campo do esporte, aqui entendido como uma prática regrada cujo surgimento é datado historicamente na modernidade. Por sua vez, o esporte tem sua origem no jogo, na atitude lúdica do ser humano. Acredito ser interessante trazer aqui o pensamento de alguns teóricos que nos ajudam a pensar o jogo e a organização social para ter elementos de análise tanto acerca do tipo de experiência esportiva que os grupos entrevistados escolhem vivenciar, quanto para pensarmos a construção da corporalidade como um jogo interativo permanente em nossa sociedade, constituidor do próprio tecido social.

HUIZINGA(1990) falando sobre “A Natureza e Significado do Jogo como Fenômeno Cultural”, apresenta o jogo como um elemento presente na maioria das manifestações da cultura, sendo um componente das relações sociais; para ele as ações do homem estão permeadas por uma espécie de espírito de jogo, onde as pessoas arriscam e disputam seguindo regras diferentes do cotidiano, mas que emergem dele, acordos que alternam as competências; assim, tanto na poesia como no direito e na guerra o homem joga. Há jogo na política e nas relações sociais, a linguagem é um jogo de elaboração do conhecimento humano.

Atividade voluntária, o jogo só se torna uma necessidade urgente na medida em que o prazer por ele provocado o transforma numa necessidade; liga-se a noções de obrigação e dever apenas quando constitui uma função cultural reconhecida, como no culto e no ritual. O jogo, para Huizinga, é liberdade; não é vida “corrente” nem vida “real”, é uma evasão da vida

“real” para uma esfera temporária de atividade com orientação própria. Todo jogo é capaz de absorver inteiramente o jogador; nunca há um contraste bem nítido entre ele e a seriedade, sendo a inferioridade do jogo sempre reduzida pela superioridade de sua seriedade.

Mas também, para Huizinga, é possível ao jogo alcançar extremos de beleza e de perfeição que ultrapassam em muito a seriedade. O jogo é desinteressado pois se situa fora do mecanismo de satisfação imediata das necessidades e dos desejos e, pelo contrário, interrompe este mecanismo. Uma de suas principais características é a estruturação em um outro limite de espaço e tempo, distinguindo-se da vida “comum”; joga-se com uma meta, enquanto está decorrendo tudo é movimento, mudança, alternância, sucessão, associação, separação. Sua qualidade é poder ser repetido, os elementos de repetição e alternância constituem como que o fio e a tessitura do objeto.

A limitação no espaço é mais aparente que a limitação no tempo; não há diferença formal entre o jogo e o culto, assim como o “lugar sagrado” não pode ser formalmente distinguido do terreno do jogo. O templo, o palco, a tela, o campo de tênis, o tribunal, etc, têm todos a forma e a função de terrenos de jogo, isto é, lugares proibidos, isolados, fechados, sagrados, em cujo interior se respeitam determinadas regras. Todos eles são mundos temporários dentro do mundo habitual, dedicados a prática de uma atividade especial.

Para Huizinga o jogo cria ordem e é ordem, introduz na confusão da vida e na imperfeição do mundo uma perfeição temporária e limitada; o jogo é ligado ao domínio da estética com efeitos de tensão, equilíbrio, compensação, contraste, variação, solução, união e desunião. Ordem, tensão, movimento, mudança, solenidade, ritmo, entusiasmo são características lúdicas presentes nos jogos desde os primórdios da humanidade. Huizinga aponta o surgimento da forma poética pela expressão verbal como o diferenciador entre o jogo humano e o jogo animal, cultura x natureza; quando o homem adquire a consciência de estar integrado numa ordem cósmica, encontra sua expressão primeira e mais sagrada, no jogo, aproximando-o do culto.

Huizinga diz que o jogo é fascinante, é cativante, pois tem ritmo e harmonia tencionados pelo acaso. Embora esteja além do domínio do bem e do mal, o elemento de tensão lhe confere um certo valor ético, na medida em que são postas a prova as qualidades do jogador: sua força e tenacidade, sua habilidade e coragem, além de sua lealdade as regras.

O jogo promove a formação de grupos sociais com tendência a rodearem-se de segredo e a sublinharem sua diferença em relação ao resto do mundo por meio de disfarces ou

outros meios semelhantes. Huizinga vê na dança a união da festa e do jogo, a festa é a atitude de celebração, própria ao ato sagrado.

A função do jogo é, segundo Huizinga, o de ser uma luta por alguma coisa ou a representação de alguma coisa; representação aqui entendida não como uma realidade falsa, mas como a realização de uma aparência: é a imaginação, no sentido original do termo.

O homem moderno, segundo Huizinga, através da pura experiência estética é transportado para além da vida cotidiana: o mundo do jogo. Em seu texto de 1938, Huizinga ainda é marcado pelo evolucionismo, comparando o mundo do jogo com o mundo do selvagem, da criança e do poeta. Sua exigência de que o jogo deve ser uma atitude desinteressada, é hoje questionada diante da infra-estrutura dos eventos esportivos na contemporaneidade; no entanto o desenvolvimento de sua investigação filosófica sobre o jogo, continua sendo um marco e base de demais teorias que pensaram o esporte e sua presença na vida cultural. Huizinga propõe a existência de um *homo ludens* cujas atitudes estão permeadas de um espírito de jogo, sendo este construtor da cultura.

GASTALDO(1999:141-143) observa que Huizinga escreve seu conceito de jogo logo após a utilização do esporte como propaganda política pelos nazistas nos Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936, tendo a preocupação de demarcar sua crítica. O desenvolvimento de seu conceito parece padecer de uma certa nostalgia de uma “pureza perdida” ao considerar o jogo como sendo destituído “de todo e qualquer interesse material” uma vez que deixa de fora o esporte profissional e os jogos de azar como uma corrupção do espírito do jogo. Segundo Gastaldo, sua insistência em afirmar que “a menor desobediência as regras estraga o jogo”, não contempla as transgressões que acontecem no próprio jogo como ultrapassagem do limite da regra, por exemplo, quando alguém provoca uma falta no futebol como forma de evitar um gol do adversário.

Roger CALLOIS(1990) nos proporciona uma ampliação da reflexão sobre a temática do jogo, apresentando críticas a Huizinga uma vez que este não leva em conta os jogos de azar, exigindo o desinteresse material na atividade. No entanto, para Callois, no jogo pode haver deslocamento de propriedade e não produção de bens, deixando em aberto também a complexidade da profissionalização dos jogos modernos. Para ele o jogo é ocasião de gasto total: de tempo, de energia, de engenho, de destreza e muitas vezes de dinheiro, para a compra dos acessórios ou para eventualmente alugar um lugar qualquer.

Ainda assim o pensamento de Huizinga e Callois apontam aspectos interessantes de serem observados diante dos dados desta pesquisa, uma vez que entre os grupos de mulheres surfistas que entrevistei o jogo é um elemento ordenador da experiência e permeia as relações sociais no meio em que vivem, estejam incluídos aí interesses financeiros ou não.

A partir do pensamento de Huizinga da existência de um espírito de jogo que permeia o social, mas criticando-o também por não especificar as diferenças entre as possibilidades da experiência, Callois apresenta uma classificação geral que procura abranger os principais tipos de jogos praticados pelo ser humano. Apesar do acento evolucionista, seu estudo tem servido de base a interpretações das atividades lúdicas e esportivas, apresentando uma classificação do jogo em quatro categorias básicas, sendo *agôn*, como os jogos de competição; *alea*, como os jogos de azar; *mimicry*, como jogos de representação e *ilinx*, como jogos de vertigem.

Segundo Callois, o termo jogo combina em si as idéias de limite, liberdade e invenção, assim como sorte e destreza. Todo jogo é um sistema de regras que definem o que é permitido e o que é proibido; um conjunto de restrições voluntárias que são aceitas de bom grado, estabelecendo uma ordem estável. A existência de limites é associada a capacidade de invenção dentro desses limites, mantendo uma relação entre os dois pólos. Para ele, os modelos sugeridos pelos jogos constituem antecipações do universo regrado que deverá substituir uma anarquia natural.

Ainda segundo Callois, os jogos de competição conduzem ao desporto, os jogos de imitação e de ilusão prefiguram as religiões do espetáculo; os jogos de azar e de combinação estiveram na origem de vários desenvolvimentos das matemáticas. Jogos de força, de destreza e de cálculo são exercícios que auxiliam na auto-afirmação da criança e na formação de sua personalidade, tornam o corpo mais vigoroso, dócil e resistente, sendo cada jogo um reforço e estímulo a qualquer capacidade física ou intelectual.

O jogo introduz o indivíduo na vida, aumentando-lhe a capacidade para ultrapassar os obstáculos e dificuldades. Para Callois o jogo é uma atividade de luxo que supõe o ócio; exige atenção, inteligência e resistência nervosa, conduzindo o indivíduo a um estado de efervecência. Procurando definir características específicas presentes em todos os tipos de jogos, afirma que o jogo é uma atividade livre, delimitada, incerta, improdutiva, regulamentada e fictícia.

Aprofundando um pouco suas categorias fundamentais de classificação dos jogos, Callois apresenta *agôn* como um grupo de jogos que aparece sob forma de competição, ou seja, como um combate em que a igualdade de oportunidades é criada artificialmente para que os adversários se defrontem em condições. O tênis, o futebol, o boxe, a esgrima, o atletismo, toda espécie de corridas, o golf, assim como as damas, o xadrez e o bilhar são exemplos de diferentes tipos de jogos de competição, variando o seu enfoque no caráter muscular ou/e cerebral do jogo. O interesse do jogo *agôn* é o desejo de ver reconhecida a excelência num determinado domínio, disputado pelos participantes. A prática do *agôn* supõe uma atenção persistente, um treino apropriado, esforços assíduos e vontade de vencer; implica disciplina e perseverança.

Alea é o nome em latim para um jogo de dados, utilizada por Callois para designar os diversos tipos de jogos de azar, nos quais a decisão não depende do jogador sendo o jogo mais uma forma de vencer o destino do que um adversário, a arbitrariedade do acaso constitui o único interesse desse jogo. O jogador é passivo, limita-se a aguardar e arriscar uma aposta; a *alea* elimina o valor profissional e o treino, zomba do mérito. Os dados, a roleta, o cara ou coroa e a loteria são exemplos de jogos *alea*; outros jogos combinam forma *alea* e *agôn*, como é o caso do dominó, do gamão e os jogos de cartas, onde os jogadores procuram “administrar” o acaso.

Segundo Callois, os animais conhecem os jogos de competição, de simulação e de vertigem, mas os jogos de azar apresentam-se exclusivamente como jogos humanos. Explica ele que aguardar passiva e deliberadamente a decisão de algo fatídico, por ela arriscar um valor para o multiplicar na proporção das hipóteses de o perder, é uma atitude que exige capacidade de previsão, de memorização e de especulação, de que só uma reflexão objetiva e calculista é capaz.

Por sua vez, *mimicry*, palavra que em inglês designa o mimetismo, exacerba o imaginário comportando os jogos de ilusão, de representação, onde o jogador despoja-se temporariamente de sua personalidade para fingir uma outra, mudando a aparência de quem participa. A mímica e o disfarce são os aspectos fundamentais desse jogo veiculando o prazer de experimentar ser um outro ou de se fazer passar por um outro.

Conforme Callois, a criança, em sua imitação do adulto, imita e aprende seu comportamento, havendo aqui um aprendizado dos papéis de gênero quando as meninas brincam de mães e cozinheiras, e os meninos de soldado e *cowboy*. Estes jogos abrangem toda a diversão com máscaras e representação dramática. A simulação de uma realidade outra faz da *mimicry* uma invenção incessante. A contínua submissão a regras imperativas e precisas é a única característica do jogo que não aparece aqui, sendo que a liberdade, a convenção, a suspensão do

real e o espaço e tempo delimitados, características que continuam a preponderar sobre estas atividades lúdicas.

A última classificação dos jogos, *ilinx*, apresenta aqueles que buscam a vertigem, que procuram atingir uma espécie de espasmo, de êxtase, de transe ou de estonteamento que desvanece a realidade rapidamente, servindo-se de elementos de pânico. Segundo Callois, *ilinx* é um termo grego para o turbilhão das águas, de onde deriva o designativo de vertigem (*ilingos*). Rodar rapidamente, gritar até a exaustão, rolar por uma ladeira, provocam sensações de prazer através do atordoamento pela velocidade imprimida, assim como no ski, na moto, e nas corridas de carro.

As características dos jogos *ilinx* correspondem a experiência do surf, uma vez que é um esporte de deslizamento em velocidade que provoca um certo atordoamento dos sentidos conforme também o tamanho das ondas. Nos depoimentos elas referem-se ao aumento da adrenalina no corpo que a prática do surf acarreta, assim como ao prazer e a sensação de êxtase que o surf proporciona. Segundo Callois, as características dos jogos podem também ser combinadas, cabendo aqui associar *ilinx* com *agôn*, não apenas quando há participação em competições oficiais, mas também quando há disputas cotidianas pela posição na mesma onda.

1.2 O processo comunicacional como um jogo de interações que permeia o social no meio urbano:

Interessou-me também, e principalmente, a interação social estabelecida pelos grupos no que se refere aos espaços de sociabilidade que são formados a partir dos vínculos esportivos.

SIMMEL (1979) contribuiu significativamente para o estudo das metrópoles modernas na virada do século XX, e influenciou grandemente as pesquisas da Escola de Chicago, realizadas a partir dos anos 30. Em seu artigo sobre “A Metrópole e a Vida Mental”, de 1902, aponta a necessidade de “uma investigação que penetre no significado íntimo da vida especificamente moderna e seus produtos, que penetre na alma do corpo cultural”, respondendo a pergunta de “como a personalidade se acomoda nos ajustamentos as forças externas”¹⁵. Para tanto Simmel fala sobre a intensificação dos estímulos nervosos nas grandes cidades, questionando-se sobre as relações entre a economia, a moral, a sociabilidade e a vida subjetiva dos indivíduos, afirmando que “todas as exterioridades mais banais da vida estão, em última análise, ligadas às

¹⁵ SIMMEL 1979:14.

decisões últimas concernentes ao significado e estilo de vida”, onde “os conteúdos e formas de vida mais extensivos e mais gerais estão intimamente ligados aos mais individuais”¹⁶.

Distingue um “espírito objetivo” de um “espírito subjetivo”, lamentando que a divisão de trabalho e a conseqüente especialização em setores compartimentados implique na preponderância do primeiro em relação ao segundo, não deixando espaço para a manifestação de cada personalidade e levando o indivíduo à uma atitude *blasé*, uma atitude de indiferença que caracterizaria as grandes metrópoles¹⁷. O indivíduo apelaria então para reações extremas:

Isso resulta em que o indivíduo apele para o extremo no que se refere a exclusividade e particularização, para preservar sua essência mais pessoal. Ele tem de exagerar esse elemento pessoal para permanecer perceptível até para si próprio. SIMMEL 1979:26.

Dessa forma, Simmel aponta para a necessidade que todo o ser humano possui de elaborar para si um “modo de vida”. Procurando observar também como o ser humano ordena seu universo, a Escola de Chicago, no estudo das sociedades urbanas ocidentais, foi a primeira escola de sociologia urbana da história da disciplina. Desenvolveu-se entre as duas guerras mundiais da primeira metade do século XX, período em que a sociedade americana passou por grandes transformações e entrou numa grave crise econômica, onde a disciplina surgiu em função das preocupações com as condições de vida nas grandes cidades.

O domínio estudado pela sociologia de Chicago até 1930 foi bastante amplo. Além dos estudos urbanos, ecológicos e outros, pesquisou-se a respeito de movimentos sociais, revoluções, seitas, comportamento de massas e multidões, opinião pública, relações raciais, psicologia social, várias formas consideradas como patologia social onde eram incluídos os estudos sobre crime e delinqüência¹⁸. A teorização da ecologia urbana ali criada contemplava de modo mais específico a estrutura espacial da cidade no estudo das relações entre os diferentes grupos culturais, étnicos e raciais, especialmente de negros, iniciados por Thomas (primeiro sociólogo americano a unir teoria a pesquisa de campo) e continuados por Park, que considerava a cidade como o laboratório de pesquisas sociológicas por excelência (EUFRÁSIO, 1999: 34).

Segundo GOLDENBERG (1999) a sociologia da Escola de Chicago abriu caminho para vários temas de pesquisa e desenvolveu novas correntes teóricas, como as teorias

¹⁶ Ibidem, p.17;22.

¹⁷ Ibidem, p.18,19;25,26.

¹⁸ Para maiores informações acerca de um diálogo, crítica e contraposição as idéias de “patologia social” da Escola de Chicago, remeto ao artigo de Loïc WACQUANT. Três Premissas Perniciosas no Estudo do Gueto Norte-Americano. Revista Mana – Estudos de Antropologia Social. Vol.2, n.2, 1996: 145-160.

do rótulo e do desvio estudadas por Becker e Goffman¹⁹. Goffman fez parte da Escola de Palo Alto, na Califórnia, onde foram realizadas importantes pesquisas sobre teoria da comunicação, considerando-a como um sistema de múltiplos canais onde o ator social participa integralmente através de aspectos não verbais como os gestos, o silêncio e o olhar, superando a noção de comunicação apenas como a transmissão objetiva de uma mensagem do emissor para o receptor.

Participaram com Goffman nesta escola Bateson, Hall, Birdwhistell, Watzlawick, Schefflen e Sigman, afirmando que o corpo possui uma carga potencialmente expressiva e comunicativa, sendo um mediador da relação do homem com o mundo; entre as possibilidades de comportamentos corporais, aqueles que representam “encontros significativos” são retidos pela cultura, constituindo códigos de comportamento corporal que conformarão o amplo sistema comunicacional.²⁰

Estes pesquisadores apontam para o que foi chamado de um novo conceito de comunicação, compreendendo-a como “um processo social permanente que integra múltiplos modos de comportamento: a fala, o gesto, o olhar, a mímica, o espaço interindividual, etc. Não se trata de fazer uma oposição entre a comunicação verbal e a “comunicação não-verbal”: a comunicação é um todo integrado”. WINKIN, 1998:32.

Falando sobre as formas de representação do eu na vida cotidiana, GOFFMAN(1975) diz que na vida cotidiana há uma clara compreensão de que as primeiras impressões são importantes. Assim, em qualquer situação de interação face-a-face, como numa entrevista, haverá uma manipulação dessa impressão na representação de uma fachada.

Fachada é, segundo GOFFMAN (1975:29;31), o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante sua representação²¹. Entre as partes da fachada pessoal podemos incluir os distintivos da função ou da categoria, vestuário, sexo, idade e características raciais, altura e aparência, atitude, padrões de linguagem, expressões faciais, gestos corporais e coisas semelhantes.

¹⁹ Para maiores informações acerca dessas teorias remeto `a Maria Dulce GASPAR. Garotas de Programa: prostituição em Copacabana e Identidade Social. RJ: Zahar, 1985. Acerca de toda a obra de Goffman, remeto ao estudo de Isaac JOSEPH. Erving Goffman e a microsociologia. RJ: Ed. FGV, 2000.

²⁰ Para maiores informações também sobre o uso desta abordagem remeto à pesquisa de Luciana HARTMAN. Oralidades, Corpos, Memórias – performances de contadores e contadores de causos da campanha do Rio Grande do Sul. Florianópolis, PPGAS, 2000.

²¹ Para maiores discussões sobre “representações” remeto `a MYNAIO(1998) e GASTALDO(1999).

A representação apresenta uma concepção idealizada da situação, no entanto o indivíduo crê no papel que desempenha, na medida em que é a impressão de si que deseja passar à outrem.

Segundo GOFFMAN(1975:16), o processo comunicacional tem uma assimetria fundamental pois o indivíduo presumivelmente tem consciência apenas de um fluxo de sua comunicação, e os observadores têm consciência deste fluxo e de um outro. Por sua vez, neste jogo de interação, o papel do indivíduo também é controlado, restabelecendo a simetria do processo de comunicação e montando o palco para um tipo de jogo de informação, um ciclo potencialmente infinito de encobrimento, descobrimento, revelações falsas e redescobertas.

Enfatizando os pequenos aspectos da vida cotidiana, MAFFESOLI (1996) adota o conceito de socialidade para indicar as formas como os vínculos sociais são realizados na pós-modernidade, ressaltando a relevância da análise de todo o suporte sensível para a compreensão da sociedade como o fundamento incontornável das maneiras de ser.

Para mim, significa que a vida social não poderia se reduzir às simples relações racionais ou mecânicas que servem, em geral, para definir as relações sociais. Ele permite [o termo socialidade] integrar na análise parâmetros tais como o sentimento, a emoção, o imaginário, o lúdico, cuja eficácia multiforme não se pode mais negar, na vida de nossas sociedades. MAFFESOLI, 1996:106.

Dialogando com Simmel e a Escola de Chicago afirma que “as maneiras de ser” não dependem apenas de causas exteriores e dominantes, mas também de uma dinâmica interna na qual se estabelece um jogo de interações entre as imagens do eu e as imagens do ambiente natural e social. Este jogo operaria o reencantamento do mundo em nosso universo tecnicista, organizando a vida cotidiana em torno de imagens a partilhar, uma emoção estética em comum que forma os grupos sociais, as “tribos urbanas”.²²

De uma forma geral, no surf a experiência do social é feita através de vínculos afetivos que acha correspondência na variabilidade das disposições para a prática esportiva, dentro de um espaço urbano que é marcado pela abordagem hedonística da natureza. Maffesoli ao pensar a pós-modernidade propõe a existência de um *homo estheticus* que em muito é permeado pelas características do *homo ludens* de Huizinga, propondo a vida como obra de arte, aqui traduzida como a busca do momento de prazer produzido na prática esportiva.

²² MAFFESOLI, 1996:129,130.

Enfocando a construção das corporalidades e a formação dos grupos de sociabilidade, procurei levar em conta nesta pesquisa, as formas como as surfistas representaram-se e a relevância que conferem aos esportes dentro do campo de possibilidades oferecidos na vida urbana, observando nos relatos como elas ocupam o seu tempo e constroem o seu espaço na vida cotidiana em relação as atividades esportivas. A significação que conferem as suas escolhas compõem experiências diversificadas, formando diferentes *ethos* e visões de mundo sobre a existência e, conseqüentemente, diferentes projetos de vida daí decorridos (SCHUTZ,1979;VELHO,1994), dentro de uma experiência esportiva invariavelmente imersa nas relações de gênero e construtora das corporalidades.

1.3 - O corpo como um símbolo polissêmico de comunicação:

Para pensarmos o surf e suas transformações históricas é preciso também considerar a própria modificação dos costumes sociais relativos ao corpo nos processos interativos. A corporalidade é aqui entendida como a qualidade do que é corpóreo, relativo a tudo o que acarreta a construção corporal²³. Por sua vez, o corpo é aqui considerado como um símbolo polissêmico, construído nas interações sociais, portador e produtor de significados a serem interpretados entre a variabilidade dos grupos culturais conforme suas visões de mundo e noção de pessoa(MAUSS,1974) constituindo a lógica de coerência grupal.

Alfred SCHUTZ, falando sobre “Fenomenologia e Relações Sociais”(1979) afirma que num relacionamento face a face, o corpo do outro, os eventos que nele ocorrem (como corar , sorrir), inclusive os movimentos(retraimento, aceno) e atividades por ele desempenhadas (como conversar, caminhar, manipular coisas), podem ser apreendidos pelo intérprete como signos de comunicação para interpretação. No entanto, a comunicação requer tanto eventos do mundo exterior produzidos pelo comunicador, quanto eventos no mundo exterior apreensíveis para o intérprete.

²³ Os estudos de gênero desenvolvem diversas reflexões sobre o conceito de “corporalidade”, que aqui não são abordadas. Na busca do entendimento da construção das corporalidades das mulheres surfistas, enfoquei apenas o conceito de “incorporação”, a partir de WACQUANT(2002), que também trata da complexidade envolvida na construção social do corpo. Para maiores informações sobre o conceito de “corporalidade” nos estudos de gênero, remeto à pesquisa de Anna Paula VENCATO. “Fervendo com as *drags*”: corporalidades e performances de *drag queens* em territórios *gays* da Ilha de Santa Catarina. Florianópolis:PPGAS, 2002.

Para ser compreendido o comunicador tem, antes de produzir o signo, antecipar o código de percepção, de apresentação e de referência segundo o qual o intérprete o vai categorizar, criando um contexto interpretativo compartilhado por ambos. O código de interpretação do ato comunicativo é determinado pela situação biográfica dos indivíduos e pelo sistema de relevâncias que se originam dela.

GEERTZ(1978) em sua “Interpretação das Culturas” afirma que os códigos comunicativos são compartilhados por grupos culturais restritos. Assim, uma piscadela pode significar um distúrbio no nervo ótico, um aviso sobre a chegada de alguém, uma paquera ou um cisco no olho; sua interpretação depende do contexto que os indivíduos compartilham.

Acerca deste tipo de resolução GOFFMAN (1980:76-114) fala apontando o papel da expressão (dita ou não-dita) na interação social como um transmissor de impressões a respeito do indivíduo, cumprindo um papel comunicativo que orienta as ações.

Abordando “A representação do eu na vida cotidiana”(1975) Goffman observa que o processo de comunicação advém da expressividade do indivíduo e, portanto, da sua capacidade de dar impressão através da expressão que ele transmite e da expressão que emite. Na transmissão está caracterizada a comunicação no sentido tradicional, onde são usados os símbolos verbais ou seus substitutos, que o indivíduo usa propositadamente para veicular a informação que ele e os outros sabem estar ligada a esses símbolos.

Na emissão Goffman inclui uma ampla gama de ações das quais se deduz que a ação foi levada a efeito por outras razões diferentes da informação assim transmitida, numa forma de comunicação de natureza não verbal e geralmente não intencional transmitida pelo corpo, refletindo a tradição de comportamento do grupo de origem do indivíduo ou a posição social que requer este tipo de expressão. Quando é intencional pode ser manifestada, por exemplo, com olhares evitados e gestos de afastamento, vetando a aproximação do outro ou com aproximações de espaço, buscando a aproximação do outro.

Uma surfista com quem conversei conta ter ido surfar numa praia mais distante; chegando lá pela primeira vez, procurou aproximar-se de outras duas mulheres na espera da onda, quando percebeu que sua presença era indesejada. *Elas me olharam tão atravessado que eu remei logo pra longe. Respeitei: a praia é delas!* O sistema de comunicação que se estabelece dentro do mar é aqui formado por reconhecimentos de situações e impressões pessoais sobre o outro.

Goffman afirma que quando um indivíduo chega diante de outros suas ações, muito além de suas palavras, influenciarão a definição da situação que vai se apresentar a medida que os outros agirão “como se” o indivíduo tivesse transmitido determinada impressão. O olhar codifica uma forma de expressão comunicada pelo corpo exercendo uma forma de controle sobre o papel social do indivíduo, num jogo de informações, num ciclo potencialmente infinito de encobrimento, descobrimento, revelações falsas e redescobertas onde o observador leva vantagem sobre o ator, que pouco tem domínio sobre suas expressões interiorizadas nos processos interativos.

Interação é aqui entendida como a influência recíproca dos indivíduos sobre as ações uns dos outros, quando em presença física imediata; e papel social é considerado como a promulgação de direitos e deveres ligados a uma determinada situação social.

Quando um indivíduo projeta a definição da situação e com isso pretende, implícita ou explicitamente, ser uma pessoa de determinado tipo, automaticamente exerce uma exigência moral sobre os outros, obrigando-os a valorizá-lo e tratá-lo de acordo com o que as pessoas de seu tipo têm o direito de esperar. Implícitamente também renuncia a toda pretensão de ser o que não aparenta ser e, portanto, abre mão do tratamento que seria adequado a tais pessoas. Os outros descobrem então que o indivíduo os informou a respeito do que é e do que eles “devem” entender por “é”.

Um exemplo de como pequenos detalhes não-verbais compõem com a comunicação verbal um sistema de informações que modifica as ações foi vivenciado por uma das surfistas em viagem ao Peru, quando houve uma tentativa do sistema local de corrigir sua prática, envolvendo questões de gênero.

No Peru...teve um, um dia, no Peru tem ondas, no inverno, principalmente, quase sempre tem, tem onda grande. Então eu, eu fiquei numa casa na praia...os peruanos não...não são...pelo menos naquela época... não, não existia peruano que era rato de praia mesmo, como aqui, que largava tudo pra ir pra praia. Então eles surfavam mais no fim-de-semana...hã... durante a semana... tinham mais...hã, uns estrangeiros, brasileiros tinham lá. Tinha um dia, não sei se os brasileiros todos tinham ido pra outro lugar... só sei que cheguei num...cheguei numa praia...as ondas estavam LINDAS...e grandes, fiquei esperando, esperando, esperando porque eu não queria entrar num marzão sozinha. Então ninguém chegava até que, enfim, eu perdi a paciência e entrei. E eu tava lá fora, e eu tava... surfando... com muito cuidado, como eu tava

sozinha, e as ondas quebravam longe do...longe da praia. Aí eu vi um grupo de surfistas chegarem...eram peruanos...e...hã...mas...eles, eles chegaram, pegaram as pranchas, botaram as roupas de borracha e entraram rapidinho, não me viram pegar nenhuma onda. Quando eles chegaram lá fora, eu tava de costas... olhando pra ver quando a próxima onda chegava, e... o, o cara me viu de costas e, e perguntou alguma coisa assim, assim, “a última, a última seqüência quebrou por onde, quebrou por aqui mesmo?” E qdo eu me virei pra responder, ele olhou pra mim e disse: “Ah, pero eres mujer!” (risos)

(...) E a roupa de borracha! Cobre o corpo todo. E antes... só era o que que você achava e tal, “pensei que fosse um brasileiro cabeludo, daqueles, né”, porque só os brasileiros tinham cabelo comprido, né...e os peruanos não usavam, os homens peruanos não usavam cabelo comprido, só os brasileiros, então eles viam... cabelo comprido e era brasileiro, né. Aí... “Ah! pensei que era um brasileiro de... daqueles de, de cabelão”, né, “Pois é, não sou nem homem, nem brasileiro”. Aí disse: “Mulher! Mulher... você não devia estar aqui surfando essas ondas, olha, se você for lá no cantinho da praia, tem umas ondinhas bem legais, bem boazinhas pra você.” Eu disse: “Ah, é?! Quem sabe eu pego essa próxima onda pra chegar lá naquela praia!” E entrei na onda...e quando entrei na onda eu olhei pra cima, e ele estava lá olhando pra, pra baixo... de boca aberta, assim, ele não acreditava!

Atena, 56 anos, Praia Mole.

Outro exemplo de como os detalhes não-verbais podem construir o comportamento social nos esportes é o que Wacquant coloca sobre o aprendizado do boxe na convivência diária entre o treinador e os lutadores, quando o primeiro passeia pelo grupo observando e corrigindo suas práticas.

No interior desse dispositivo espaço-temporal, ele funciona a maneira de um *chefe de orquestra implícito*, passeando entre seus alunos e corrigindo seus gestos por meio de pequenos toques, seja em voz alta, por reflexões de ordem geral – que, como não visam a ninguém em particular, recebem a atenção imediata de todos -, seja por observações pontuais (...) que cada boxeador tem o cuidado de interpretar por conta própria, mesmo quando elas dirigem-se aos outros, seja, enfim, por sua presença atenta, que é suficiente, na maioria das vezes, para provocar uma autocorreção espontânea dos movimentos do pugilista que se sabe observado por ele. Essa pedagogia negativa e silenciosa, que pouco se utiliza das palavras e das ações visíveis, pretende, em primeiro lugar, assegurar que cada um respeite o andamento comum e permaneça no lugar que lhe cabe no dispositivo coletivo. A todo momento, opera-se uma *correção mútua pelo grupo*, que propaga e multiplica os efeitos da menor das ações do treinador. WACQUANT, 2002:144-5.

Pude observar em uma aula de uma Escola de Surf, na Barra da Lagoa, que o professor/treinador atuava junto a seu único aluno sobretudo transmitindo suas mensagens através de gestos, indicando correções em sua postura na busca de equilíbrio na prancha, de forma que poderia ser compreendido mesmo a distância uma vez que o aluno já começava a incorporar o linguajar gestual das manobras, sendo as palavras auxiliares em relação aos gestos.

Procurando compreender a comunicação verbal e não-verbal, assim como o problema da incorporação da cultura, Bateson e Margaret Mead vão pesquisar, em 1936, como a criança balinesa aprende a se tornar um membro de sua cultura ao comer, andar, brincar, dançar, dormir, etc, através dos vieses da psicologia social, antropologia, psiquiatria e ciência política. Bateson fotografa seqüências interativas gestuais e comportamentais, selecionando 759 fotografias e comentando-as junto as observações de Margaret Mead. Concluem que é através de suas experiências corporais dentro do sistema comunicacional (contatos com a mãe, higiene e cuidados, aprendizagem do andar, da dança, do transe, etc.) que a criança balinesa vai progressivamente se tornando um membro de sua cultura.

Em “Sexo e Temperamento”, ao falar sobre as adaptações e inaptações sociais, Mead faz uma interessante observação acerca da sociedade ocidental (no caso a americana), em relação a questões de gênero e também em relação as práticas esportivas, observando como os comportamentos são construídos verbalmente juntamente com inúmeros detalhes não-verbais decodificados pela cultura onde acontecem:

Consideremos, em compensação, a forma pela qual as crianças de nossa cultura são pressionadas à submissão: “Não se comporte como uma menina”. “As meninas não fazem isso.” A ameaça de que não irá comportar-se como membro de seu próprio sexo é usada para impor mil detalhes de rotina educacional e asseio, maneiras de sentar e descansar, idéias de esportividade e honestidade, padrões de expressão de emoção e uma multidão de outros pontos em que reconhecemos diferenças de sexo socialmente definidas, tais como limites de vaidade pessoal, interesse em roupas ou em acontecimentos atuais. De um lado para o outro, tece a lançadeira do comentário: “Meninas não fazem isso”, “Você não quer crescer para tornar-se um homem de verdade como papai?”, emaranhando as emoções da criança numa confusão que, se ela for infeliz bastante para possuir, mesmo em pequeno grau, o temperamento aprovado para o sexo oposto, pode evitar o estabelecimento de qualquer ajustamento adequado a seu mundo. (...) MEAD, 1988:283.

Aproximando-se e aprofundando esta linha de estudos, mais tarde, nos anos 40, Birdwhistell, no Departamento de Antropologia da Universidade de Chicago, coloca-se contra duas posturas sobre a maneira de pensar o corpo e o gesto. A primeira refere-se ao corpo visto

como um signo que pode ser recortado e traduzido em equivalentes lingüísticos, como alguns trabalhos ligados a fisionomia realizados pela psicologia e psiquiatria que colocam que “o corpo é mais natural do que a linguagem e oferece com isso uma expressão mais primitiva e mais verdadeira dos estados emocionais”. Assim, numa espécie de linguagem corporal traduzível em dicionários, determinada composição do rosto exprime tristeza, determinado arqueamento do tronco traduz timidez, etc.

A segunda postura contra a qual Birdwhistell coloca-se refere-se a todos os trabalhos que compreendem palavras gestuais utilizadas através de signos explicitamente convencionais, que devem ser simplesmente transportados a um outro código, à escritura.

Para Birdwhistell todos estes trabalhos baseiam seu procedimento numa equação entre signo e sentido que ele não pode aceitar.

É a relação entre diferentes elementos, reunidos no mesmo momento numa só pessoa, que traz o sentido. Em outras palavras, a significação flutua e só se cristaliza num contexto definido. Esse contexto inclui principalmente uma dimensão temporal muito considerável. Assim, Birdwhistell observa que a pessoa de má saúde pode deixar cair os ombros durante alguns segundos antes de se retomar e se recompor. Esse comportamento não aparece mais de uma vez a cada 15 minutos nos homens adultos. Senão, a significação muda: as pessoas a sua volta consideram o homem um fingidor ou um chorão. Mas esse ritmo e o seu significado são reservados aos homens adultos; mulheres, crianças e velhos podem repetir esse movimento com uma frequência muito maior, sem serem malvistas.(...) O corpo não é só regido “de dentro”, como pretendia a semiologia médica clássica ou o senso comum. É também governado por uma espécie de código de “apresentação de si mesmo em público” (Goffman). Não pode, portanto, ser atribuída uma significação universal, com base em certas invariantes biológicas, a determinada postura ou a determinado gesto; cada cultura e, dentro dela, cada contexto interacional utiliza o substrato fisiológico para elaborar uma significação socialmente aceitável. WINKIN, 1998:73,74.

As surfistas que entrevistei mostraram uma atenção dirigida ao corpo que caracteriza o *ethos* esportivo. Cada uma pensa o corpo e procura construí-lo em relação aos exercícios que o/os esportes escolhidos requerem e também em relação ao meio onde esses esportes são desenvolvidos. Para o aprendizado do surf é necessário que o corpo adquira uma gestualidade que alcance a flexibilidade e rapidez das manobras que ajudam a construir a imagem do surf como um esporte radical. Gestualidade esta que é variável conforme o estilo de surf a ser

executado (clássico ou radical) e que recebe qualificações valorativas referentes a performance esportiva²⁴.

FOUCAULT(1990) observa que não há consenso na idéia de um corpo social constituído pela universalidade das vontades , o que acontece é uma materialidade do poder exercida sobre o próprio corpo dos indivíduos.

(...) O domínio, a consciência de seu próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder: a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo...tudo isto conduz ao desejo de seu próprio corpo através de um trabalho insistente, obstinado, meticoloso, que o poder exerceu sobre o corpo das crianças, dos soldados, sobre o corpo sadio.(...)FOUCAULT,1990:146.

Segundo este autor, o corpo tornou-se aquilo que está em jogo entre as instâncias de controle e o indivíduo, entre os pais e os filhos. A revolta processada é respondida através de uma exploração econômica da erotização, desde os produtos para bronzear até os filmes pornográficos. Nesta mudança, o controle-repressão instituído é transformado em controle-estimulação: “Fique nu...mas seja magro, bonito, bronzeado!”(FOUCAULT, 1990:147).

1.4 - O jogo da incorporação no esporte:

WACQUANT(2002) fala sobre o aprendizado do boxe numa comunidade afro-americana de Chicago apontando para a “incorporação” do esporte como um aprendizado antes de tudo pelo corpo, pela pele, pelo suor, pelo exercício, pela repetição de gestos ao ponto em que eles se tornem automáticos e subservientes ao comando consciente, e, portanto, um aprendizado que é também mental. Pensa-se o movimento, planeja-se a gestualidade e sua intensidade conforme o grupo qualifique como o ideal para a performance.

Ao descrever uma luta e a quantidade de passos e posicionamento dos braços que um lutador já tem que estar acostumado a fazer para poder lutar, Wacquant observa o longo

²⁴ Jean-Claude SCHMITT(1995) faz uma interessante reflexão ligando o aprendizado dos gestos a veiculação de valores éticos, onde as mudanças históricas mais gerais definem e transformam os gestos ideais preconizados por um grupo social. Assim, por exemplo, na Grécia antiga Cícero fala da beleza moral contida nos movimentos e atitudes do corpo, no movimento das mãos, no andar e no olhar. Na Idade Média a palavra *gestus* – palavra de origem latina que designa os movimentos e atitudes do corpo em geral - desaparece pouco a pouco do vocabulário, o corpo sendo visto como prisão da alma, escravo dos vícios; em seu lugar é salientada a importância da *modéstia (modus)* como a busca de uma justa medida, o equilíbrio de uma virtude exaltada na época ao lado da coragem e da justiça, um comportamento conveniente que o jovem deveria esforçar-se em aprender para refletir uma beleza moral, preconizada pelo cristianismo.

processo de inculcamento do *habitus* pugilístico. Um erro pode significar levar um soco estonteante na cabeça, portanto, a pessoa tem que ser capaz de modificar sua posição conforme as regras do jogo, tendo que decidir a cada instante, em frações de segundos, essas mudanças regradas e reinterpretadas buscando surpreender o adversário.

(...) O domínio da teoria tem muito pouca utilidade, uma vez que o gesto não está inscrito no esquema corporal; e é somente quando o golpe é assimilado no e pelo exercício físico repetido *ad nauseam* que ele se torna, por sua vez, completamente claro para o intelecto. Há, de fato, uma compreensão do corpo que ultrapassa – e precede – a plena compreensão visual e mental. Somente a experimentação carnal permanente que constitui o treinamento como complexo coerente de “práticas de incorporação” permite que se adquira esse domínio prático das regras do pugilismo, o qual exatamente dispensa que essas regras se constituam como tal na consciência. (...)

Aprender a boxear é modificar insensivelmente seu esquema corporal, sua relação com seu corpo e o uso que dele fazemos habitualmente, de maneira a interiorizar uma série de disposições inseparavelmente mentais e físicas que, ao longo do tempo, fazem do organismo uma máquina de dar e receber socos, mas uma máquina inteligente, criativa e capaz de auto-regular-se, inovando-se no interior de um registro fixo e relativamente limitado de movimentos em função do adversário e do momento. A imbricação mútua das disposições corporais e mentais atinge um tal grau que mesmo a vontade, o moral, a determinação, a concentração e o controle das emoções transmutam-se em reflexos que dão sete vidas ao corpo. No boxeador já formado, o mental torna-se uma parte do físico e vice-versa; o corpo e a mente funcionam em simbiose total. (...) WACQUANT,2002: 89; 115-6.

Por sua vez no surf cada manobra é aprendida corporalmente e mentalmente associado a uma idéia de *evolução* usada em dois sentidos: evolução, como na dança, remetendo a movimento coreográfico, a gestos e passos; e evolução enquanto remetendo à subjetividade que se transforma. As revistas estampam e o surfista usa em sua forma de expressão verbal a idéia de que *o surf evolui*. A expressão sempre aponta para a técnica do surf, “*o meu surf evolui hoje*”, mas ele indiretamente se refere a uma pessoa: o surf remete à “mim”, à noção de pessoa (MAUSS,1974)²⁵, é considerado como sua propriedade, no sentido daquilo que lhe é próprio, quem evolui é ele mesmo, ao alcançar a destreza para suas manobras. O surf é então uma experiência corporal e também psicológica, a pessoa pensa-se, constrói-se no exercício.

²⁵ Mauss (1974) diz também que o ser humano, em diferentes culturas, sempre referenciou de alguma forma a palavra “eu-mim”, ainda que não explicitamente, mas através da nomeação das coisas que denotam relações de espaço e tempo entre o sujeito que fala e o objeto do qual ele fala. Marco Aurélio disse: “Esculpe tua máscara”, ostenta teu “personagem”, teu “tipo”, teu “caráter”. Idéia que se tornou nosso exame de consciência e identidade construída no corpo (MAUSS, 1974:211;234).

As personagens que são esculpidas na incorporação da prática esportiva modelam-se em meio a algumas problemáticas relacionadas à questões de gênero, no que se refere também ao reconhecimento e valorização de suas performances, havendo ali um jogo de empoderamento das mulheres, como comentou uma das surfistas ao referir-se as competições que participa.

...porque eu fico PODEROSA quando eu tô fazendo meu esporte!

PODEROSA! Porque...eu sou perfeccionista, entendeu, então, enquanto eu não sei fazer BEM, eu não me...não apareço em público pra fazer, nunca vou entrar num campeonato de natação se eu não tenho chance de chegar pelo menos em terceiro lugar. Eu não entro. Então quando eu entro é porque eu já tenho...já percebi que eu tenho chance de me dar bem. Então quando eu chego...em qualquer...competição, assim...eu faço bonito, aí neguinho não vem com gozação, não, não dá espaço, entendeu...pelo contrário, eles me respeitam, tanto no vôo livre, que eu atochô, eu monte de homem, ganho de um monte de homem...então...e faço coisas que eles não fazem...sabe, que eu sempre, eu, eu tinha...antes de ter filho eu era meio porra-louca...eu arriscava muito! E tinha caminhos, rotas que eles tinham medo de fazer...que eu cansei de...cheguei do Rio muito atirada...á...eu cheguei...fazia...eles assim pelo radinho: cê passou? Onde é que cê tá, cê conseguiu passar? Eu falei: vocês vão tudo pra puta que pariu! Querem ver se eu passei, vem atrás! (risos)

Então...eu sempre fui muito assim e não, não dá espaço pra...pra...pra reclamar, pelo contrário, eles curtem, assim, quando vê que uma pessoa... Hera, 38 anos, Praia Mole.

Nessa construção da imagem de si mesmo, através dos depoimentos é possível perceber uma transformação histórica das formas de representar-se como mulher na incorporação das práticas esportivas.

1.5 - As conotações simbólicas da incorporação de técnicas corporais esportivas:

Segundo as surfistas entrevistadas, o esforço do aprendizado das técnicas corporais no surf é recompensado pelo *prazer* que a atividade esportiva proporciona, onde corpo e mente estão interligados impulsionando as ações.

Alfred SCHUTZ(1979:123-126), afirma que as ações são comportamento motivado. Apresenta duas formas como se pode entender as motivações de um sujeito:

(...) motivo pode ter um significado subjetivo e um significado objetivo. Subjetivamente, refere-se à experiência do ator que vive o processo da atividade em curso. Para ele, motivo que dizer o que ele realmente tem em vista como atribuidor de significado à sua ação em curso, e isso é sempre o “motivo a fim de”, a intenção de realizar um estado de coisas projetado, atingir um objetivo preconcebido. Na medida em que o ator vive em sua ação em curso, ele não tem em vista os seus “motivos por que”. Somente quando a ação é realizada, quando, na terminologia que propusemos, ela se torna um ato, é que ele pode voltar-se para a sua ação passada, como um observador de si próprio, e investigar em que circunstâncias foi determinado que fizesse o que fez. (...)

(...) o “motivo a fim de” (...) é, portanto, uma categoria essencialmente subjetiva, que só é revelada ao observador se ele pergunta o significado que o ator atribui à sua ação. O “motivo por que” genuíno, entretanto, como descobrimos, é uma categoria objetiva, acessível ao observador, que tem de reconstruir a partir do ato realizado ou, mais precisamente, a partir do estado de coisas provocado no mundo exterior pela ação do ator, a atitude do ator em sua ação. (...) SCHUTZ, 1979: 125, 126.

Solicitei às surfistas entrevistadas que me contassem suas histórias de vida no esporte, onde evidenciaram em seus discursos os “motivos por que” escolheram ocupar o tempo de suas vidas com o esporte, seja por hobby ou profissão²⁶. Também solicitei que me contassem os “motivos a fim de” que decidem vivenciar a performance esportiva com intensidade.

Uma diz que o que a motiva estar em cima da onda é liberar a tensão do dia-dia de estudar, e aponta para o *prazer* que sente em harmonizar-se com algo que não está inteiramente sob seu controle.

É muito bom, é muito pra, é muito prazer, assim ó...pô, tu sente ficar assim, é muito bom assim...surf, assim tá numa água, no meio da natureza... aí vem aquela...uma onda nem ainda nem tá formada tu já vê aquela ondulação, e já vira e já pega, assim, por cima da onda com a ...com a força da natureza, entendeu, uma coisa que... eu não sei o que controla, né, não é igual computador que tá ali no... mexendo, tu que tá controlando ele, tu que manda nele, e ali não... é hora que... meio... ah, não tem como explicar, é muito bom, assim, legal. Surf, tira assim, não tem aquela tensão do dia-a-dia que é...estudar, que é...sabe, tu...esquece tudo ali pra...só pra ficar ali em cima, só pra praticar o surf. Não é muito, não tem... não é a mesma coisa, assim, do que, sei lá...que eu ir pra escola, entendeu. A escola tem uma obrigação que tu tem que tá ali... tu tem que tá pensando em outras coisas, tem que tá pensando no mundo inteiro, tem que tá...no surf não, no surf tá só tu e...a onda...(…), parece que tá voando, esquece assim de

²⁶ Motivos estes que explicito ao longo desta dissertação.

tudo mais, só...quando tá sentado tu ainda tá pensando...né, o que eu vou fazer amanhã? O que que eu vou fazer hoje? O que que vai acontecer? Aí quando tu tá remando, que tu fica em pé na prancha...esquece, assim...aí quando...acaba a onda, assim, volta, volta pro (...) o que que eu vô fazer amanhã, aí passa a arrebentação, vai remando, pô, que serve pra pensar. Aí pega uma onda, aí vem outra muito boa... já (...) também ficando...no final apaixonado por isso, sabe.

Perséfone, 17 anos, Barra da Lagoa.

Deméter menciona a sensação de liberdade associada ao prazer de vencer os desafios, não limitando esta experiência ao esporte, mas apontando o esporte como uma possibilidade de aprender e vivenciar um sentido de auto-superação.

A emoção que eu sinto é de liberdade! Diante de uma coisa imensa e que é um desafio! Que a gente está sempre diante de um desafio e vencer os desafios! Acho que em tudo é importante, no esporte também. Sem contar a saúde que eu acho que é tudo.

Deméter, 45 anos, Praia Mole.

Outra surfista, que foi apontada por Deméter como um exemplo de vida na qual ela se inspira, também remete suas motivações para o sentido de vencer alguma coisa. Para que consiga realizar seu objetivo de deslizar na onda ela fala de sua experiência remetendo ao simbolismo da vitória de uma conquista, como quem tem uma meta: há algo que precisa ser conquistado e que é considerado como um desafio, um desafio constantemente vivenciado e que atrai as pessoas.

Hum...não sei a, a sensação de estar...vencendo em alguma coisa, porque toda onda...que você...que você passava legal era uma...era uma conquista. Era...por exemplo, muita gente, muita gente que surfa também, esquia, ou faz esqui aquático ou esqui na...na neve. Já esquiei na neve também...mas na neve não é...não é a mesma, a mesma coisa, você pode descer a montanha bem...ou mal, e todos os graus entre o bem ou mal, mas não tem isso de...conseguir passar alguma coisa...hã...então a onda, a onda...você, se a onda for rápida você tem que surfar rápido pra passar dela. Tem dias que não tem isso, tem dias que as ondas são...ficam cheias e...e não...não tem tanta, tanta emoção. Mas...um dia de onda boa...hã...onda bem cavada...Então

toda onda tem isso, toda onda é um desafio...pra você passar, passar da onda além de mandar bem e tudo.

Atena, 56 anos, Praia Mole.

Também aponta para a concentração que consegue no trabalho ao praticar uma atividade esportiva constante e intensa. Afirma que a ausência dos esportes lhe causam desestabilidade emocional, deixando-a deprimida.

...o meu tempo rende mais quando... eu tô fazendo exercício.(...) o tempo que eu tô trabalhando eu fico mais...mais...focalizada. É, mais concentrada. Senão eu fico... tendo que me levantar toda hora, fico muito agitada de ficar sentada e...eu sou agitada, mesmo, não... eu tenho...hã...meu marido é capaz de assistir três filmes seguidos lá em casa...não, eu um filme, num dia do...do fim do, durante a semana eu não assisto mesmo, mas um filme no sábado, um no domingo é o máximo pra mim, não consigo mais do que isso, eu fico... muito agitada.

Atena, 56 anos, Praia Mole.

Artemis fala também sobre a importância da concentração num momento onde se pode exercitar, criar e aprimorar aquilo que se sabe fazer.

Quando eu tô na água eu procuro pensar no momento, né, (.....) de vim a onda, o que que vai fazer na onda, sabe aquela coisa assim...fica mais concentrada no mar, é difícil tu tar pensando...pensar tu pensa as vezes, ah não, depois eu tenho que ir pra casa fazer isso...tu pensa fora, né, o que tem que fazer depois da água...mas quando ta dentro dágua é pegar onda...só pegar onda e... É o momento, momento ali de pegar onda e...pô, fazer o que sabe, (...) tentar fazer manobra diferente...tudo...é o momento ali.

Artemis, 23 anos, Barra da Lagoa.

Hera, em meio à um discurso biológico, compara sua motivação à dependência de um vício que altera funções orgânicas, funcionando como um sedativo, aliviando a dor e proporcionando euforia.

Sempre...corri muito atrás, dentro da parte de esporte, corro até hoje, tentando achar tempo, né. É um vício, acho que é um vício orgânico. Depois de um tempo você começa...

né, muita produção de endorfina...então se você não gasta, se você atinge um limite de atividade por dia que você para subitamente, teu organismo...altera...cê fica nervosa, cê fica...ai, irritada. Porque a endorfina é um sedativo, né...é uma produção endógena de...seria da morfina, uma coisa assim que ele te dá euforia, te alivia de dor, te dá...entendeu?! Então você produz muita atividade física, você malha muito e produz endorfina. E aí cê fica viciada. E aí que cê atinge um nível assim, de...alta intensidade de...de malhação...é difícil parar, não dá pra parar, cê sempre quer mais, quer mais, quer mais...sabe...é bem...(...) mas tudo tem sua fase, né, agora...quando eu ganhei meu filho eu nunca, nunca mais fui tão atirada como eu era (...)

Hera, 38 anos, Praia Mole.

Também fala sobre a intensidade da *energia* que perpassa seu corpo e sua mente em diferentes momentos esportivos, seja no vôo livre, no surf e/ou no windsurf, proporcionando-lhe uma sensação de êxtase e felicidade.

Ah, é porque eu falo pro meu filho, né...é o momento em que você tá mais próximo do que seria a definição de Deus...porque você tá junto com uma natureza que tem uma energia fortíssima...que é uma coisa que você não, não consegue dominar...que você pode...deixar ela auxiliar você tanto...a história da onda...como a história do, da a ...hã...das bolhas de ar, você pode, é, é...usar, usá-las de acordo...assim, da forma que elas permitam que sejam usadas, entendeu, você não pode nunca ir contra, então é uma energia muito forte, e é uma beleza maravilhosa! Você tá num mar...eu já descii onda com golfinho, sabe, não sei se era golfinho ou boto, mas eles desciam, assim, do meu lado, então cê imagina tá...o que que é de...maravilha, de felicidade, de cê ter um momento desses, né, e de, de você tá voando, lá no Rio, cê passar em cima do Cristo Redentor e falar, meu Deus! Porque o Rio é lindo! O Rio é uma cidade que...eu acho ela linda porque ela tem rocha...no meio de uma cidade, uma pedrona de 500m de altura...né, e daqui a pouco tem uma lagoa, daqui a pouco tem um...outro morro e outra praia, então voar no Rio de Janeiro é uma coisa linda! Cê...cê passa assim, ó, nossa, olha onde é que eu tô! Eu tô no alto aqui, no alto do Cristo Redentor, essas pessoas todas lá embaixo...a cidade maravilhosa...entendeu...essa energia assim de...do céu poderoso, de eu tar subindo, porque eu, a ...a termal ela te leva, uh! lá pra cima, né, ao mesmo tempo que você sai dela cê...vai perdendo altura, então é uma coisa assim de...de integração com o meio-ambiente que a gente vive...é uma

coisa poderosíssima, então...eu acho que, isso, se existe é...religião, essa é uma, é uma forma de...de, de assim, você reverenciar, entendeu, é uma reverência, assim, maravilhosa e agradecimento de, de tar podendo fazer parte daquele contexto, ali, naquele momento...eu acho que, que o esporte é...meio que isso, por isso o...hã...o isolacionismo, porque é um momento meu, entendeu, não é um momento de compartilhar, “oi, oi!”, não...é um momento de espiritualidade, de curtição, de integração, de troca de energia, sabe, reciclar, pegar aquela coisa toda boa que a ...né, a natureza tem pra te dar e te limpar e...você vê o estado em que as pessoas pousam, todo mundo pousa amarradão! (...) Como se tivesse...feito uma meditação, sabe, saído de uma meditação, cê fica zen...a maioria das pessoas que...a maioria, porque tem gente que tem um astral tão ruim que nem... nem voando!(risos)

Mas a maioria pousa, assim, em êxtase, sabe...e a mesma coisa de um...pôxa, um velejo muito bom, cê sai da água...(puxa a respiração) energizado...e...do surf também, cê sai cansado, porque o surf cansa, né, cansa. Todos os esportes cê já fica...né, mas o surf principalmente, e você sai cansado, mas você sai, assim, feliz...sabe, então são esportes que...que trazem bastante felicidade.

Hera, 38 anos, Praia Mole.

Através dos depoimentos das surfistas entrevistadas é possível perceber a variabilidade nas motivações que impulsiona a cada uma, tendo em comum o prazer que o momento esportivo proporciona, fazendo com que construam seus projetos de vida no esporte.

Elas apontam que o esporte é capaz de proporcionar concentração, estabilidade emocional e liberação de tensões, funcionando como um sedativo e aliviando a dor. É também um espaço onde é possível ter a experiência de vencer um desafio e auto-superar-se, no desenvolvimento de um exercício especializado onde a prática esportiva intensa traz a sensação de euforia, êxtase, liberdade e felicidade.

Descrevo a seguir os três ambientes nos quais transcorreu a pesquisa, compreendendo a região da Lagoa da Conceição, a Praia Mole e a Barra da Lagoa, procurando observar onde acontece o contexto comunicacional no qual convivem as surfistas entrevistadas.

CAPÍTULO 2

O SURF NA REGIÃO DA LAGOA DA CONCEIÇÃO E OS VÁRIOS ESPAÇOS

Neste capítulo faço uma breve etnografia da região central da Lagoa da Conceição, região onde transitam cotidianamente as surfistas entrevistadas que residem nos arredores. Esta é uma pequena região mas de importância capital na cidade pelo grande número de turistas que atrai e pelo grande número de moradores provindos de outras localidades que abriga. Ressaltei também as duas praias enfocadas na pesquisa, ou seja, a Praia Mole e a Praia da Barra da Lagoa, levantando aspectos iniciais das similaridades e diferenciações de público entre estas duas praias através de hábitos apontados por seus frequentadores, seja por questões de aparência corporal que envolvem concepções de alimentação e distinção social, seja por questões ligadas ao etnocentrismo dos grupos frequentadores, formando a configuração do *localismo*, que diferencia e torna exclusivo o seu espaço em relação aos demais.

Fiz também um estudo inicial do espaço procurando ver como se configuram os agrupamentos humanos nestas praias, considerando o estudo de um espaço móvel, variável conforme se modelam as redes de sociabilidade que trocam ali conhecimentos sobre o meio-ambiente.

2.1 - O universo da Lagoa da Conceição

A Praia Mole e a Barra da Lagoa tem a característica geral de serem praias de mar aberto, compreendendo o lado nordeste da ilha com águas mais agitadas do Oceano Atlântico favorecendo a formação de ondas, juntamente com a Praia da Joaquina, Moçambique, Santinho, Brava, Campeche, Armação e Matadeiro, entre as mais conhecidas, contrastando com um grande número de praias da ilha que tem o mar calmo pela formação das baías norte e sul, com pouquíssima ou nenhuma formação de ondas, como Jurerê e Canasvieiras. Este contraste entre as águas diferencia também o perfil dos frequentadores destas praias, devido a diversificação de oferecimentos de lazer que as características marinhas proporcionam.

Descrevo aqui os três ambientes que compõem a mesma região, compreendendo a Lagoa da Conceição, Praia Mole e Barra da Lagoa, tentando captar o *ethos* local, o estilo de vida

que imprime o tom dominante sob o qual os grupos enfocados vivem. Gilberto VELHO²⁷ (1998:60) afirma que captar o *ethos*, é definir o “sistema culturalmente padronizado de organização dos instintos e das emoções dos indivíduos, que está indissociavelmente associado a padronização dos aspectos cognitivos da personalidade dos indivíduos”.

Em movimentos contínuos perpassando aspectos individuais e grupais, o tom geral dominante aonde a corporalidade das entrevistadas é construída cotidianamente é ouvido na complexidade das teias de significados que se entrecruzam, sejam eles políticos, econômicos, biológicos e psicológicos, compondo a tônica do viver social e formando seus projetos de vida no esporte (MAUSS, 1974; GEERTZ:1978; VELHO:1994). Estes projetos estão atrelados a importância que conferem ao meio ambiente circundante, uma vez que todas praticam esportes em espaços abertos e suas interações sociais são ali realizadas.

Formada por um conjunto de lagoas e riachos protegidos do mar, a Lagoa da Conceição, região aonde moram todas as entrevistadas, é considerada, como uma bioregião, denotando um espaço geográfico que abriga integralmente um ou vários ecossistemas, sendo um berçário natural de várias espécies de zonas costeiras.

O distrito da Lagoa da Conceição teve sua origem oficializada em 1750 sendo considerado uma das três Freguesias mais antigas da Ilha de Santa Catarina e a mais próspera da comarca do Desterro, sendo que em 1820 contava com cento e um engenhos de farinha de mandioca para trezentas e vinte e nove famílias, além de dez fábricas de açúcar, trinta e duas atafonas de trigo e vinte e oito engenhos de água ardente. Fazem parte desse distrito as localidades da Costa da Lagoa – tombada pelo Patrimônio Histórico em 1986, da Praia e Parque da Galheta, da Praia da Joaquina, da Lagoa da Conceição, do Canto da Lagoa, do Retiro da Lagoa, da Praia Mole e do Porto da Lagoa. (DIAS, 2000)

Com uma forma alongada no sentido Norte-Sul, localizando-se na costa Centro-Leste da Ilha de Santa Catarina, a Bacia Hidrográfica da Lagoa da Conceição apresenta uma concentração de atrativos relacionados ao meio-ambiente que qualifica o discurso de representação política dos moradores locais através de suas associações, como a AMOLA- Associação dos Moradores da Lagoa e a SAL – Sociedade Amigos da Lagoa, e mobiliza diversas

²⁷ O conceito é utilizado por Gilberto Velho a partir de Bateson, que faz uma distinção entre *ethos*(sistema culturalmente padronizado de organização dos instintos e das emoções dos indivíduos) e *eidos* (padronização dos aspectos cognitivos da personalidade dos indivíduos); a distinção é apenas teórica pois Velho afirma que a distinção prática é questionável.

práticas individuais e comunitárias em relação a busca de uma idéia de *qualidade de vida*, onde o incentivo aos esportes permeia os tratos com o corpo.

O contato aproximado com a natureza exuberante composta de diferentes águas e vegetações atrai moradores de outras regiões do país que povoam o espaço juntamente com os nativos. Conforme RIAL(1988) a cadeia de montanhas que circunda a Lagoa, como um anel, estabelece fronteiras físicas e simbólicas com “o resto da Ilha”, fazendo com que seus nativos diferenciem e distanciem o local tanto no que se refere a classificação das águas quanto aos diferentes habitantes, dando a tônica das relações sociais:

A oposição entre o lugar e o resto é estabelecida de modo claro pelos nativos e se manifesta através de diversas categorias. As águas da Lagoa da Conceição são chamadas de mar-de-dentro e se opõem ao Oceano Atlântico, o chamado mar-de-fora.

(...) quem nasce na Lagoa é até hoje (1988) chamado de “nativo” pelos outros moradores que reservam uma categoria bem precisa para designar os visitantes ou moradores que não nasceram ali: “pessoal-de-fora”. (...)

Para os nativos, a lagoa é íntima e faz parte do “mundo de dentro”, fascinando o “pessoal de fora”, os turistas, mesmo que morem a anos aqui. “Dentro” e “fora”, os limites do lugar são estabelecidos com clareza, como se uma muralha invisível, circunscrevesse o espaço e limitasse um território: o “mundo de dentro”, a ilha dentro da Ilha.

A Lagoa da Conceição ainda guarda recantos escondidos pela mata, onde o visitante eventual se depara com modos de vida do século passado, lugares como a Costa da Lagoa, onde se chega de barca ou caminhando quilômetros por uma trilha povoada por lagartos, tatus, pássaros, gambás, bambuzais gigantes de bambu-açu e do reino, higazeiros, figueiras e casarões do início do século, testemunhas de uma época em que o café propiciava uma relativa abundância. Ou lugares como a Quebrada, sem estrada, sem luz, de onde ‘a noite pode-se observar o pulsar das lâmpadas do centro da lagoa, lugares onde ainda se encontram barcos esculpidos a partir dos troncos de imensos garapuvus, fontes e riachos, redes de pescar secando ao sol e silêncio(...). RIAL,1988:48.

Tantos são os “de fora”, agora moradores do local, que todos uniram-se frente as grandes alterações que o turismo e o crescimento demográfico com suas problemáticas de ocupação e desenvolvimento urbano tem acarretado ao meio-ambiente e cultura locais. Formou-se uma comunidade ambientalista política e economicamente ativa na região com um *ethos* diferenciado em relação a outras localidades por abrigar grande número de esportistas e organizações esportivas náuticas ao redor da Lagoa.

Em 1990 a população estimada da bacia hidrográfica da Lagoa da Conceição era de 10.996 habitantes, sendo 9.707 classificados como população urbana e 1.289 como população rural (HAUFF,1996), aumentando imensamente no período de veraneio.

A 15 km do centro da cidade a chegada a Lagoa é um convite ao deleite estético, sobe-se o morro cercado por uma vegetação de exuberantes verdes por todos os lados as vezes com flores roxas, rosas, vermelhas e amarelas próprias das árvores locais; na chegada ao topo a impressão que se tem é de uma divisão de mundos. A beleza cênica compõe um dos cartões postais que chamam os turistas ao mirante, o que se vê é pouca terra, a lagoa se estende a esquerda e a direita, conduzindo ao mar que continua no céu; as telas coloridas das asas-deltas e *paragliders* planam sobrevoando os carros que descem em curva na direção das praias.

Na base do morro, a direita, seguindo-se a estrada que serpenteia o Canto da Lagoa e adentrando por algumas ruelas, chega-se logo a uma das academias mais conhecidas da região, freqüentada por duas das entrevistadas, responsável por sediar um dos segmentos do Programa de Integração Corpo & Mente, desenvolvido com uma equipe de técnicos esportivos, nutricionistas, fisioterapeutas e professores de yoga para a formação de atletas, especialmente de surf e natação.

A beira da avenida, no lado esquerdo da base do morro vê-se erguer um ginásio que serve de academia de ginástica e natação, seguido de algumas quadras de tênis e futebol de salão para alugar. Esta academia, freqüentada por uma das entrevistadas, capta um grande número de pessoas para suas atividades esportivas devido à sua localização, oferecendo exercícios como natação, musculação, *body combat*, *spinning*, *jump fit*, yoga, jiu-jitsu e hidrogenástica.

Percorrendo uma pequena faixa de prolongamento da avenida chega-se logo ao minúsculo e movimentado *centrinho* da Lagoa. Este pequeno trecho teve grandes alterações durante o ano de 2002, marcando o impacto que o desenvolvimento econômico tem causado, gerando constantes discussões entre ecologistas e a prefeitura municipal. A avenida foi alargada e atualmente está em construção um terminal de ônibus que captará o transporte coletivo urbano desta região. Com isto, o local das danceterias, bares e comércio antes concentrados em três ou quatro quadras do denominado *centrinho*, ampliou-se também, aumentando o fluxo de pessoas.

Na região central a maior concentração de pessoas localiza-se num posto de abastecimento de combustível que abriga barzinhos, cafeterias e lojas onde durante o dia proliferam pessoas conversando, correndo, andando de bicicleta e, a noite, apreciando a variedade de músicas e danças. Numa das cafeterias localizadas neste ponto é que foram realizadas algumas das entrevistas para a pesquisa e aonde tive a oportunidade de observar as surfistas sendo cumprimentadas por outros esportistas, trocando inclusive indicações

comparativas entre tempos atingidos na realização de provas competitivas como tônica da conversa local onde a maioria das pessoas pratica esportes e grande parte participa de algum tipo de competição.

Sucos e comidas “naturais e integrais” perfazem o perfil comercial junto a pequenas lojas de pranchas e roupas ligadas aos esportes náuticos estampadas nas vitrines. Durante o verão seguidamente a velocidade dos carros aí é de 10km/h tamanha a quantidade de pessoas que enchem a rua, desvanecendo os limites das calçadas, confirmando a Lagoa como um dos lugares preferidos dos eventuais turistas e dos moradores de outros bairros de Florianópolis, que visitam a Lagoa buscando lazer.

Entre em uma das lojas e descobri, conversando com a gerente, que esta é uma franquia de uma das marcas brasileiras de surf mais conhecidas na região, responsável pelo patrocínio de atletas, desenvolvimento de materiais apropriados a prática do esporte e que atualmente organiza e amplia seu Centro Esportivo de Treinamento na Praia Mole. Seu maior volume de vendas refere-se a grande procura por bermudas e camisetas, vestuário comum entre os homens surfistas, dando exclusividade ao logotipo da marca estampado, excluindo o oferecimento de marcas concorrentes que aparecem nos campeonatos e revistas de surf. As franquias funcionam de forma independente, embora sejam realizadas reuniões periódicas com o fornecedor. Por meio do pagamento de uma taxa mensal para a empresa de base fundada por um surfista, o capital de giro é planejado também para o patrocínio de eventos esportivos e veiculação da marca coordenados a partir de sua sede em Garopaba/SC.

Havia cartões postais disponíveis no balcão com propaganda da loja. Anoto em um as informações adquiridas, e vejo uma interessante estampa que indica parte das idéias veiculadas pelo marketing da empresa: na frente um fragmento de onda em verde e azul onde aparece uma *manobra aérea* de surf, ou seja, a prancha está no ar, saltando da onda, deixando a mostra sua base com o logotipo da marca estampado. Do surfista vê-se apenas, no lado esquerdo do cartão, o braço estendido e a mão aberta na busca do equilíbrio da manobra em meio à água que salta esparramada. Acima e a direita vê-se uns óculos de sol branco com uma pequena bandeira do Brasil em sua haste, abaixo o logotipo da marca é composto em preto e verde. No outro lado do cartão, com espaço para a escrita, encontra-se do lado esquerdo um cocar indígena de penas coloridas sem nenhuma indicação acerca do grupo a que pertence, e do lado direito, na base, a logomarca com o endereço de seu *site* na internet.

O cartão exemplifica a complexidade do capital cultural envolvido no espaço social²⁸ da Lagoa mesclando economia, política e relações simbólicas valorizadas aonde a questão indígena é lembrada associada a uma idéia de preservação do meio-ambiente no qual o esportista está integrado. A preocupação com a ecologia é uma marca diferenciadora destes grupos, continuamente aglutinando os moradores da região da Lagoa em ações sociais que visam a valorização e a preservação do meio em que vivem.

Como exemplos destas ações podemos ver espalhados por toda a região e compondo a visualidade das ruas da Lagoa, postes de luz pintados através da ONDA – Organização Natural de Diversos Amigos, com muitas estampas de padronagens indígenas, motivos inspirados em inscrições e pinturas rupestres misturadas a símbolos como corações e flores. Esta mesma organização, estimulando a participação e mobilização dos moradores e freqüentadores dos eventos culturais na região e da mídia, promoveu um abraço coletivo a Lagoa numa manifestação em prol da preservação do meio-ambiente.

Outra iniciativa ecológica bem sucedida conserva o óleo usado pelas cozinhas dos restaurantes da Lagoa. A CONCAP não recolhe este tipo de lixo pois com o calor mantém-se em seu estado líquido derramando-se do caminhão pelas ruas. A solução ainda parcial concedeu `a ACIF – Associação do Comércio e Indústria de Florianópolis, com sede no *centrinho*, o Prêmio de Qualidade de Vida por sua atuação em fóruns comunitários da região e sua intervenção no problema criando o Programa de Reciclagem do Óleo de Cozinha – válido até novembro de 2003²⁹.

O turismo é uma das atividades econômicas mais rentáveis da Ilha, entretanto nos últimos anos, devido a intensa especulação imobiliária, expansão urbana não planejada e declínio das atividades econômicas tradicionais como a pesca, surgem inúmeros impactos

²⁸ Conf. BOURDIEU (1989;1997).

²⁹ Através deste programa escolas da região foram contactadas para um programa de educação ambiental e a associação localizou uma empresa de fábrica de osso e ração animal que passou a recolher parte desse óleo em bombonas, reaproveitando-o ou repassando para uma indústria de sabão e produtos de beleza. O caminhão da empresa faz o trajeto ora semanalmente, ora quinzenalmente, acompanhado de uma estagiária da Engenharia Sanitária, integrante da ACIF. Chega-se a recolher 4.200 litros de óleo por mês, sendo que ainda não há escoamento de toda a demanda.

Um voluntário nativo da Costa da Lagoa, barqueiro na região, recolhe por sua própria conta o óleo também ao longo da Costa em dezesseis restaurantes. O Jornal da Lagoa (nov/2002) faz uma reportagem sobre seu trabalho colocando-o como “uma vida em prol da Costa e da Lagoa” ; após ser informado que sem o óleo na rede os motores das bombas não apresentariam alguns problemas e poderiam trabalhar melhor, ele passou a recolher uma vez por mês, bombonas de 80 litros com óleo de vários restaurantes da Bacia da Lagoa, aumentando o fluxo durante o verão e chegando a recolher no verão de 2001/2002 1,2 mil litros de óleo em menos de quinze dias.

ambientais que mobilizam moradores locais e autoridades (SUÁREZ,2002). Entre os bairros da cidade, a Lagoa foi o que teve o maior crescimento de área construída.

Saindo do *centrinho* passa-se pelo Casarão da Lagoa, local de eventos culturais, cursos e exposições, ao lado da praça onde acontece aos sábados a *ecofeira*, uma feira de produtos alimentícios sem agrotóxicos, e aos domingos, a feira de artesanato, com rodas de capoeira e eventuais palcos montados para apresentação de grupos musicais.

Certas práticas sociais usadas em vários centros urbanos hoje, como a carona, são exercidas por muitos e com frequência na Lagoa, o que lhe confere uma especificidade marcada por fronteiras simbólicas (lugar de ecologistas, de surfistas, de yoga, de alimentação natural, de caronistas, etc.) e por práticas sociais particulares, embora a heterogeneidade da população. Os caronistas espalham-se em pontos pela região do *centrinho*, a maioria com que tive a oportunidade de conversar eram estudantes da UFSC, muitos deles/as surfistas. Apesar da insegurança gerada pelas informações de assaltos que as vezes ocorrem pode-se observar uma concentração de pessoas que ali ficam em determinados horários como de manhã cedo, logo após o meio-dia e no final da tarde, formando um hábito de transporte local que diferencia a região em relação ao restante da cidade onde não se vê a recorrência dessa prática.

Passando a ponte ladeada por barcos particulares e de pesca ancorados, de onde também se pega a linha de barco que serve de transporte rotineiro a lugares sem estrada e onde dificilmente se chega a pé, atravessa-se a Avenida das Rendeiras. Por ela os carros desviam das claras dunas que avançam sobre a rua sopradas pelos ventos e transformadas em Unidade de Conservação por um decreto estadual desde 1979. A esquerda da avenida contemplam-se os esportes náuticos na lagoa e a direita os restaurantes que oferecem frutos do mar e as pequenas casinhas de madeira que servem de postos de venda as rendeiras de bilro nativas da região.

Segundo SUÁREZ(2002) o efeito cumulativo do crescimento em nome do desenvolvimento tem acarretado aos espaços de convivência humana uma taxa cada vez maior de comprometimento e degradação ambiental. Porém nota-se como característica da intrincada rede de relações sociais que se forma, uma distintividade dessa região em relação a outras praias e bairros, na quantidade de associações e Ongs com discursos de cunho ecológico promovendo a preservação do meio-ambiente que permeiam a região conclamando os moradores a maior participação na busca de soluções conjuntas e encaminhamentos para problemas locais.

Também proliferam associações esportivas que participam dos fóruns de debates junto a organização política comunitária. Em novembro de 2002 o jornal local conclamava os moradores para uma discussão e tomada de medidas em relação ao número de incidentes ocorridos entre velejadores e lanchas na Lagoa. O aumento do trânsito na água teve consequências drásticas com a morte recente de dois esportistas devido as imprudências dos motoristas. Presididos pela AMOLA (Associação dos Moradores da Lagoa), uniram-se na SAL (Sociedade Amigos da Lagoa) representantes do Comitê de Gerenciamento da Lagoa da Conceição, da Federação de Vela de Santa Catarina, da Associação da Classe Laser, da Associação dos Velejadores de Windsurf, da Associação de Vela e Preservação Ecológica da Lagoa da Conceição, do Iate Clube Veleiros da Ilha, do Lagoa Iate Clube, empresários ligados aos esportes náuticos e atletas.

A sugestão vinda destas discussões é de que se crie um zoneamento da Lagoa, *manchas*³⁰ oficiais, onde a cada esporte – lancha, *kitesurf*, natação e *windsurf* – seria disponibiliza uma área do espelho d'água da Lagoa, prevendo também locais demarcados para o trânsito das embarcações a motor. Há uma indisposição quanto ao uso de *jet-skis*, havendo intenção de proibi-los alegando poluição, muita velocidade e barulho; um controle da velocidade das lanchas também está previsto.

Três de minhas entrevistadas participam de campeonatos de natação na Lagoa; comentando sua preocupação com um destes incidentes com esportistas, uma delas contou de sua aflição em um dia que fazia um treino de natação habitual no local e viu uma lancha vir em sua direção sem perceber sua presença, apesar do cuidado que sempre toma em usar uma touca de cores fortes na cabeça.

O discurso ambiental compõe parte importante do capital simbólico dos moradores da região associado a uma idéia de integração do homem consigo mesmo e com seu meio que é estampada nas propagandas, serviços e eventos oferecidos ligados a busca de *qualidade de vida* e que muitas vezes são associados à exaltação do lado místico pelo qual Florianópolis é conhecida como Ilha da Magia através da profusão de terapias alternativas relacionadas ao auto-conhecimento, grandemente influenciadas por conhecimentos vindos do Oriente e reinterpretados neste intuito. Assim, além de cursos de arte e música oferecidos em recantos espalhados ao longo da Lagoa, é comum encontrar-se oferecimentos de cursos de yoga –

³⁰ Conf. MAGNANI(1996).

em suas diversas linhas, como *power yoga*, *swastya*, assim como *reiki*, bioenergia, vivências, dança afro, etc³¹.

Nas práticas e nas ideologias destes, no seu cotidiano, observa-se o que MAFFESOLI(1996) diz sobre a socialidade na pós-modernidade, onde a ética da estética mostra-se distintiva; a emoção estética como tendo um caráter societal, desprezando a separação e repousando na correspondência, na profunda simpatia entre as pessoas e as coisas. Esta emoção é aqui vista não como um simples fenômeno psicológico mas como uma estrutura antropológica, um estar-junto como “relição” mística sem objeto particular. Experimentar em comum é visto como uma valorização positiva, é vetor de criação; a vida social em seu todo e suas diversas modalidades é vivida como sendo uma obra de arte criada pela potência coletiva. É a partir dessa idéia de arte generalizada que Maffesoli compreende a estética como a faculdade de sentir em comum.

Para ele o elemento fundamental da vida social é o estar-junto que expressa um valor ético relativo a coletividade; este valor transparece na estética compartilhada pelo grupo, considerando a vida cotidiana como uma obra de arte. O elemento que liga um indivíduo ao outro aumenta de importância na contemporaneidade a medida que o mundo, a existência social, é devolvida a si e vale por si mesma, não mais gerida por uma idéia do divino, nem de Estado comum e absoluto, como na modernidade. Na contemporaneidade Maffesoli vê a ultrapassagem da separação entre natureza e cultura através da “ecologização” do mundo; a relação com o ambiente social ligada ao ambiente natural mostra-se através da maneira de se vestir, de se alimentar, no que diz respeito a qualidade de vida. A natureza não é mais apenas objeto a explorar mas torna-se parceira obrigatória, na efervescência contemporânea o que importa é o ambiente afetivo no qual cada um está imerso.

A atividade comunicacional é uma temática da atração: atração das sensibilidades que podem engendrar novas formas de solidariedade. Para Maffesoli, na pós-modernidade há uma conjunção de elementos sensuais: ênfase na aparência, importância do hedonismo, desenvolvimento festivo (musical, esportivo, etc). Coisas que só se compreendem pela presença do outro, a presença com outro; neste sentido pode-se dizer com ele que a Lagoa participa de uma pós-modernidade, com sua multiplicidade de visões agrupadas num mundo sensorial ao redor de suas águas, trans-formando as corporalidades.

³¹ Sobre este assunto remeto ao trabalho de Magnani sobre “O Brasil da Nova Era”. RJ: Zahar, 2000.

Na conexão entre ética e estética há a formação de um *ethos*, onde na base de toda representação ou de toda ação há uma sensibilidade coletiva e uma reunião extralógica que servem de fundamento a existência social.

A Lagoa abriga assim, entre os seus moradores de fora, uma sociabilidade hedonista, que percebe e pensa o corpo e a relação deste com o meio que o circunda, baseada em valores do individualismo, marcada pela busca da auto-satisfação e do auto-conhecimento. As vezes este individualismo adquire forma sob a ótica de uma ética protestante, a la Weber, e as vezes baseia-se num holismo orientalista ocidentalizado, todos convivendo sob um grande mercado neo-liberal com o qual a Lagoa apresenta algumas críticas e diferenciações, também sob a égide de um discurso ambientalista que valoriza o fazer artesanal e o conhecimento enquanto idéia de integração do homem com o seu meio, o que se vê na grande procura e oferecimento por produtos integrais, caseiros, sem agrotóxicos, assim como na diversificação de serviços especializados, muitos deles em esportes, terapias alternativas e arte, todos convivendo com uma idéia de tradição local construída por pescadores e rendeiras.

2.2 - Praia Mole:

A Avenida das Rendeiras faz uma curva e se bifurca, seguindo-se em frente chega-se a Praia da Joaquina conhecida pelos campeonatos internacionais de surf. A esquerda sobe-se ladeando outro morro com ponto de salto de asa-delta para chegar a Praia Mole. Ficando numa pequena faixa entre esse morro e o que conduz a Barra da Lagoa, a Praia Mole é uma pequena baía formando um leve semi-círculo.

Os carros param ao longo da estrada ou entram nos poucos estacionamentos cobertos de árvores no local; a esquerda e abaixo ladeia-se a Lagoa da Conceição, da estrada enxergam-se esparsas casas isoladas, um novo condomínio com todas as casas pintadas de um bege amarelado, e um hotel – que me foi apontado por um dos freqüentadores da praia e morador da região, como o principal responsável pelas modificações na região desde a década de 80, quando começou a atrair maior fluxo de turistas para o local. O posto salva-vidas e o maior atendimento da prefeitura em relação a segurança na praia ocorreram devido as intervenções do sistema hoteleiro.

Adiante, terminando numa elevação a última construção é de um bar que aproveita a localização privilegiada para mostrar pontos-de-vista sobre a luminosidade da natureza que se derrama numa variedade de verdes, ocres e azuis.

Do lado direito, precisando atravessar a pé uma larga faixa em declive com alguns estacionamentos cheios de árvores e pequenas trilhas de areia entre vegetação abundante, chega-se a praia propriamente dita. Este caminho a ser percorrido confere um caráter diferenciado a esta praia, segundo um dos moradores, o pouco espaço e a distância da estrada impedem o estacionamento de muitos ônibus de turismo, selecionando o público local, somado a média de preços dos estacionamentos e dos alimentos e bebidas vendidos nos bares que são mais elevados do que em outras praias da região.

Há cerca de oito bares fixos na praia mas que não funcionam o ano inteiro, a maioria com design rústico de troncos de madeira cortados, placas lembrando atenção a natureza, e um bar lembrando uma casa de barcos de pescadores. Na parte central, antes da chegada a areia, há um *half*³² de *skate* e um espaço-pista para helicópteros junto ao posto salva-vidas, além do espaço para montagem de arquibancadas para os campeonatos. Uma prateleira para guardar pranchas e a ducha de água doce com acesso livre fazem do bar logo abaixo ao posto o ponto central de encontro, a outra ducha de água doce pertence ao local de um centro de treinamentos de atletas, que cobra pelo seu uso ; barras de ginástica também podem ser usadas em alguns locais dispostas ao ar livre.

A Praia Mole tem seu nome pela areia de granulometria grossa, amarela e fofa que caracteriza o local, pedindo um esforço corporal ao caminhar pois os pés afundam de 5 a 10 cm a cada passada na praia em declive, dificuldade esta que parece ser apreciada pela maioria dos freqüentadores que correm e se exercitam ali. A Praia Mole é conhecida nacionalmente, já há alguns anos, como a praia da moda, dos “sarados”, ou seja, um espaço preferido por jovens que mostram em seus corpos o cultivo especial da forma física.

Apesar de seu tamanho reduzido, a praia tem sediado diversas etapas dos campeonatos de surf e de outras modalidades de esportes náuticos como o I Festival Brasileiro de Ecocanoagem³³ e Campeonato de Jet Ski que aconteceram ao mesmo tempo em cada canto da praia durante meu trabalho de campo.

³² Pista côncava construída sobre uma estrutura de metal e madeira para a realização de manobras.

³³ Um salva-vidas voluntário explica-me que a ecocanoagem é um esporte recente e em expansão no país mas conta sua história de “origem” como sendo uma prática muito antiga ligada ao que ele chama de primórdios do surf. Embora hoje a difusão mundial do esporte venha da Austrália, os indígenas peruanos é que a teriam criado, servindo-

Considerada pelos salva-vidas a segunda praia mais perigosa da ilha (a primeira seria a Praia Brava e a terceira a Praia da Joaquina), as diferenciações entre os frequentadores da praia podem ser percebidas também por suas preferências de localização tanto no mar quanto na areia, parecendo-me adequado aqui a utilização de alguns conceitos tais como “mancha, pedaço e trajeto”, por sua eficácia na discriminação simbólica da organização do espaço. MAGNANI(1996) desenvolveu-os ao analisar as regras que presidem o uso do tempo livre por intermédio de formas de lazer e redes de sociabilidade no estudo de espaços da cidade de São Paulo.

Segundo este autor quando o espaço é demarcado tornando-se ponto de referência para distinguir determinado grupo de frequentadores como pertencentes a uma rede relações, recebe o nome de “pedaço”. A lógica do “pedaço” geralmente está associada ao bairro, onde pertencer a essa rede implica o cumprimento de determinadas regras de lealdade que funcionam também como proteção.

Quando, porém, nem todos os frequentadores se conhecem mas buscam o mesmo espaço para encontrar seus iguais através do reconhecimento de símbolos que portam e que remetem a gostos, valores, hábitos de consumo e modos de vida semelhantes, tem-se as “manchas”. Estas não se restringem ao lazer apresentando uma implantação mais estável tanto na paisagem como no imaginário, sempre aglutinadas em torno de um ou mais estabelecimentos comerciais, tais como bares, restaurantes, cinemas, o café da esquina, etc. “As atividades que oferece e as práticas que propicia são o resultado de uma multiplicidade de relações entre seus equipamentos, edificações e vias de acesso – o que garante uma maior continuidade, transformando-as, assim, em ponto de referência físico, visível e público para um número mais amplo de usuários”(MAGNANI, 1996:42,43).

Através da escolha entre diversas alternativas formam-se os “trajetos”, referentes a fluxos no espaço mais abrangente da cidade e no interior das “manchas” urbanas; os “trajetos” possibilitam a abertura das “manchas” e “pedaços” em direção a outros pontos no espaço urbano

se dela inclusive para buscar caminhos de saída para outros territórios na época da colonização espanhola, quando adentraram as águas da Amazônia guiados pelas estrelas. Segundo ele, nativo da ilha mais conhecido entre os esportistas por seu apelido indígena, a ecocanoagem traz a visão de um surf mais integrado em que os vários esportes radicais na água são vistos como um conjunto, onde ele inclui a prática do *jacaré* – deslizamento do corpo na onda sem auxílio de instrumentos. Este esportista encontra respaldo em seu entusiasmo na divulgação do esporte na vinculação com exercícios de salvamento no mar, o que lhe facilita patrocínio e formação de equipes; faz parte da equipe de atletas que pratica no Centro de Treinamento de uma marca de surf localizado na Praia– já mencionado- e em meio a seu discurso confirma uma certa superioridade com quem faz *apenas* surf.

e, por conseqüência, a outras lógicas, ligando pontos, manchas, representando recortes em seu interior diante de uma lógica não aleatória, mas ditada por sistemas de compatibilidades.

Sidinalva WAWZYNIAK(1995), em sua pesquisa com um grupo de baloeiros na cidade de Curitiba, também menciona a similaridade de formação dos espaços e redes de relações entre os grupos sociais no esporte com a idéia de *pedaço* apresentada por Magnani, onde as fronteiras e limites estabelecidos pelo grupo são importantes fatores constituidores da visão de mundo das pessoas.

Durante minhas idas a esta praia percebi algumas concentrações diferenciadas de pessoas na areia, confirmadas pelo depoimento de freqüentadores. Estas diferenciações são vistas como pontos de encontro preferidos na sociabilidade e são móveis, ou seja, de tempos em tempos os grupos modificam seus locais costumeiros conforme também se dão as distribuições e freqüentações nos bares da praia, obedecendo `a lógica do “pedaço”. Corresponderiam a categoria de “manchas” as duas praias aonde se concentrou a pesquisa e o centrinho da Lagoa, tendo sido observado também através dos depoimentos, os “trajetos” escolhidos pelas surfistas ao moverem-se entre as “manchas e pedaços” nas praias.

É importante ressaltar que a percepção desta divisão da territorialidade foi feita durante os meses da primavera/2002, onde a maioria dos freqüentadores são pessoas que residem na cidade, fator de extrema importância levando-se em conta a grande transformação efetuada durante os meses de veraneio quando a quantidade de pessoas neste espaço quintuplica, havendo a interferência de turistas que nem sempre compartilham das mesmas categorias nem da mesma rede de sociabilidade.

No lado direito, junto ao Centro de Treinamento Esportivo, há uma predominância de jovens casais com crianças pequenas, tive a oportunidade de ver inclusive muitos chegando com carrinhos de bebê sendo cumprimentados por vários no caminho, dando a impressão, associada ao porte físico que ostentam, de serem gerações de esportistas na praia. A escolha do local parece-me interessante uma vez que o mar ali chega com bastante força e repuxo, não apresentando segurança para o banho de crianças pequenas; um freqüentador da praia há vinte anos explica-me que antes o “lugar das crianças” era no canto esquerdo, junto as pedras onde o mar é mais tranqüilo, sendo alterado quando o bar deste lado marcou sua presença como um espaço da sociabilidade de um público formado por gays, lésbicas e simpatizantes(GLS), onde na época do carnaval são responsáveis pelas festas do local num bar gerenciado por um pescador nativo e seus filhos.

Na seqüência deste lado esquerdo, marcado pela divisória das pedras, chega-se a Praia da Galheta, com espaço para a prática do nudismo anunciado por placas dispostas pela trilha na areia, único acesso a esta praia. Conta-me um freqüentador da praia que há vinte anos atrás a Praia Mole era quase deserta, sendo considerada um espaço alternativo freqüentado por hippies e “um pessoal maluco” que ali acampava e tinha o hábito de andar nu; a licença oficial para o nudismo na Galheta foi consequência dessa prática freqüente na região³⁴.

Este mesmo freqüentador mostra sua surpresa com a distribuição dos espaços na água para os campeonatos de jet ski e canoagem, que aconteceram respectivamente no lado direito e esquerdo; para ele o lado esquerdo é do pessoal que gosta de “agito” e portanto deveriam apreciar o barulho dos jet skis, ao contrário do pessoal do lado direito a quem corresponderia uma identificação com uma idéia de canoagem como um esporte mais calmo – o que parece-me não corresponder a ecocanoagem em questão, considerada por seus praticantes como um esporte radical de grande esforço físico, nem aos jet-skis, repudiados pelos ecologistas e muitos dos GLS.

O meio da praia é apontado como o local de pessoas que não são *habitués* da praia nem pertencem a grupos definidos, sendo também o local de maior incidência de salvamentos no mar, conforme indicação dos salva-vidas. Do meio em direção ao lado esquerdo está o espaço ocupado por famílias de esportistas que freqüentam a praia diária ou semanalmente o ano inteiro, a maioria na faixa dos 40 anos com filhos adolescentes, e que consideram a Praia Mole como “a sua” praia, embora quase todas as pessoas contactadas sejam provenientes de outras localidades, residindo na ilha há vários anos – o que é o caso de algumas das surfistas por mim entrevistadas.

Além destes grupos de moradores da Ilha, a Praia Mole é ponto de preferência de jovens turistas paulistas e gaúchos. Conversei com o proprietário de um dos bares locais, natural de Curitiba, que o arrenda nos últimos dois anos para um rapaz paulistano que é namorado da irmã de sua esposa: “tudo em família”, diz ele, explicando-me o negócio e o investimento num atendimento e perfil de bar que satisfaça a grande clientela de turistas provindos de São Paulo. Afirmo que a melhor propaganda é a que vai de *boca em boca*, onde amigos avisam a outros amigos e no ano seguinte de veraneio voltam a freqüentar o local por apreciarem o ambiente. Reclama, no entanto, das dificuldades encontradas na elevada taxa de impostos a serem contabilizados e das controvérsias com os vendedores ambulantes ou que armam sua barraquinha

³⁴ Uma freqüentadora do local contou-me que a prática de nudismo na praia da Galheta foi responsável por diversos conflitos entre nativos e pessoal de fora, tendo como expressão extrema o “assassinato” de um jovem, na década de 80. Um grupo de homens, presumidamente motoristas de táxi, ofendidos pela nudez do jovem, o perseguiram com paus e pedras, o que o obrigou a fugir para o mar, onde se afogou.

na beira da areia; eles tem captado seus clientes sem precisarem arcar com estas despesas devido ao precário controle e regulamentação de vendas nas praias.

No mar, entre os surfistas, os espaços não correspondem exatamente as territorialidades observadas na areia, levando sempre em consideração a formação das ondas e seus locais mais propícios para a prática do surf conforme as marés e zonas de ondulação. No entanto pode-se dizer que na Praia Mole há maior probabilidade de ver-se, no lado direito, a prática dos atletas que compõem o Centro de Treinamento Esportivo; no meio os turistas e iniciantes e no lado esquerdo os freqüentadores mais antigos da praia.

2.3 - Barra da Lagoa:

Seguindo a estrada e descendo o morro que dá acesso a Praia Mole chega-se a Praia da Barra da Lagoa, o maior núcleo pesqueiro da ilha localizado a 20km do centro da Ilha; este distrito foi criado em dezembro de 1995, desmembrando-se do distrito da Lagoa ao qual se liga por via rodoviária desde 1847, data da construção da primeira ponte sobre o Canal.

Possuindo sítios arqueológicos com oficinas líticas que marcam a ancestral ocupação desse espaço, a Barra é uma comunidade de pescadores presumidamente descendentes de colonização açoriana, cujo local é caracterizado pela saída e entrada de barcos através do Canal que faz a ligação entre a lagoa e o mar. Com uma extensão de 2,5 km e largura de vinte a cinqüenta metros, o Canal abria e fechava a Barra em forma natural por acumulações de areia alteradas pelo vento e marés, o que impedia o fluxo constante de água do mar , mantendo a salinidade da Lagoa bastante baixa; em 1981 realizaram-se obras para abrir de forma permanente a desembocadura do canal para o mar, com a finalidade de facilitar as condições de navegação e, conseqüentemente, de pesca³⁵.

Na entrada do canal, tem-se a vista do oceano marcada pelo farol, seguindo-se por ele observa-se que as cores das águas diferenciam-se da lagoa e do mar, mudando seus matizes de azul esverdeado conforme o sol e as nuvens; refletidas nessa água, as casas típicas de pescadores, com barcos presos a pequenos trapiches, dividem seu espaço com casas de veraneio.

³⁵ Para maiores informações sobre a Barra e especialmente os seus nativos remeto `a dissertação de TELES, Anamaria. "Sereias e Arnequis: uma etnografia visual com os pescadores da Barra da Lagoa". Florianópolis: PPGAS/UFSC, 2002. Para maiores informações sobre a relação entre pescadores na orla marítima se Santa Catarina, remeto `a dissertações de FARIAS, Marcia. "Pesca e sazonalidade no Camacho/SC: um estudo de modos de vida em deslocamento". Florianópolis:PPGAS, 2001.

Na beira da ponte pênsil, construída em 1983 sobre o canal, compra-se peixe fresco; esta ponte liga a Barra a um pequena ponta do morro, pontilhado de casinhas em sua encosta e estendendo-se pelo outro lado do canal onde se vê alguns restaurantes, oficinas de tatuadores e *shapers* especializados na elaboração de pranchas e que compreende uma das atividades de subsistência de um dos entrevistados. Uma das surfistas lembra de ter ido visitá-lo quando a ponte ainda não havia sido construída, levando suas filhas pequenas em pranchas e atravessando o pequeno canal a nado. Subindo-se esta ponta do morro chega-se a uma pequena praia povoada cujo único acesso é esta passagem.

Compondo a rede de sociabilidade local, junto aos pescadores e veranistas encontram-se muitos estudantes da UDESC (Universidade do Estado de Santa Catarina) e da UFSC(Universidade Federal de Santa Catarina) em casas alugadas dos pescadores e pequenos comerciantes locais com preços que triplicam nos meses de veraneio, muitas vezes obrigando-os a saírem para voltarem meses depois, sendo esta uma forma da prática de comercialização imobiliária utilizada na região, motivo de constantes reclamações.

Nesta ponta, onde se localiza o canal, virando-se para o lado direito perde-se a vista no horizonte tentando alcançar o fim da praia. Com uma grande extensão de faixa de areia, percorre-se cerca de 7km da Barra da Lagoa até a Praia de Moçambique que vem em seqüência, sendo deserta na orla, havendo pequenos povoados dispersos e distanciados da beira-mar.

Esta grande extensão de praia com mar aberto é caracterizada pela inclinação suave e gradual do solo arenoso em direção ao alto mar, sendo que quanto mais próximo a Praia de Moçambique, mais aguda e irregular será esta inclinação proporcionando a incidência de maiores ondas, e quanto mais próximo a Barra da Lagoa, menores serão as ondas e mais suave será a inclinação, proporcionando maior segurança para a prática de iniciantes no surf . Com isso, diferencia-se também as preferências por determinados espaços na praia, sendo que quanto mais experiência se tenha ou melhor se pratique o surf, mais o surfista buscará suas ondas para o lado de Moçambique.

Pude observar que no início das areias da Barra há um constante trânsito de pessoas formado por moradores locais e turistas; nos meses de baixo veraneio é comum ver-se pescadores de mais idade conversando a beira-mar, crianças correndo para lá e para cá e muitos cachorros brincando na areia. Perséfone mostrou-me as marcas na pele oca formada pelos caminhos deixados em seu pé pelos bichos geográficos que ali se instalaram em consequência das constantes fezes dos cachorros misturadas nessa zona de areia.

Esta área é amplamente procurada por moradores de Florianópolis que utilizam o ônibus para irem a praia e por turistas estrangeiros e nacionais, de renda mais baixa, que ali chegam em ônibus cujo estacionamento fica na beira da praia, ao lado do canal; o público é servido por uma faixa ao longo da praia compreendendo cerca de dez pequenos bares e restaurantes, a maioria de propriedade de pescadores locais. A Barra sedia um grande festival de alimentação da região chamado Festa da Tainha, incentivando entre outros eventos, o escoamento e comercialização do pescado.

Muitos tem sido, ao longo dos anos, os conflitos entre surfistas e pescadores, que tem se debruçado buscando soluções junto as autoridades; da parte dos pescadores há reclamações apontando para a interferência dos surfistas na qualidade da pesca. Segundo eles os surfistas aproximam-se das redes de pesca na procura das boas ondas e as rasgam ao enredarem-se, facilitando a escapada dos peixes; também são acusados de afastarem os cardumes de peixes, deixando os pescadores sem sustento.

Esta espécie de controvérsia aparece em diversas praias por todo o litoral do país; em Florianópolis MARTINS(1995:105;163) observou transformações identitárias entre os nativos na Praia do Santinho quando o surf começou a ser ali praticado não apenas por jovens provindos de outras regiões, mas também por filhos de pescadores locais provocando enfrentamentos com a tradição local que tinha o mar apenas como fonte de sustento. Os surfistas eram então vistos pelos pescadores como “hippies, playboys, loucos, malandros, maconheiros, vagabundos de praia e bichas” pois com seu comportamento quebravam os limites e valores característicos do bairro.

Esta tensão entre pescadores e surfistas não aparece apenas na Ilha. Em Arraial do Cabo-RJ, CUNHA(2000) afirma que na Praia Grande, houveram muitos conflitos entre pescadores e surfistas tendo como conseqüência a abertura de inquéritos policiais a partir de queixas de agressão. Estes conflitos geralmente eram direcionados a pessoas de outras regiões que procuravam esta praia, porém quando também ali membros de famílias locais aderiram a prática do surf, este acabou por abalar a ordem social. Ambas as partes concordaram então em procurar um consenso a partir das discussões de seus representantes e como resultado uma lei municipal regulamentou a prática do surf, sendo que os pescadores a admitiram sob a condição de que ela não fosse realizada no momento em que estivessem pescando.

Numa revista de surf de alguns anos atrás, achei uma reportagem sobre o assunto escrita por um de meus entrevistados, um carioca morador da Barra da Lagoa, surfista

reconhecido por sua performance há mais de trinta anos, *shaper* e proprietário de uma escola de surf no local. Numa coluna de página inteira ele comentava as discussões com os pescadores, chamando a atenção para a crescente presença em alto mar de barcos de pesca industriais, que com sua tecnologia e equipamentos tornavam-se responsáveis pela grande coleta de peixes antes do alcance dos barcos dos pescadores locais. Em vista disso conclamava todos os surfistas a continuarem surfando em qualquer tempo e espaço onde se apresentassem boas ondas pois em sua prática esportiva eles estavam ecologicamente corretos uma vez que estavam salvando os peixes da morte. No entanto hoje já há uma lei municipal restringindo a prática do surf durante a época de pesca da tainha (maio-julho), e placas espalhadas pelas associações de surf conclamam os surfistas a respeitarem os pescadores.

As discussões entre pescadores e surfistas levam em conta também o atrativo ao turismo na região promovido pela prática do esporte e que movimenta o pequeno comércio concentrado nas proximidades do Canal da Barra. Na distribuição espacial da praia há uma concentração de pessoas em seu início, depois tomando forma em pequenos agrupamentos que mesmo nos meses de veraneio mais intenso não chegam a ficar totalmente preenchidos devido a grande extensão que a praia compreende, embora tendam a homogeneizar-se devido também ao grande número de pessoas que aproveitam a areia firme e plana para longas caminhadas.

Junto ao último restaurante localiza-se o único posto salva-vidas fixo na região seguido de quilômetros com pequenas dunas de areia de onde saem trilhas facilitando o acesso a praia. Depois da segunda entrada para a Barra, que culminará num condomínio e zona de loteamento ainda em expansão, as entradas mais conhecidas são as referentes a um camping de base militar onde se vê um caixote de cimento enterrado na areia que serve de sinal demarcatório para os surfistas; mais adiante construíram um posto de observação com troncos de madeira, sendo um local com maior concentração de jovens surfistas e onde tive a oportunidade de assistir dois pequenos campeonatos para adolescentes promovidos por escolas de segundo grau.

Seguindo a praia, cerca de 3 ou 4km de distância do Canal, há a entrada do Camping da Unidade de Conservação do Parque Estadual do Rio Vermelho, onde observam-se plantações de Pinus estendendo-se sobre as dunas do cordão litoral, compondo, com a vegetação arbustiva abundante e as dunas móveis, o ecossistema de restinga encontrado na região (SUÁREZ,2002). Mais adiante, quase chegando na Praia de Moçambique, encontra-se a entrada para o Camping dos Escoteiros, local também muito freqüentado por jovens surfistas.

Numa tarde caminhava pela praia procurando observar a movimentação local quando resolvi seguir um grupo de cinco surfistas que com suas roupas de borracha e pranchas andavam rapidamente procurando um local de boas ondas. Caminhamos durante muito tempo enquanto eles apontavam para as formações de ondas mais adiante e que eu tentava em vão reconhecer e diferenciar dos locais por onde passávamos e nos quais víamos surfistas distribuídos espaçadamente no mar agitado fazendo suas tentativas; o tempo nublado fechava cada vez mais e era com dificuldade e espanto que eu tentava ver algo no mar que ia sendo tomado pela névoa, depois de vários quilômetros decidi dar meia volta enquanto perdia-os de vista na direção de Moçambique.

Três das surfistas entrevistadas começaram sua aprendizagem nas *marolas suaves* da Barra, uma acompanhando o filho de nove anos que também aprendia em uma escola de surf. Informou-me que com o desenvolvimento de pranchas de pequenos tamanhos as crianças tem começado a aprender a surfar cada vez mais cedo, por volta dos cinco ou seis anos.

Segundo a pesquisa realizada por CECATTO, em 1999 haviam cinco escolas de surf na Ilha, sendo duas na Barra da Lagoa. As escolas de surf tem turmas mistas, dividindo os alunos conforme o nível de habilidade que apresentam, entre iniciantes e iniciados, exigindo a idade mínima de seis anos para começar. As aulas acontecem duas a três vezes por semana e afirmam ter como objetivo em primeiro lugar o esporte-rendimento, ressaltando também o surf como um estilo de vida de integração com a natureza. Os proprietários são surfistas que abriram as escolas como forma de estabelecerem um sustento permanecendo por mais tempo em contato com o esporte que praticam: exercem a função de instrutores e oferecem certificado aos participantes, sendo que uma delas tem um projeto de atendimento gratuito a crianças de baixa renda.

Assisti a uma aula de uma destas escola numa manhã cinzenta de água gelada. Quase na beira da praia, com água pela cintura, um jovem de camiseta dava instruções para outro jovem aparentando a mesma idade e que, vestido com uma roupa de borracha, procurava aprender a equilibrar-se sobre a prancha com o auxílio do embalo da espuma das ondas que ali quase se diluíam. Ele caía a cada tentativa de subida embora já conseguisse milésimos de segundos em pé, mostrando o desenvolvimento do treinamento; a cada três ou quatro tentativas o instrutor parava e demonstrava com o corpo os gestos de equilíbrio que ele deveria tentar fazer sobre a prancha, expandindo e movendo lentamente os braços enquanto dobrava os joelhos girando leve e lentamente.

O instrutor apresentou-se como um surfista com performance reconhecida há vinte anos; buscando um folder com propaganda da escola, informou-me que as aulas tem duração média de 1:30hs, sendo oferecidas de forma avulsa ou num pacote de quatro com uma boa variação de preço. O equipamento também é fornecido, além da experimentação em vários tamanhos de pranchas, desde *longboards* até pranchas velozes de pequeno porte para que a pessoa possa escolher aquela que for mais adequada a seu tamanho corporal e performance desejada.

De forma geral deve ser respeitada uma proporção específica entre a dimensão da prancha e o tamanho corporal, sendo que quanto menor for a prancha, menos estabilidade sobre a água ela proporciona, deslizando velozmente e facilitando a variabilidade de manobras; já as pranchas de proporções ampliadas apresentam maior área de distribuição do peso corporal possibilitando maior flutuação e sendo mais adequadas para um deslizamento mais lento e estável, facilitando a aprendizagem.

Um de meus entrevistados é proprietário há quatro anos de uma escola de surf local mantendo suas atividades conforme o fluxo irregular de procura por aulas, geralmente com maior incidência na alta temporada do veraneio. Conta-me sua filha do espanto de seu pai ao ver que na inauguração da escola a primeira pessoa a contrata-lo foi uma menina de treze anos que passou a freqüentar as aulas juntamente com seu irmão de onze anos. Esta escola já chegou a ter onze meninas inscritas no mesmo período, mas atualmente apresentava uma diminuição em sua procura.

Visitando sua casa pude observar a quantidade e variabilidade de roupas para diferentes temperaturas e pranchas de diversas dimensões que estavam organizadas em uma garagem aguardando o rumo da escola. Ao lado da garagem, no pátio interno, chamou-me a atenção uma pintura mural cuidadosamente feita em *spray* por sua filha, também praticante do surf, onde aparecia uma onda sendo surfada por um homem gordo quase careca, com um pequeno rabicho servindo de cabelo e uma imensa barriga aparecendo sob uma camiseta. Mostrando minha admiração pela escolha da rara corporalidade do surfista ali representado, ela explicou-me que havia inspirado-se em um dos alunos de seu pai que tinha mais de cem quilos e havia aprendido a surfar nos longboards.

2.4 - Similaridades e diferenças entre as praias:

De uma forma geral, em todas as praias, a definição do espaço marítimo por zonas costumeiras da prática do surf forma o *localismo*, categoria nativa que estabelece semelhanças com a de “pedaço”, de Magnani.

Ser *local* é pertencer a alguma rede de sociabilidade entre surfistas que praticam cotidianamente na mesma praia. Pude observar que, conforme o grau de aperfeiçoamento da performance do surfista e sua disponibilidade de locomoção, este irá controlar a entrada das ondulações e procurará a praia que oferecer melhores ondas, ou seja, as que forem mais adaptadas ao seu nível de surf. Numa prática cotidiana estas escolhas costumam restringir-se as praias mais próximas, que são, portanto, freqüentadas por pessoas de uma ampla região. Uma praia, porém, costuma ser sempre a eleita como a melhor, na qual o surfista tem sua maior rede de sociabilidade costumando por ali transitar e interagir, sendo, portanto, reconhecido no local.

Uma pessoa pode ser *local* e fazer parte de um grupo menor de sociabilidade, sendo que uma praia terá vários grupos de surfistas que se ligam por uma rede de relações de solidariedade justamente pelo reconhecimento de seu pertencimento ao local. Este pertencimento licencia a pessoa a ter um espaço para surfar naquelas águas e garante a solidariedade grupal em caso de disputa pelas mesmas ondas.

Numa demarcação de territorialidade este localismo pode tomar a forma de violência, tanto simbólica quanto física, na busca de manutenção do poder (BOURDIEU, 1998), manifestando-se como um repúdio aos visitantes que não tem amigos ali; o surfista de fora e o iniciante são chamados de *ráuli(haoli)*, sendo geralmente desconsiderados e muitas vezes até mesmo obrigados a retirarem-se do mar correndo o risco de sofrerem agressões corporais.

Uma das surfistas entrevistadas apresenta-se como *local* da Barra e explica as motivações para as alterações de ânimo no mar pela forma de surfar chamada de *rabear*, na qual um surfista corta a frente de outro que vem deslizando na mesma onda :

Tem aquela coisa assim, tu pega uma onda aí o cara vai lá e entra na frente da tua onda, na frente de vocês, atrapalha, é ruim, atrapalha. Rabeia que se chama, né, rabear. Aí a pessoa deixa onda que tu dá “Ôoo, sai aí!”, a pessoa não sai tu já fica assim, pô, a onda era minha, eu que tô na preferência, entendeu? A mesma coisa que tu ta dirigindo um carro e entra um na tua frente e fecha. A preferência é tua, tu que ta ali e o cara te fechou. E isso acontece

tudo “Ôoo, sai!” Mas aí porque, com mulher assim não tem muito, sabe, neguinho rabeia. Claro, na hora de remar, na hora de disputar a onda, na hora de entrar na onda, ta muita gente, assim, homem e mulher, eles meio que fingem que não te olham, vão, sabe, na onda. Aí tu: “Ôoo, pá!” Aí ele vê que, né, porque como o esporte ta começando agora, muita menina não sabe muito que surfar, ta aprendendo e tudo. Aí com isso eles acham, “Ah, menina é fraca! Menina não vai... não fica bem”, sabe, esses preconceitos masculinos que tem, assim, sabe, tipo tem esse negócio de ser local ou não na hora de que um, vamos supor, um da Joaquina vai pra Barra e vai pegar uma onda e neguinho ele rabeia alguém, isso é pedir briga, entendeu?! O cara não surfa ali todos os dias naquela praia, porque tem isso, né, a pessoa local é aquela que mora ali, que vive ali, sempre ta naquela praia, sempre ta pegando naquele mar.

E a outra é assim, sai daqui e vai até a Joaquina, vai pra Mole, aí rabeia um que é local, é pedir briga, é pedir pra apanhar. Aí sempre tem essa rivalidade na água e esse negócio assim tem bastante, esse preconceito que tem da mulher. Mesmo se for local daqui, mesmo sendo seu local daquela praia, aí a pessoa, o outro homem, local de lá, me rabeia, aí eu vou “Qual é?!” Aí neguinho: “Mulher!”, na cabeça assim “Mulher, ta bem, né?!” Sempre tem, sempre tem, isso sempre, sempre vai ter. Ta melhorando, antes era pior assim, tipo, ainda tem bastante.

Perséfone, 17 anos, Barra da Lagoa.

Mencionando a diferenciação discriminatória exercida sobre as mulheres ela fala numa rivalidade sobre a água, afirmando também que nunca participou de nenhuma briga e que acha este tipo de atitude *muito feia, muito baixa*, uma vez que já assistiu a muitas, especialmente entre surfistas da Barra da Lagoa e da Praia da Joaquina, distantes apenas – km. No entanto em seu depoimento reforça as dificuldades de negociação ao acreditar em que haja casos nos quais *não adianta sentar e conversar*.

Outra surfista, *local* da Praia Mole, menciona que a problemática da territorialidade inclui questões geracionais, de ética na disputa pelas ondas e discriminação entre as diferentes modalidades de surf.

Segundo ela o mar tem vários *picos* nos quais as pessoas distribuem-se; pela diferença geracional ela procura não se misturar *com aquela gurizada de 16, 18 anos*, pois eles estariam no *auge* e querem *surf pra caramba*. Ela prefere praticar o esporte de maneira mais isolada, pegando uma onda pior mas não se *incomodando*, ficando no seu *cantinho*.

Mas porque...principalmente porque no surf tem uma racinha chata que...essa gurizada que quer ser profissional...e que não sei que...e que incomoda, joga a prancha (...) joga a prancha em cima...e se você entrar na mesma onda eles tem um ataque...dá briga, dá isso, dá aquilo. (...) E xingaceira, aí...então...fica uma baixaria, e esporte pra mim não é nada disso, entendeu?!

Hera, 38 anos, Praia Mole.

Estabelece-se uma disputa pelo espaço entre surfistas de uma mesma modalidade e entre aqueles que utilizam pranchas grandes e aqueles que praticam o body bording, com pranchas pequenas; esta última modalidade é muitas vezes considerada pelos surfistas como de menor valor, um surf mais fácil pois não há a necessidade de ficar em pé sobre a prancha.

Esta disputa é realizada em busca de um melhor posicionamento na onda, onde aquele que *entra* primeiro e consegue chegar mais próximo da *crista* (o cume da onda), é considerado o *dono* da onda, lugar este seguidamente invadido pelo *ráuli*. O respeito a este espaço é considerado uma questão de ética, onde as comparações hierárquicas surgem também em outros esportes, sendo mencionada a mesma questão entre os praticantes de asa-delta, esporte também exercido por esta surfista, e os praticantes de parapente.

Só que na nossa época tinha muito menos gente...e mesmo assim as pessoas que freqüentam uma determinada praia, meio que se conhecem, entendeu? Então...era mais fácil. Só que com o passar dos anos as outras, as...esse pessoal...de 13, 14 vai crescendo e vai...ampliando aquele povo, vai vindo o pessoal da Barra da Lagoa, vai vindo o pessoal de outros lugares, de repente cê não conhece mais...ninguém que ta surfando. E...acontece, claro, de você...hã...ta de morey boogie, os surfistas não respeitam muito bem, acham assim que é...né...ah!não! deixa aí...e entram na onda. (...)Ah! Já xinguei, já mandei tomar no cu, mas só assim, nunca saí na porrada com ninguém, né. (...)

Ah, não, eles falam assim: “ah, mas dava!” Porque eu sou super correta, não entro na onda de ninguém, eu sou super correta. Assim...eu tenho a maior ética (ri) no esporte...em tudo, assim, eu sou...eu faço tudo certinho. Eu nunca...tem um sentido pra enroscar na termal, por exemplo, se já tiver alguém na terma, se tiver enroscando pra direita, isso no vôo livre, cê não pode chegar lá barbarizando, enroscando pra esquerda, se metendo na frente de todo mundo porque...é, é poss...é...pode dar um acidente.

(...)Então...se tiver parapente...que parapente é meio que assim...morey-boogie é meio dado assim em segundo plano no surf, né, e parapente, em relação ao vôo também. É assim. Tem menos valor. Então quem voa de asa não dá muito valor (.....) não respeita, entra e tal. Eu não, eu sempre respeitei todo mundo, que eu acho que quem ta ali pra curtir o esporte, independente do que ta fazendo, pode ta pegando de peito...né, ta amarradão na dele tem que ir, pô...tem que ser respeitado, né. Talvez até pela minha posição já ter sido de inferioridade em relação ao morey-boogie, né, que eu tenho essa visão.

De ser...respeitar, né, respeitar todo mundo! E...neguinho não respeita, então...aí eu fico puta, eu fico puta, reclamo, tal, mas...isso na época do morey-boogie, agora que eu já tô com 38 anos, entendeu, não tô mais pra me estressar a minha vida...(risos) Aí eu fujo, eu vou prum lugar que ninguém queira ir...mas que tenha umas ondinhas...pra mim já ta ótimo. Só curtindo, quero saber só de alegria, não quero saber de complicação.É, é...passei já da fase...

Hera, 38 anos, Praia Mole.

Finaliza a questão dizendo que no meio da diversão do surf também tem stress pois dificilmente se vê no mar um surfista sozinho, segundo ela, aonde um vê que tem boas ondas o outro também quer estar, acabando por encher de pessoas no mesmo lugar, todos querendo pegar a mesma onda...*só vão pegar os mais rápidos e os melhores, aí...* A expressão utilizada é *crowdeia!* (de *crow*, multidão).

Procurando uma forma de estabelecer contrastes entre as duas praias perguntei a um freqüentador da Praia Mole como seria possível descrever as visíveis diferenciações das corporalidades entre os freqüentadores desta praia e da Barra da Lagoa. Ele apontou-me a questão da alimentação dizendo que na Praia Mole as pessoas preocupavam-se com a qualidade dos alimentos e com uma alimentação mais balanceada, ao contrário do que acredita acontecer na Barra da Lagoa, onde as pessoas comeriam mais fritura que deixariam seus corpos mais obesos.

Deu-me o exemplo de sua esposa que come de tudo mas com proporções pensadas, usando muitos alimentos *diet*. Ele, praticante de esportes como a vela, menciona que hoje come de tudo mas na adolescência, quando participava da equipe de natação de seu colégio no Paraná, tinha uma alimentação diferenciada. Menciona que na época as mesas dos atletas eram separadas dos demais alunos, e seus alimentos eram dosados e pesados na busca de uma alimentação que se acreditava ser mais equilibrada, com variedade de alimentos que também

eram diferenciados conforme o tipo de esporte praticado. Diferença que ele vê acontecer até hoje entre os esportistas, apontando o caso dos corredores fundistas que comem muito macarrão mas que pelo desgaste de energia tem seus corpos muito magros.

Sua idéia sobre o consumo de alimentos era associada a uma imagem de diferenciação social que ele apontava: os produtos procurados pelos freqüentadores da Praia Mole são mais especializados e mais caros.

Variedades alimentícias como granola, sucos com misturas variadas, muitas vezes com vegetais, frutas e produtos integrais são oferecidos a comercialização na Praia Mole, numa diversificação que não se encontra em outras praias. Na Barra da Lagoa a especialização alimentícia fica a cargo dos petiscos de produtos do mar e refeições utilizando variedade de peixes e seus acompanhamentos, estes são vendidos também em conjunto a preços mais acessíveis, favorecendo o fluxo de camadas mais populares da população que chega nos ônibus de turismo.

Ele diferencia e associa: na Barra há muitos *farofeiros*, pessoas que tem o hábito de fazerem grandes refeições na praia e que comem muita *fritura*, fala do alimento gorduroso como algo que é mais barato e que pode ser transportado e guardado durante horas, sendo muitas vezes trazidos de casa por famílias que vem de distâncias maiores e que vão ali passar o dia; compara com uma reportagem que havia visto sobre o *piscinão* de Ramos, no Rio de Janeiro, onde, segundo ele, as pessoas tinham hábitos alimentares que ele considerava contrastantes com os observados na Praia Mole e similares a Barra da Lagoa.

Thales de AZEVEDO(1988), falando sobre o espaço de sociabilidade da praia e a transformação dos costumes no Brasil, faz algumas observações históricas interessantes relacionadas a discriminações e segregações etno-econômicas.

(...) Vi, pela primeira vez, em começos de 1941, uma “playa de negritos” em Carrasco, nos arredores de Montevideu: o fenômeno ocorre no Brasil com os pretos, os pobres, os moradores de favelas e invasões da proximidade de determinadas praias e com os farofeiros, os banhistas que chegam em grupos, quase sempre em ônibus, levando farnéis ou merendas – supostamente com bastante farinha de mandioca – com que poluem os trechos ocupados e incomodam os freqüentadores com seus estilos de brincadeiras. Isolam-se igualmente os banhistas procedentes de regiões diferentes, os turistas de toda procedência, estranhos aos locais, principalmente os estrangeiros.(...)
AZEVEDO,1988:29.

Fazendo uma análise do gosto e de escolhas habituais da vida cotidiana, tais como culinária, vestimenta, pintura, música, etc, BOURDIEU (s/d) procura investigar a relação entre o capital cultural e a origem social na formação e manutenção de gostos, de escolhas de consumo. Procura determinar a disposição cultivada e a competência em relação a natureza dos bens consumidos e a maneira como são consumidos e legitimados conforme a variação das categorias dos agentes. Aponta que os domínios de legitimação são estabelecidos por dois fatores fundamentais: a relação entre as práticas culturais e o capital cultural(mensurado pelo nível de instrução escolar), e a origem social. Estes formariam um sistema explicativo das práticas ou preferências onde os diferentes acessos aos bens culturais estabelecerão uma hierarquização de diferenças de classe.

As escolhas e hábitos alimentares participam do mesmo sistema de relações, ligados a manutenção de um estilo de vida onde os diferentes usos dos alimentos, se são comuns ou raros, a maneira como são fotografados e cozinhados, se estão ligados a tradição ou não, serão carregados de significação conferindo valor social, que por sua vez, dará o uso social.

É preciso conhecer a relação entre a lógica da transmissão do capital cultural e o funcionamento do sistema escolar. A instituição escolar contribui para reforçar as ações de inculcação e imposição de valor do capital cultural herdado da família, legitimando nas práticas escolares as hierarquizações de status (enobrecimento/estigmatização) e reificando a distinção social.

A pessoa que me informava sobre as distinções entre as corporalidades nestas praias era um professor universitário e sua comparação com a situação no Rio de Janeiro deixa clara a associação entre produtos escolhidos para consumo e hábitos alimentares como signos de distinção social, uma vez que o *piscinão* de Ramos é uma espécie de lago artificial construído especialmente para atender a demanda de populações de baixa renda que vivem nos morros da cidade maravilhosa, demarcando uma imensa separação e hierarquização social inferior a, por exemplo, as praias da zona sul do Rio.

CAPÍTULO 3

AS IDÉIAS DO NATURAL E DO CORPO SAUDÁVEL NO MUNDO DO SURF

Neste capítulo faço algumas reflexões sobre as idéias do natural e do corpo saudável no mundo do surf, abordo também concepções sobre idéias de alimentação saudável difundidas no mundo do surf.

Algumas idéias relacionadas à saúde, ao natural, à alimentação e aparência corporal estão disseminadas por toda a região da Lagoa, mas pode-se apreciá-las especialmente na Praia Mole, conhecida, como já disse, como a praia dos *sarados*, categoria nativa empregada para designar a forma física ali cultivada numa expressão que traz em si a conotação de alguém que recobrou sua saúde. Também ouvi entre os homens e algumas das surfistas entrevistadas a idéia de que uma pessoa apenas torna-se realmente um/a surfista quando foi *infectada pelo vírus*, expressão nativa referente à forma intensiva com que a pessoa passa a dedicar-se ao aprimoramento de sua prática.

A “experiência da doença” (assim como a idéia de saúde), é considerada por ALVES(1993:264) como “uma realidade construída por processos significativos intersubjetivamente partilhados”, uma vez que o sentir-se mal põe em ação uma série de decisões e práticas consideradas como adequadas, relativas a um determinado conhecimento que é construído culturalmente, variando conforme o período histórico e o grupo que o professa³⁶ . Assim pode ser visto, por exemplo, na história dos banhos e das relações com a praia através do papel representativo das idéias médicas.

Conforme SILVA(1999:47,48) a água, até a Idade Média, estava associada mais a uma idéia de diversão e transgressão do que a higiene. Por volta do século XV os médicos denunciavam que os banhos podem causar danos a porosidade da pele, tornando-a frágil. Com o advento da peste os banhos públicos e privados desaparecem nos séculos XVI e XVII, até voltar lentamente a se tornar um hábito, no século XVIII, entre as camadas economicamente mais abastadas. A partir daí os médicos e higienistas vão codificar as práticas ligadas ao mar

³⁶ Acerca deste assunto remeto ao artigo de Jean LANGDON. A doença como experiência: a construção da doença e seu desafio para a prática médica. Ilha de Santa Catarina: Antropologia em Primeira Mão, n.12.

associando-as a idéias de reposição de energia e fortificação corporal que corrigiriam os males da civilização urbana.

A moda do banho de mar nasce então de um projeto terapêutico e com ela traz uma mudança dos costumes e da moral no que tange a exposição e expectativa do corpo. Os discursos médicos são então diferenciados, relacionando o que seria adequado e benéfico ao corpo da mulher e ao corpo do homem, variando também conforme a camada social; entre as camadas mais populares a mistura dos sexos é logo permitida enquanto que para a burguesia as normas de pudor são mais acentuadas, num recato vitoriano que impõe um modelo de manutenção de uma ordem social.

Todos os cuidados pessoais implicados nesses imperativos morais e terapêuticos constroem um novo esquema de escuta, de apreciação de si mesmo, no qual o corpo se encontra no centro das preocupações. SILVA, 1999:50.

O recato vitoriano é aí caracterizado pelo excesso de vestuário, pelo desejo de cobrir-se, e está associado a uma concepção de personalidade vinculada a aparência corporal³⁷. A própria Antropologia, antes de abraçar o pensamento relativista, contribuiu para a formação de “tipos sociais” na associação da forma corporal ao comportamento, tendo aqui a fotografia um papel muito importante na construção e difusão destes tipos. Paul Broca(1824-1880), médico cirurgião fundador da Sociedade Antropológica de Paris, afirmou que a Antropologia só teria sentido se fundamentada em medições, como as realizadas nos crânios, difundindo por toda a Europa a idéia de que os negros representavam grupos de inferioridade intelectual e social, enquanto que os brancos, com cabelo liso e rosto reto seriam parte dos “grupos mais elevados na escala humana”³⁸. Cesare Lombroso, fazendo uma aliança entre a Medicina, o Direito e a Antropologia proporá também uma correlação entre o social e o biológico classificando comportamentos ditos anormais e anti-sociais e os traços fenotípicos caracterizados como sendo próprios a criminosos, loucos e agitadores políticos³⁹.

No século XIX o caráter de instrumentalidade no trato com o corpo ficará marcado também pela associação entre a Educação e a Política, onde a disseminação de disciplinas somáticas buscará moldar os comportamentos e impor aos indivíduos gestos e posturas adequadas as novas exigências sociais.

³⁷ SILVA, 1999:56.

³⁸ Ibidem, 1999:57.

³⁹ Acerca da difusão destas idéias no Brasil, remeto à pesquisa de Lilia Moritz SCHWARCZ. O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil- 1870-1930. SP: Companhia das Letras, 1993.

As disciplinas somáticas, a educação “física” dos indivíduos foi necessária, (...) para que a nova ordem e a nova racionalidade exigidas pela instauração da “sociedade industrial” fossem criadas; isso porque era necessário produzir operários a partir de camponeses e andarilhos. (...) três formas de disciplina criam uma nova corporeidade: a era do olhar, marcada pelas diversas formas de fiscalização⁴⁰; a disciplina fabril, como resultado de uma organização administrativa; e a ciência do trabalho, que tem no corpo um objeto de estudo buscando a maximização do rendimento. SILVA, 1999:61.

O surgimento da cronofotografia contribuirá, também, na multiplicação das pesquisas de médicos e higienistas que observarão com maiores detalhes a “movimentação da máquina humana”, procurando formas de racionalizar o processo produtivo para a produção de grande quantidade de trabalho com o mínimo de fadiga através de métodos ginásticos, passando esta prática a ser na Europa um “dever nacional”, praticada por “batalhões de escolares”, onde os códigos gestuais de boas maneiras serão cobrados. A ginástica, por seu caráter ordenativo, disciplinador e metódico será constitutiva dessa mentalidade.⁴¹

Desde o século XVIII, com o advento do sistema parlamentarista e da Revolução Industrial a partir da Inglaterra, ELIAS (1996) aponta que houve uma grande mudança dos jogos considerados como atividades recreativas para a idéia que prepondera até hoje do esporte moderno, com o surgimento dos esportes organizados e regrados internacionalmente, proporcionando o surgimento de um fluxo de competições entre equipes através dos clubes, sejam por regiões ou/e países, numa disciplinarização dos corpos através de regras consensuais⁴².

As raízes militaristas contidas nestas idéias de atividades corporais reforçam uma visão de um corpo constituído por peças as quais se deve prestar a máxima atenção para que as ações sejam sempre mais eficazes.⁴³

No Brasil, as disciplinas corporais relativas aos banhos de mar também começaram vinculadas a uma idéia de saúde, causando uma transformação nos costumes das populações urbanas. Thales de AZEVEDO(1988) comenta que em 1808 Dom João VI foi aconselhado pelos médicos a tomar banhos salgados devido a mordida de um carrapato; ia a praia numa cadeirinha carregada por doze pessoas negras vestidas de seda carmesim e era submerso

⁴⁰ A disciplina do olhar é aqui apontada como fundamentação de uma ética utilitarista a partir da obra do Panopticon(1791) de Jeremy Bentham, onde o inspetor de uma penitenciária pode “ver sem ser visto”, levando a interiorização da vigilância até o ponto em que a própria vigilância não seja mais externamente necessária. (SILVA, 1999:61)

⁴¹ Ibidem, p.62-64.

⁴² O surgimento da idéia do esporte moderno será retomado no capítulo 4.

⁴³ SILVA, 1999:65.

num caixão de madeira que mandou fazer especialmente para os banhos, no Rio de Janeiro, sendo vigiado pelo médico e pelos lacaios. A moda então se espalhou. Com o passar dos anos, na segunda metade do século XIX e início do século XX, a venda de casas perto das praias foi aumentando, sendo oferecidas em propagandas relacionadas a uma idéia de saúde.

A ida `a maré, como então se dizia, se dava bem cedo, de madrugada, `as vezes de manhãzinha, ao nascer do sol, por uma ou duas horas se tanto, enquanto o mar estava descansado e não houvesse o inconveniente de queimar a pele alva das mocinhas e das senhoras. Estas cobriam-se pudicamente com uma “roupa-de-banho”, (...) de lã grossa, pesada, a baeta, em geral azul-marinho com bruns de soutache branco, uma calça fofa ajustada no tornozelo, um amplo casaco descendo até o joelho e mangas compridas ou pelo menos ao cotovelo; na cabeça, um gorro do mesmo tecido e acabamento. Nos pés, um sapato raso de lona com sola de corda trançada, o peixe-gelado, como proteção contra ostras, pedras, cacos de vidro, lama dos mangues. Os homens vestiam já uma calça cortada ao joelho e camisa de malha ou uma peça inteiriça deste estofado, desenhada com riscas horizontais.(...) AZEVEDO,1988:11,12.

Em 1924 os primeiros maiôs decotados de malha de lã aparecem no Rio de Janeiro e novos hábitos vão sendo formados. Segundo Azevedo, já não se levam mais em conta os poderes terapêuticos da água do mar, criam-se então diferentes necessidades até então praticamente inexistentes ou limitadas a poucos indivíduos, considerando-se a exposição ao sol benéfica ao organismo pela fixação de vitaminas. A idéia de modernidade e rejeição de uma situação colonial alterava os costumes e a moral, transformando os modos de andar, de sentar, de deitar-se e mexer-se nas areias da praia. Aparece então o *bikini*, lançado por ocasião das explosões atômicas dos franceses no atol daquele nome. Azevedo menciona que “ a praia produz uma cultura, um modo de viver, mesmo uma ética pelos quais muitos pautam a existência e as cidades costeiras orientam seu crescimento”, havendo uma alteração da libido nessa “renovada relação do corpo com o meio natural e humano da sociedade da praia.”⁴⁴

Estas mudanças históricas nos costumes são interessantes para ajudar a compreender as relações com o corpo e as idéias vinculadas a saúde preponderantes, como já disse, na região da Lagoa. Entrevistei um médico do esporte, 43 anos, morador da Lagoa e freqüentador da Praia Mole, surfista ocasional e corredor de rua assíduo, proprietário de uma das clínicas onde Hera aplica acupuntura. Em todo o seu depoimento associa sempre a idéia de saúde a adequação ao mercado de trabalho e a busca de uma qualidade de vida como questões culturais a serem alcançadas. Quando pergunto detalhes sobre seu desempenho como surfista, ri

⁴⁴ AZEVEDO, 1988:31,32.

acanhadamente. Diz que surfou até os 20 anos e depois parou, voltando a surfar há dois anos pois ficou entusiasmado vendo que o surf não é mais apenas para garotos, uma vez que hoje já vê surfando *gente meio barrigudo e careca*. Mas afirma que ainda há preconceitos e que *socialmente o homem acabou rejeitando o corpo*.

Falou-me que o *stress* é uma característica marcante em nossa sociedade, onde a realidade do mercado de trabalho, em Florianópolis, traz a necessidade de se estar mais atento e competitivo, causando freqüentemente problemas de insônia, obesidade e excesso de adrenalina no organismo. Ele indica então, formalmente, o esporte e as atividades físicas como antídoto eficiente para equilibrar o estado psíquico e orgânico dos pacientes.

Conta-me que a Medicina do Esporte tornou-se uma especialidade por volta dos anos 20, vinculada a traumatologia. Há trinta anos surgiu outra vertente, a qual ele se filia, ligada a fisiologia do exercício e idéias sobre desempenho e energia humana. Acredita inclusive que a designação Medicina do Esporte não é mais adequada para abarcar as formas de utilização do corpo enfocadas por esta corrente, onde a atividade corporal, e não apenas o esporte regrado, é estimulada vinculada a idéia de saúde e prevenção de doenças, citando a diabete e a obesidade. São consideradas por ele benéficas tanto atividades físicas formais, como as realizadas em academias, quanto as atividades físicas de lazer, como dançar e caminhar com os filhos. Procura evitar a tecnologia em excesso e visa uma mudança comportamental dos pacientes, uma mudança de vida, onde seu trabalho chega a ser mais de âmbito psicológico.

Fundou no ano de 2002 a Sociedade Catarinense de Medicina do Esporte, com sede ainda virtual, junto com outros onze médicos especialistas. Esta sociedade diferencia-se de outras relacionadas a medicina uma vez que, devido a idéia de ampliar a compreensão sobre o tema, aceita a participação de outros profissionais que não médicos, como nutricionistas, psicólogos, fisioterapeutas e educadores físicos.

Afirma que a Medicina do Esporte até a pouco enfocou muito o físico e a carga genética, mas que a tendência agora é considerar a questão cultural da utilização do corpo. Acredita que o exercício físico preventivo proporciona energia psíquica para a realização de projetos, uma vez que a pessoa teria maiores condições de enfrentar desafios a medida que tem maior domínio sobre seu corpo.

Em sua clínica ele atende tanto atletas vinculados a esportes de maior desempenho, quanto pessoas sedentárias que querem acompanhamento. Trabalha em conjunto com nutricionistas, vinculando as atividades físicas com uma reeducação alimentar considerada

saudável, reiterando a importância que confere mais a uma mudança de comportamento do que ao seguimento de uma receita.

É interessante observarmos suas idéias sobre saúde corporal e comportamento quando associadas a questão cultural por ele apontada, como um componente novo a ser considerado hoje na Medicina do Esporte. Seu próprio papel como médico, associado como sendo um trabalho mais de âmbito psicológico aponta para a relatividade contida nas idéias sobre saúde e a formulação de um diagnóstico.

Apesar da relatividade dos contextos culturais é interessante observarmos as aproximações que LEVI-STRAUSS (1975) faz sobre o papel do xamã que nas sociedades indígenas exerce a função de médico, fazendo diagnósticos e intervindo nos processos de cura⁴⁵.

Falando sobre os componentes psicológicos envolvidos em processos de cura entre os Cuna, no Panamá, aponta para a complexidade existente na eficácia simbólica da cura xamanística. Refletindo sobre os procedimentos adotados neste grupo sob a adversidade de um parto problemático, investiga a mediação do xamã na resolução dos problemas orgânicos através de cantos com conteúdos míticos especialmente dirigidos para um combate que ocorre dentro do corpo da doente. Afirma que o conteúdo afetivo da perturbação fisiológica abre caminho para a manipulação psicológica do órgão da doente, que espera a cura desta manipulação.

(...) Vai-se, pois, passar da realidade mais banal ao mito, do universo físico ao universo fisiológico, do mundo exterior ao corpo interior. E o mito, desenvolvendo-se no corpo interior, deverá conservar a mesma vivacidade, o mesmo caráter de experiência vivida à qual, graças ao estado patológico e a uma técnica obsidante apropriada, o xamã terá imposto as condições. (...)

A cura consistiria, pois, em tornar pensável uma situação dada inicialmente em termos afetivos, e aceitáveis para o espírito as dores que o corpo se recusa a tolerar. Que a mitologia do xamã não corresponda a uma realidade objetiva, não tem importância: a doente acredita nela, e ela é membro de uma sociedade que acredita. Os espíritos protetores e os espíritos malfazejos, os monstros sobrenaturais e os animais mágicos, fazem parte de um sistema coerente que fundamenta a concepção indígena do universo. A doente os aceita, ou, mais exatamente, ela não os põe jamais em dúvida. O que ela não aceita são dores incoerente e arbitrarias, que constituem um elemento estranho a seu sistema, mas que, por apelo ao mito, o xamã vai reintegrar num conjunto onde todos os elementos se apóiam mutuamente. LEVI-STRAUSS, 1975: 223;228.

⁴⁵ Sobre a questão do xamanismo e alguns desdobramentos simbólicos de sua abrangência, remeto ao trabalho de Jean LANGDON (org.). Xamanismo no Brasil: novas perspectivas. Florianópolis: Ed.UFSC, 1996.

Mais adiante Levi-Strauss faz também uma interessante e discutida aproximação da cura xamanística com a cura psicanalítica, diferenciando-as apenas por uma inversão de termos.

(...) Ambas visam provocar uma experiência; e ambas chegam a isto, reconstituindo um mito que o doente deve viver, ou reviver. Mas, num caso, é um mito individual que o doente constrói com a ajuda de elementos tirados de seu passado; no outro, é um mito social, que o doente recebe do exterior, e que não corresponde a um antigo estado pessoal. Para preparar a abreação⁴⁶, que se torna então uma “ad-reação”, o psicanalista escuta, ao passo que o xamã fala. Melhor ainda: quando as transferências se organizam, o doente faz falar o psicanalista, emprestando-lhe sentimentos e intenções supostos; ao contrário, na encantação, o xamã fala por sua doente. Ele a interroga, e põe em sua boca réplicas que correspondem a interpretação de seu estado, do qual ela se deve compenetrar (...) LEVI-STRAUSS, 1975: 230.

Com este estudo Levi-Strauss deixa clara a inseparabilidade ali existente dos processos orgânicos e psíquicos, onde a indução de uma transformação orgânica é também uma reorganização estrutural psicológica. Ao fazer a introdução a obra de Mauss, aprofunda algumas reflexões na exposição da antropologia estruturalista, apresentando algumas questões que nos ajudam a pensar a complexidade da construção do corpo nas relações sociais que se estabelecem também na prática esportiva do surf e as idéias sobre saúde a ele vinculadas. Reforçando a aproximação entre etnologia e psicanálise, Levi-Strauss mostra o quanto as condutas individuais são indissociáveis das relações simbólicas construídas coletivamente. Assim, nas técnicas corporais estudadas por Mauss em diferentes culturas ver-se-á a construção de um sistema simbólico compartilhado pelo grupo e exercido individualmente.

Nesta construção que é compartilhada, Levi-Strauss vê a subordinação do psicológico ao sociológico, onde a normalidade é ditada pela aceitação da coletividade, seja do louco, do xamã ou do diferente. Levi-Strauss considera que “a cultura pode ser considerada como um conjunto de sistemas simbólicos em cuja linha de frente colocam-se a linguagem, as regras matrimoniais, as relações econômicas, a arte, a ciência, a religião”. Estes sistemas são

⁴⁶ Segundo Levi-Strauss(1975:229), abreação é um termo psicanalítico para designar a experiência vivida onde se conduz à consciência conflitos e resistências até então conservados inconscientes. “(...) os conflitos e as resistências se dissolvem, não por causa do conhecimento, real ou suposto, que a doente adquire deles progressivamente, mas porque este conhecimento torna possível uma experiência específica, no curso da qual os conflitos se realizam numa ordem e num plano que permitem seu livre desenvolvimento e conduzem ao desenlace.(...) Sabe-se que ela tem por condição a intervenção não provocada do analista, que surge nos conflitos do doente, pelo duplo mecanismo da transferência, como um protagonista de carne e osso, e face ao qual este último pode restabelecer e explicitar uma situação inicial conservada informulada.”

responsáveis pela expressão da realidade percebida pelo grupo, podendo ser associados na criação de novas relações a serem compartilhadas⁴⁷.

RODRIGUES (1975:19,20) faz uma interessante pesquisa sobre os “Tabus do Corpo”, afirmando que a cultura estabelece “contrastes estruturalmente requeridos para a construção de sentido do sistema de significação que é a vida social”. Estes contrastes são construídos de acordo a uma seletividade de atributos culturais que devem constituir a pessoa e seu papel social; por sua vez, esta seletividade se refere à correspondência de um sistema de normas muitas vezes etnocêntricas que estabelecem um comportamento e aparência pré-determinados ao corpo conforme a expectativa social e as relações de poder ali entretecidas.

No estabelecimento de contrastes na construção de um sentido para a formação dos grupos de sociabilidade, a idéia de mudança de comportamento relacionada ao esporte e, portanto, ao corpo e as técnicas corporais, especialmente no que se refere ao surf, é amplamente difundida. Ouvi-a também ao conversar com uma mulher que atende em uma lanchonete que divide o espaço com o Centro de Treinamento de Atletas da Mormaii, na Praia Mole: *o surf é um estilo de vida*.

A moça contou-me da concepção empregada de alimentação natural na lanchonete, que pretende alcançar os surfistas, dizendo, por exemplo, que não servem batidas com leite pois “o homem seria o único animal adulto que insiste em tomá-lo, não trazendo benefícios ao organismo”. Aponta diferenças no cardápio oferecido na praia e no centrinho da Lagoa; lá os ingredientes são selecionados especificamente para os atletas, conforme as indicações do nutricionista ligado ao Centro de Treinamento. No centrinho, onde esta mesma lanchonete abriu uma filial, no verão de 2002/2003, devido ao público mais amplo, são servidos sanduíches com alguns tipos de carne como peito de peru e galinha.

⁴⁷ Levi-Strauss afirma que o fisiológico também está subordinado a construção cultural, uma vez que a própria saúde (mental e corporal) é alterada pela aceitação ou recusa da participação na vida social; mas este autor ressalta que a própria sociedade reserva um tipo e espaço próprio para a incompatibilidade como o coletivo. Segundo ele, tanto o indivíduo quanto a fisiologia do corpo e a estrutura social complementam-se dinamicamente através do fato social que une elementos de natureza diversa numa totalidade integrada em sistema; ao afirmar isto Levi-Strauss está apontando para uma idéia de um sistema coeso, que dá conta de suas exceções pela manutenção de regras que formam a normatividade social, e não leva em consideração a variabilidade de oposições e a multiplicidade de relações que um sistema constantemente em construção pode conter conforme o contexto interpretativo, no entanto aponta para uma interessante idéia de regularidade social formada por oposições. Suas concepções aqui explicitadas de mito individual, como algo pessoal e interior em contraposição a um mito social, como algo exterior, também parecem-me relativas e discutíveis levando-se em conta a complexidade da construção social do sujeito.

Visitei esta filial, no centrinho da Lagoa, consistindo em um trailer aparentemente fixado na calçada, onde ao seu redor são colocadas mesas a disposição dos consumidores, à beira da lagoa. Os proprietários pretendem deslocar o trailer para acompanhar os campeonatos de surf. Chamou-me a atenção o cardápio ampliado e estampado como um pôster no qual aparecia, além da relação das iguarias oferecidas, a figura de um homem de pernas e braços abertos num círculo que contém em seu interior um quadrado, numa alusão a um estudo de Leonardo da Vinci sobre as proporções e o movimento do corpo, realizado no Renascimento, onde a obra de arte era considerada também como um estudo de uma idéia de natureza.

Da figura estampada no cardápio saem finos traços ligando partes do corpo a palavras que associam capacidades humanas e componentes químicos, e estes, por sua vez, aos preços, proporcionando ao cliente uma interessantíssima rede de associações simbólicas. Assim, por exemplo, no lado direito pode-se ver empanadas ligadas à vitamina A e à visão; sanduíches naturais ligados ao ácido glutâmico e à audição; algumas saladas (de soja, grega, trigo e broto de feijão) ligadas ao tato e ao dizer “comidas naturais ativam a sensibilidade”. A razão está ligada ao lítio e manganês, que por sua vez estão ligados a todo o cardápio do lado esquerdo, que também é subdividido. Vê-se deste lado, por exemplo, as articulações ligadas à vitamina C, à paixão e ao suco de uma fruta (laranja, morango, limão, abacaxi, etc.); a ação ligada à energia, aos carboidratos, à designação “corpore sano” e à um suco chamado “cura”, composto de melancia, limão e hortelã⁴⁸.

No canto inferior direito do cardápio há a estrutura textual de um poema com o seguinte dizer:

Grande Negócio

Grande Negócio é trabalhar com o que se gosta
 Grande Negócio é trabalhar em um local que se gosta
 Grande Negócio é oferecer algo de bom e saudável
 que traga satisfação e saúde.
 E o lucro deste grande negócio é ampliar e melhorar
 a vida de seus clientes.
 Este é nosso grande negócio!

⁴⁸ Provei o delicioso suco “gás”, composto de guaraná, limão, gengibre e catuaba, relacionados no cardápio à ação e a energia.

É interessante observar a questão empresarial expressa na idéia de um “grande negócio” associada a saúde e satisfação pessoal, professada como algo compartilhado pelos proprietários e a ser adquirido por um público consumidor. Há toda uma elaboração discursiva sobre a integração do alimento com o estilo de vida a ser levado, e este com o trabalho.

O nome da lanchonete, estampado no cardápio em letras vermelhas, é “Corpore Sano”, fazendo uma alusão ao antigo ensinamento grego “*mens sana in corpore sano*”, com uma sobreposição em letras menores verdes dizendo “in loco”. O que se pensa e o que se come ali estão ali associados a uma idéia de saúde onde a disposição mental e corporal são inseparáveis.

Um dos proprietários, 32 anos, surfista que já competiu no circuito profissional, informa-me sobre a escolha do cardápio e sua concepção de saúde associada a idéia do natural.

Diz que *veio na cabeça vincular alimento ao corpo pois é isso que a gente precisa, não é um monte de balde de poeira em cima da geladeira, potinho, comprimidinho. Afirma que as vitaminas tem em tudo que é fruta, e que Deus deu pra gente.*

Explica-me as diferenciações do cardápio no *centrinho* e na Praia Mole afirmando que no *centrinho* a proposta é mais aberta, oferecendo refrigerante e aves, mas que na Praia Mole o cardápio é *cem por cento natural*, não incluindo produtos de origem animal. Quando o questiono sobre sua idéia de natural ele informa-me que significa não incluir nada que envolva um ser vivo. Justifica as diferenciações dizendo que ele é a favor da utilização de alguns refrigerantes para a facilitação da digestão mas que a lanchonete da Praia Mole é supervisionada por um vegetariano pertencente ao Centro de Treinamento: *quem doutrina as coisas lá é ele.*

São interessantes as idéias veiculadas pela lanchonete e, por extensão, no Centro de Treinamento de Atletas, que associam o esporte a restrições alimentares denotando um estilo de vida diferenciado idealmente marcado por uma determinada visão de mundo, ou seja, o que seria o ideal para a performance de um atleta é também a forma como ele vive a sua vida quando não está praticando o esporte.

Aquilo que foi apontado como concepção de natural para a alimentação, extinguindo a possibilidade de ingestão de produtos de origem animal está associado a uma idéia de restrição a uma determinada forma de violência. Se a justificativa apresentada para as restrições baseia-se no não envolvimento de outros seres vivos, eles descartam a possibilidade de que os vegetais e as frutas contidas em abundância no cardápio sejam consideradas como tais, havendo então um posicionamento claro contra o derramamento de sangue e o consumo especificamente de animais.

As diferenciações e separações sociais estabelecidas através da alimentação são estudadas também por DOUGLAS(1976) e SOLER(1998) ao refletirem sobre os hábitos alimentares hebraicos. Douglas, falando sobre “As Abominações do Levítico”, faz uma relação da diferenciação dos animais considerados puros ou impuros para tornarem-se alimento associando-os à concepção de corpo que deveria ser expressada por estes povos:

Se a interpretação proposta aos animais proibidos está correta, as leis dietéticas teriam sido como signos que a cada momento inspiravam meditação sobre a unidade, pureza e perfeição de Deus. Pelas regras de evitação, à santidade foi dada uma expressão física em cada encontro com o mundo animal e a cada refeição. A observância das regras dietéticas teriam então sido uma parte significativa do grande ato litúrgico de reconhecimento e culto que culminava no sacrifício no Templo. DOUGLAS, 1976: 74.

Por sua vez, Soler, ao analisar também as razões que a bíblia apresenta para as regras alimentares hebraicas, afirma que:

A decifração das regras alimentares revela a sua lógica sem que se possa determinar a parcela inconsciente e a parcela consciente que presidiram a sua elaboração, ao longo de vários séculos. É claro que os homens que respeitavam essas prescrições ignoravam sua razão de ser e não procuravam conhecê-la. Bastava-lhes aplicá-las para manifestar a sua fidelidade a Deus. (...) Nessa ordem de mundo em que tudo se funda em uma rede de “separações”, o povo hebraico não deve se misturar com os outros povos. Ele é definido como “um povo que vive à parte e não é classificado entre as nações” (Num.23,9). É por isso que os israelitas não devem partilhar as refeições dos *goyim*. (...) Em última instância, pouco importa de que é constituída essa comida, desde que ela se diferencie da dos povos ao redor. Com a simples ressalva de que as diferenças indispensáveis não são sem importância: elas foram elaboradas a partir de uma concepção do mundo que dá ao povo hebreu a sua identidade. SOLER, 1998: 90,91.

Soler termina suas reflexões associando a alimentação dos israelitas ao que Leonardo da Vinci dizia sobre a pintura, como sendo uma “coisa mental”. Lembro aqui que a alusão é acerca das idéias do mesmo artista que tem seu desenho reinterpretado no cardápio da lanchonete, relacionando o corpo à concepções de uma alimentação natural.

Pude observar durante o período de pesquisa que o universo do surf está sempre vinculado a uma idéia do natural, tanto pelo contato constante com a água e os espaços abertos, quanto a ingestão de alimentos, no entanto o que é classificado como natural pode conter

variações conforme as concepções dos diferentes grupos de sociabilidade, por exemplo, no que se refere ao consumo ou não de carne, refrigerantes⁴⁹ e bebidas alcólicas.

As reflexões realizadas por LENOBLE (1990) sobre concepções de natureza são interessantes para ajudar-nos a pensar contextualmente as idéias sobre o *natural* associadas ao *ethos* do surfista. Escrevendo sobre “a noção de Natureza do século XVI ao século XVIII”, Lenoble procura desconstruir a naturalidade do termo apresentando diferentes significados encontrados em dicionários, ampliando para uma reflexão histórica sobre o desenvolvimento e desdobramento da questão em diferentes períodos e contextos de sociabilidade. Segundo ele, é apenas na historicização deste conceito que podemos perceber a Natureza não tanto como uma realidade passiva apercebida, mas como uma “atitude” do homem perante as coisas, atitude esta mutável junto com o contexto.

A diversidade de concepções que irão formar-se estão inseparavelmente ligadas aos modos de explicar o cosmos e aos modos de viver nesse cosmos. Da Grécia a era cristã, em diferentes desenvolvimentos nas visões dos filósofos, da física, da moral e da arte, Lenoble afirma que o elemento em comum é a “impressão confusa de uma pertença a vida, de uma participação numa vida universal que anima cada coisa e o conjunto das coisas”.

As idéias encontradas nos séc.XVI a XVIII na sociedade ocidental, tem sua origem na Grécia antiga. Para os antigos gregos o homem tinha a primazia na Natureza e pelo seu espírito tinha uma vida de escape para um mundo superior; os sofistas haviam distinguido o natural, como aquilo que acontece por si, do convencional, sendo tudo da ordem do fabrico humano (de leis e costumes, à percepção das dores e cores).

É por influência de Platão, que amplificará o cristianismo, que se inicia a distinção da alma e do corpo, resultando na associação da idéia de natureza com o mundo e a carne, onde esta natureza além de ser um ideal e uma regra, é também vista como tentadora, inimiga do homem. Para Platão, a conversão deveria ser feita pela rejeição das aparências em favor da contemplação das Idéias, ideal este também defendido pelo cristianismo⁵⁰. As idéias de “natureza salvadora e natureza tentadora” convivem desdobrando-se em “natureza lei necessária-natureza lei libertadora”, numa idéia que tornava o destino do homem independente da natureza. O cristianismo trouxe a idéia de que o homem não se situa na natureza como um elemento num

⁴⁹ Saliento que os surfistas com os quais conversei muitas vezes aderem ao consumo de alguns refrigerantes como algo “natural”, apontando elementos de sua composição, como guaraná, laranja e limão.

⁵⁰ “Pus-vos neste mundo, mas não sois deste mundo”, repetirá Jesus aos seus discípulos (LENOBLE, 1990:187).

conjunto, ele é transcendente em relação ao mundo físico pois pertence a graça, que é sobrenatural.

Segundo Lenoble, são duas as principais idéias comuns na Antiguidade que vão demarcar a separação entre a idéia antiga da Natureza e aquela que iria prevalecer sob a influência do cristianismo: a primeira é a de que a Natureza é incriada e eterna, sendo a idéia de criação especificamente judia; a segunda é do domínio da moral, que oporá alma de corpo-natureza, mas não no sentido de mal absoluto como tomará forma mais tarde. Aqui os conflitos afetivos são profundos e demarcam também questões de gênero, onde as liberdades extra-conjugais, virgindade, procriação e amor estão inscritas numa idéia de ordem natural de comportamento. Numa visão cristã, conforme este autor, o homem já não se situa *na* Natureza, mas *perante* ela, concebendo seu destino como independente da história do mundo.

Por outro lado Lenoble também fala que a idéia de natureza como “um princípio considerado produtor do desenvolvimento de um ser e que realiza nela um certo tipo. A palavra latina “natura” remete a ação de fazer nascer, e em grego, engendrar, resultando na idéia que atravessa a Antiguidade e inspira o naturalismo do Renascimento de que a Natureza é uma imensa coisa viva e um ser inteligente. Interessante observar como as idéias de gênero estão aí amarradas, uma vez que “natura” vai designar também os órgãos da geração, principalmente os órgãos femininos, ligando a idéia da natureza a mulher, e também a idéia de nação, como terra dos pais, como pertencimento a um grupo humano.

No séc.XVII, Bacon e Descartes nomeiam-se donos e senhores da Natureza, ainda licenciados por Deus, mas Hobbes irá proclamar o homem seu único rei. Da idéia de uma *natureza mater* para a idéia de o homem colocar-se como “dono e senhor” se formará um sentimento de culpabilidade que repercutirá nas idéias difundidas no século XVIII. Rousseau, impulsionando o que viria a ser o Romantismo, reforça a idéia de uma Natureza sentida, que protesta contra delimitações mecanicistas e se junta ao homem refletindo um estado de alma.

Em suas reflexões e historicização, Lenoble deixa-nos a contrapartida de uma relativização absoluta da idéia de natureza, e, portanto, do natural, como algo construído socialmente de diferentes maneiras, através da busca de uma coesão social que estabeleça os valores vigentes nos grupos humanos, sempre questionados e recriados historicamente.

Quando questionadas acerca da ingestão de alimentos e a idéia do natural, as surfistas entrevistadas apresentaram diferenças significativas. Apenas uma afirmou ter um

cuidado maior ligado às restrições alimentares e à idéia do natural, apontando para diferenciações conforme contextos e fases da vida.

(...)quando eu fui pra Califórnia mal sabia cozinhar direito, e foi, foi um namorado meu que me ensinou a ...a cozinhar e ele era vegetariano. Então no início eu...até passei um ano como vegetariana, depois eu...eu, hã...dei, deixei... deixei de ser ESTRITAMENTE vegetariana mas a gente comia mais comida desse...comida natural. Cheguei aqui e... e estragou tudo, comem muuita carne, meu marido é MUITO carnívoro, é, agora hoje eu tenho, a minha filha mais velha que...hã, tem 20 anos é vegetariana, então estou voltando a comer melhor por causa dela. Agora a gente sempre tem... arroz integral e vários outros grãos em casa, voltei a fazer minha granola...pró, própria, feita em casa, enjoei das granolas comerciais aí... e então...da, da alimentação me, me cuidava bem, deixei durante algum tempo e agora... voltei a, a cuidar...

Atena, 56 anos, Praia Mole.

Menciona uma certa pressão de suas filhas que reclamam sua atenção culinária num determinado papel de mãe:

...porque a mãe do fulano ta sempre fazendo bolos e coisas gostosas pra, pra família e tal...eu, eu passo pouquíssimo tempo na cozinha.

Atena, 56 anos, Praia Mole.

Faz também interessantes observações sobre sua escolha em administrar seu tempo conciliando família, trabalho e atividades esportivas, ressaltando as negociações familiares sobre a alimentação e o envolvimento com a idéia do natural:

Mas...não são... sempre tem... mulheres que arranjam seu tempo, mas somos sempre a minoria, né...e...hã...o meu marido assumiu a cozinha quando fomos...quando fomos fazer pós-graduação na Califórnia...aí na volta ele...bom, primeiro ele...começou a gostar, segundo ele viu que...se ele não ta em casa, no fim-de-semana, e eu tô com fome...eu faço um sanduíche. Eu...tô feliz da vida com um sanduíche (ri) Faço sanduíche bom, com pão integral, com, com, sempre com alface, cenoura, tomate... as vezes abacate, que brasileiro não come no sanduíche mas americano come, fica gostoso no sanduíche, fica gostoso em salada também,

salada de verdura. Então não deixa de ser uma comida boa, mas é sanduíche. Porque eu não...não tenho tempo pra cozinha (ri) não tenho tempo. Atena, 56 anos, Praia Mole.

As demais surfistas afirmaram que comem de tudo. Ártemis disse que prefere manter distância de uma nutricionista, não gosta de alguém dizendo-lhe o que fazer e adora doce. Perséfone acredita que deveria ter o cuidado alimentar recomendado à atletas, mas tem problemas com restrições e come de tudo. Deméter procura fazer um cardápio com bastante carboidratos para ela e a filha, com o objetivo de repor as energias despendidas nas atividades físicas. Não menciona restrições alimentares e salienta que atualmente sua especialidade culinária é a conserva de tomate seco. Por sua vez, Hera, além de comer comigo uma imensa fatia de torta de chocolate na primeira entrevista, quando nos encontramos novamente no mesmo horário, pedia pizza para dividir com as funcionárias da clínica onde trabalha, afirmando alegremente ser este seu prato predileto.

Elas afirmam estarem conscientes dos discursos que apontam a necessidade do atleta ter uma alimentação diferenciada, apoiando as afirmações, mas alegam a queima rápida de calorías devido à intensidade com que praticam o esporte. Segundo elas, o prazer que a alimentação lhes proporciona não afeta suas performances esportivas. Associados a alimentação e a idéia do saudável estão também escolhas sobre um estilo de vida a ser cotidianamente construído.

(...) Sem contar a saúde que eu acho que é tudo. Saúde em não usar drogas, não fumar, ter hábitos saudáveis de vida. Meus hábitos saudáveis são o esporte, dormir cedo, me alimentar bem. A gente fica tão feliz assim! Eu me sinto tão feliz! Em tudo! A gente é o que a gente faz. Eu acordo de manhã, já dou aquele mergulho na água, já lavo a alma, troco a energia, que é uma troca, e o resto do dia tudo acontece tranqüilamente porque eu já dei aquela... tem um negócio assim que mesmo no final de semana que eu não tenho piscina, se antes de eu ir pro mar, as vezes, eu tenho que tomar uma ducha: é água! É aquela coisa de acordar de manhã e sentir a água, isso é excitante! Deméter, 45 anos, Praia Mole.

Como se pode ver, no que se refere ao mundo do surf observado, sob a designação do natural e do saudável existem várias atribuições, sempre interligadas a uma disposição psíquica e às técnicas corporais construtoras das corporalidades.

CAPÍTULO 4

O SURF COMO UMA TÉCNICA CORPORAL E AS MULHERES FAZENDO A HISTÓRIA DO SURF

Neste capítulo abordo o surf como uma técnica corporal formadora de grupos de sociabilidade apontando para uma história do surf cujo conhecimento é construído e transmitido através de livros e revistas, assim como pelas histórias praticadas e contadas pelos surfistas. O surf é aqui entendido como um esporte radical moderno, com regras obedecidas internacionalmente, mas que também é construído por cada um no desenvolvimento do ato de surfar, no aperfeiçoamento das manobras e na ocupação do espaço marítimo.

Todo surfista precisa ter uma série de conhecimentos corporais para ser considerado surfista. Antes disso ele é um *ráuli*, como já foi dito, é um iniciante, um estrangeiro nas águas, não muito bem visto.

Se for amigo de locais ele terá acolhimento para suas tentativas durante a aprendizagem. Os amigos darão dicas, rirão de suas práticas, debocharão mas também incentivarão, num processo de aprendizagem corporal e social, unindo técnica e sociabilidade uma vez que o ato de surfar não se aprende em livros, de forma teórica, mas sim na prática, na repetição do exercício, na observação e imitação do *outro*. Antes o aprendizado era apenas informal, hoje há professores atuando na área através das escolinhas de surf.

Aprende-se também uma determinada maneira de olhar e viver o surf, a diferenciação entre estas maneiras vai fazer a diferenciação entre os grupos, sejam eles locais ou não. Durante a pesquisa, mudei-me para a região da Lagoa e entrei em contato mais diretamente com o ambiente do surf, conhecendo alguns destes grupos. Relato aqui algumas observações que fiz sobre o que entendi ser o aprendizado básico geral do surf e as formas como percebi que ele é incorporado pelos diferentes grupos e pessoas, levando em conta a observação de MAUSS(1974) ao comentar as mudanças históricas e contextuais que apresentam-se no aprendizado de uma técnica corporal, seja ela relacionada ou não a questão esportiva.

Afirma ele que percebeu diferenciações históricas na forma técnica como o nadador coloca sua mão para avançar velozmente na água, assim como na maneira com que

coordena sua respiração; aprendizado este veiculado por instrutores que se dedicam a pensar a qualidade do esporte sob uma determinada visão de esporte regrado.

Semelhantemente pude perceber que a forma como o surf é hoje ensinado e vivenciado está relacionada a uma complexidade social, que varia conforme o desenvolvimento tecnológico das pranchas, sua disponibilidade e propagação no mercado, e, conseqüentemente com sua difusão, as mudanças de comportamento relacionadas a adesão em massa de grande número de pessoas a essa prática esportiva, incluindo aqui o diferencial que direciona esta pesquisa relacionado ao aumento significativo que tem acontecido nos últimos tempos no que se refere à participação das mulheres neste esporte.

De uma forma geral o esporte costuma ser visto como um espaço de sociabilidade masculina ocupado por homens, quanto mais uma prática esportiva como o surf que é considerada *radical*, ou seja, que requer o enfrentamento de riscos para a segurança e integridade corporais no enfrentamento do mar. Durante a pesquisa pude perceber esta ênfase sendo afirmada, discutida e questionada no discurso de relacionamento entre esportistas e apreciadores do surf formando a tônica da modificação do comportamento social na percepção e construção da corporalidade, não apenas em Florianópolis, mas também em todo o Brasil e no mundo com o atual incentivo que a mídia e a própria indústria esportiva tem conferido à *invasão* das mulheres neste espaço. Neste diálogo, as técnicas corporais esportivas estão também associadas a um todo complexo que interliga o indivíduo, em sua noção de pessoa, à própria sociedade, em meio aos jogos de poder contidos nos discursos sobre as diferenças sexuais.

4.1 - As regras do esporte moderno e as disciplinas corporais:

Conforme ELIAS(1996) observa, a forma como pensamos o esporte hoje é datada historicamente pelas transformações políticas e econômicas ocorridas por volta do século XVIII na Inglaterra com o surgimento dos esportes regrados internacionalmente. A teoria de Elias aponta que antes as controvérsias entre a elite inglesa que comportava os donos de terras eram resolvidas em sangrentas guerras. A medida que os sentimentos começaram a ser controlados e disciplinados as disputas passaram a obedecer a um jogo verbal onde a violência corporal restringia-se, quando muito, a duelos regulados, numa afinidade entre as contendas parlamentares e as esportivas. Elias chama a atenção que esta disciplinarização dos sentimentos foi fundamental para o mundo ocidental a um ponto de tornar-se hoje uma atitude naturalizada,

mas que necessitou de um grande aprendizado de autocontrole coletivo abarcando diversos comportamentos sociais. A mudança pacífica de um governo para outro contrário sem guerras pressupunha um elevado nível de aceitação de restrições e autocontrole onde quem assumia o poder não podia vingar-se corporalmente, mas aprender a solucionar suas diferenças através de discussões no uso do “poder da palavra”.

Os esportes eram então associados aos exercícios físicos próprios a nobreza, como um conjunto de meios que permitiam passar o tempo em boa companhia, identificando o *sportsman* com o *gentleman*. A criação de regras gerais para os jogos a nível supralocais permitiu a popularização dos jogos e a participação de grupos de diferentes regiões e países, marcando com esta regulamentação a diferenciação e difusão dos esportes.

Durante a Idade Média e Renascimento os jogos tinham apenas regras locais, as vezes inventadas no momento num acordo apenas entre as pessoas que estariam desfrutando do passatempo, ou eram regras mantidas pela tradição da aldeia e desconhecidas em outras localidades.

A luta livre, o boxe, as corridas de cavalo, o tênis, as corridas de velocidade e outras variações do atletismo, o remo e jogos de bola como o futebol, são alguns dos passatempos cujas regras foram sendo fixadas a partir do século XVIII, sendo depois importadas da Inglaterra para vários países, principalmente entre 1850 e 1950. A exaltação da conduta esportiva foi sintetizada na época pela expressão “*fair play*”, que compreendia basicamente o cavalheirismo, o respeito ao adversário, a aceitação da derrota e a colaboração em equipe, expressão esta ainda em voga aparecendo junto ao emblema da FIFA nesta última Copa do Mundo(2002).

MARTINS(1995:163) faz observações sobre a introdução na França de esportes “californianos” como o surf, o windsurf e a asa-delta, afirmando que estes esportes redimensionam a relação que os esportistas estabelecem com seus corpos entre si e com as próprias práticas esportivas, uma vez que eles contrapõem-se a agressividade instaurada pelo confronto. Esta é própria dos esportes tradicionais naquele país como o rugby e o futebol, buscando uma qualidade e intensidade de sensações através de situações de alto risco.

O surf é hoje um esporte regado que faz parte de uma estrutura de competições internacionais, onde seus praticantes disputam segundo regras pré-estabelecidas para suas categorias, modalidades e estilos; é também um esporte que tem modificado suas regras, tanto no que se refere às possibilidades abertas pelas inovações tecnológicas nos designs das pranchas,

quanto à própria mudança de comportamento social, que com a participação das mulheres tem criado regras para a categoria feminino, das quais elas fazem parte.

4.2 - Alguns discursos históricos sobre o surf :

Procurando informar-me sobre a história do surf percebi que sua origem é um tanto incerta, ninguém pode afirmar com certeza quando e em que lugar pelos mares do mundo alguém resolveu deslizar sobre as ondas pela primeira vez com algum tipo de suporte plano. As datas, lugares e nomes de pessoas que difundiram a prática variam conforme as publicações, havendo, no entanto, alguns pontos em comum, sempre acrescentados das histórias de proezas de quem conta e que muitas vezes reclama para si o pioneirismo de alguma forma, seja por ter sido o primeiro a surfar em algum lugar, seja porque criou alguma manobra inédita.

Apesar da variabilidade, o que percebi ser uma espécie de narrativa de origem mais comum nas revistas e livros, coincidindo com a maioria das histórias que ouvi informalmente entre os surfistas, começa nas águas transparentes das ilhas da Polinésia, como o Tahiti ou Bora Bora, onde os nativos, buscando sua sobrevivência no mar ou por prazer estético, agilizavam o trabalho voltando para a areia sobre cascas de árvores; outros mencionam a Nova Zelândia como o berço do surf, mas é no Hawai que a maioria das histórias sobre o surf iniciam.

A importância do Hawai para a história do surf mostra-se não apenas por sediar finais de campeonatos mundiais pela grande formação de ondas que seus mares proporcionam, mas também pela veiculação de imagens nas revistas e filmes que colocam o Hawai como “a Meca do surf”, expressão esta utilizada pelos homens que entrevistei.

Num tempo que não se sabe bem quando mas que é apontado como sendo “o início de tudo” conta-se que a realeza hawaiana utilizava pranchas esmeradamente feitas da madeira de coqueiros, sendo eles os únicos que surfavam em pé; seus amigos mais chegados podiam desfrutar de outros tipos de pranchas, pequenas e mal acabadas, sendo que aos demais súditos era interdita a prática, numa hierarquia da prática esportiva (CECATTO,1999).

Esta história de origem mistura-se com uma história documentada através de expedições exploratórias onde as primeiras notícias documentadas sobre o surf aparecem em 1778 com a chegada do capitão Cook ao Hawai. Com laços rapidamente estreitados com outros países, em 1789 o explorador Robert Gray foi o responsável por estabelecer um comércio entre a China, Honolulu e os portos americanos; na primeira metade do século XIX missionários

protestantes chegam as ilhas e procuram interditar a prática do surf alegando ser um divertimento imoral e dando início a imagem do surfista como um rebelde.

O principal difusor do surf pelo mundo ocidental foi Duke Kahanomaku, descendente de uma família real havaiana, que em 1890 participou dos Jogos Olímpicos em Estocolmo ganhando uma medalha de ouro em natação. Acompanhado de seus amigos Duke surfou na Austrália e na Califórnia, impulsionando a prática do esporte e o início dos campeonatos na costa leste dos EUA nos anos 20.

As pranchas confeccionadas no início eram enormes e de madeira pesada, medindo até 6 metros de comprimento e pesando em torno de 60kg, sendo responsáveis pela difundida imagem do surfista com um físico de musculatura extremamente desenvolvida, necessária para carregá-las. As dimensões e o peso das pranchas limitavam também o ato de surfar que então consistia apenas em deslizar pelas ondas num sentido retilíneo.

AUGUSTIN & MALAURI(1997) mencionam que historicamente houveram duas “ondas de expansão” do surf pelo mundo devido as adaptações do tempo e do espaço `as inovações tecnológicas e as transformações sócio-econômicas. Quando o californiano Bob Simmons, que trabalhava para a sociedade aeroespacial americana, aproveitou a pesquisa de materiais bélicos e utilizou no final dos anos quarenta a leveza da fibra de vidro e resina para a construção de uma prancha, iniciando a primeira revolução na difusão do surf entre 1945 a 1967 com sua comercialização.

Em 1952, Jack O`Neill, também na Califórnia, confecciona as primeiras roupas de borracha protegendo os surfistas do frio na água, especialmente no inverno e ampliando assim o tempo de prática do esporte; foi seu o primeiro registro da designação Surf Shop, proporcionando o escoamento de uma produção comercial especialmente dirigida aos surfistas e simpatizantes.⁵¹

Durante este período a reportagem fotográfica que acompanhava as performances nas ondas faz uma explosão no espaço midiático exercendo um importante papel na cobertura do surfista percorrendo o mundo atrás das *big waves*. Os filmes de esportes para o grande público começam a ser divulgados nos anos 50 e nos anos 60 é rodado o primeiro filme mostrando a história de aventuras de um grupo de surfistas nas praias de Malibu, obtendo grande audiência e conquistando definitivamente os anúncios publicitários que a partir daí investem na divulgação do surf patrocinando além dos campeonatos, as inúmeras revistas especializadas e programas de

⁵¹ Revista Fluir, ano 16, n.10, edição 180, outubro/2000.

rádio com a divulgação das condições meteorológicas que facilitam a informação para a entrada no mar.

A segunda “onda de expansão” atravessa o primeiro período, quando começam a ser confeccionadas as primeiras pranchas com massa plástica substituindo progressivamente a madeira de balsa que servia de suporte a fibra de vidro, entre os anos de 1956 a 1990, tornando as pranchas cada vez mais leves, facilitando o manuseio e transformando o ato de surfar no aprendizado de elaboração de manobras.

Durante os anos 60 o surf é considerado um elemento da contra-cultura na reação ao *american way of life*, valorizando uma vida livre e marginal em oposição ao modelo utilitarista americano. Ao mesmo tempo as ilhas do Hawai são divulgadas como um lugar mítico atraindo milhares de turistas e surfistas, tornando célebres as praias de Waikiki, Pipeline, Sunset e Waimea.

A partir dos EUA o surf espalha-se para a África do Sul e Austrália, entrando na Europa pela França com a divulgação em 1956 de um filme de surf, sendo estabelecida em 1959 a Federação Francesa de Surf-riding organizando progressivamente os campeonatos do circuito profissional a partir da década de 70 e favorecendo o processo de realocização das versões na Espanha e Portugal.

A América do Sul torna-se também um território predileto dos surfistas americanos que fazem das viagens de aventura um estilo de vida divulgado pelos filmes, percorrendo em pequenos grupos as ondas do Peru, Chile e Brasil, passando pelas ilhas do Caribe.

Uma das surfistas que entrevistei, americana de origem, é pioneira no surf tanto em Florianópolis quanto na Costa Leste e faz interessantes observações sobre o início da participação das mulheres no surf naquela região por volta de 1964, comparando com a Califórnia, também considerada pelos surfistas como o berço do surf.

Naquele momento, naquela época...só se surfava na Califórnia, no Hawai...hã, não se surfava na Costa Leste. Então no...o ano anterior que eu me lembro, eu trabalhava num, num...tipo uma lanchonete. No ano anterior tinham dois...dois rapazes que sempre apareciam...pra tomar café depois da primeira. surfada de manhã. E...só no fim de semana, porque eles...hã...eles não veraneavam lá. Todos os fins-de-semana eles tavam lá, eles chegavam e serviam...olhava as pranchas deles, mas eles eram bem mais velhos do que eu...aí eu não tive

coragem de...dizer nada. Aí o ano seguinte, quando tinha dezessete, eu via mais pranchas passando ali e eu tinha visto surf só em filmes, né, eu nunca tinha visto uma pessoa porque a ...as praias que eu ia...não tinham surfista...porque sempre mesmo na ilha, como aqui tu tens praias que são melhores do que outras. E... e aí eu comecei a me interessar...e...um dia um rapaz entrou, assim, toda, todo entusiasmado pra falar sobre o irmão dele que tava almoçando ali: “Que que você está fazendo aqui, cara?! As ondas tão maravilhosas! Larga aí, larga esses pratos e vai pra praia!” (ri) E...e aí eu comecei a ...eu iniciei uma conversa com esse cara que, que entrou ali. E...hã, o cara se ofereceu pra me ensinar.

Aí no dia seguinte me encontrei com ele na praia e...hã...me deu, assim, as...umas dicas iniciais, e depois comecei a freqüentar a praia onde todos os surfistas iam...sempre tinha al...alguma prancha sobrando...pra, pra eu usar...e...lá pela metade do verão eu comprei uma prancha própria. Eu e meu irmão.

(...)Outras mulheres começaram naquele mesmo verão, não era...inclusive eu acho que a mulher era mais aceita como surfista na Costa Leste do que na Califórnia, porque na Califórnia o esporte já tinha começado com pranchas maiores ainda. A minha primeira. prancha era...9 pés e 8 polegadas o que daria...falta 2 cm para 3m. Então era...grande, be, grande. Mas na Califórnia começou, o esporte começou quando as pranchas tinham mais de 4 metros, eram de madeira...e tinha que...tinha que...ser muito forte só pra carregar a prancha. Então...era, se bem que já vi fotos de mulheres mesmo naquela época, né, tinha. Mas eu acho que, que por causa da, da, do peso da prancha...então na, naquela época antes da minha tinha, tinha menos mulheres...um proporção menor de, de mulheres, assim, entre um total de surfistas...e...aí na Califórnia ficou mais assim esse negócio de ser esporte mais masculino ape, apesar de sempre ter algumas mulheres. Na Costa Leste as mulheres começaram junto com os homens...e fomos a minoria também, mas acho que fomos uma minoria um pouco maior...do que, do que na Califórnia.

Atena, 56 anos, Praia Mole.

Ao falar sobre sua entrada no surf ela menciona a questão dos grupos de sociabilidade nas praias, comparando com Florianópolis, ao apontar para algumas praias onde havia fluxo de surfistas em detrimento de outras onde ela não os via. Afirma também que no segundo ano de veraneio em que surfou já participou de uma equipe de doze componentes, patrocinada por uma loja de surf (ela usa a expressão “*time de surf*”), sendo que com ela haviam

mais três mulheres, proporção que ela considerou satisfatória, mostrando a rapidez com que a prática do surf difundia-se.

Dizendo também que o mar na Costa Leste era calmo, com ondas menores do que em Florianópolis, aponta para questões comportamentais que junto com a dimensão das pranchas, influenciou na entrada e continuidade da participação das mulheres no surf naquela época.

...e...então eu nunca senti...hã ...nunca senti...na Costa Leste dos EUA nenhum preconceito...assim, “ah, mulher, ela...ela provalvemente não surfa bem”, né...isso não existia. As pranchas eram...tinham um tamanho que dava pra carregar direito...sendo ainda grandes eram fáceis de remar...agora eu acho que começou...hã...um, um pouco...algumas mulheres começaram a se intimidar, um pouco...quando aumentou o número de surfistas e eu, portanto, aumentou a disputa pelas ondas. Que aí você tinha que ter um bom grau de agressividade dentro da água pra pegar a sua onda...senão você ia ficar lá ... Atena, 56 anos, Praia Mole.

A proporção de pessoas no mar é um interessante fator de alteração no comportamento esportivo onde ela aponta um diferencial que interfere na participação das mulheres afirmando que nem todas teriam, como ela teve, uma agressividade necessária para disputar uma colocação nas boas ondas. É interessante também observar que o tamanho de prancha referido aqui como suficientemente adequado para carregar, na seqüência do depoimento foi apontado como impossível de ser carregada embaixo do braço por sua espessura, fazendo com que ela a transportasse sobre a cabeça afirmando que era pesada. No entanto justamente a grande dimensão da prancha num mar calmo proporcionavam que ela conseguisse o equilíbrio em pé com grande facilidade. Acerca da longa viagem de um ano e quatro meses pela América Latina, que realizou na década de 70 com o objetivo de surfar, menciona interessantes estratégias de gênero que adotou, jogando com as diferentes imagens possíveis à mulher:

Era sempre mais arriscado, mas eu planejava bem... Geralmente quando eu estava sozinha eu programava pra sair bem cedinho de manhã, ao nascer do sol pra chegar na próxima cidade até meio-dia, assim dando algum problema... ainda dava pra chegar até o final da tarde. Quer dizer, tava consciente do, do risco de de,tar sozinha, ainda mais na, na América Latina. Se bem que eu acho que acabou sendo vantagem viajar na América Latina, porque os homens... todos sentiam, sentiam pena de mim: “ah, coitada, a mulher ta viajando sozinha...” Aí

eles, na verdade...no México tinha um monte de...eh, postos militares... onde revisavam os carros e tal, e eu chegava nesses postos e, com medo da reação deles de uma mulher viajar, viajando sozinha eu inventava que eu ia...que meu marido trabalhava em Guatemala...e que eu tava, e que a gente tava fazendo, ele tinha, não, que meu noivo, não era casada ainda, que meu noivo é que trabalhava, assim... na Guatemala, que nós íamos casar... os México, mexicanos são muito românticos...muito, não só as mulheres, os homens também. E que o meu marido tava trabalhando, ele não podia fazer mudança, então eu tava, tinha um baú desse tamanho, várias coisas, eu disse então que era minha responsabilidade fazer a mudança. “Ai, coitada da mulher! Ai, ela vai casar, que maravilha, vai casar na Guatemala!” E esqueciam de revisar o carro! Não que eu tivesse nada ali, mas...só, era só incomodação. Então as vezes era vantagem.

Atena, 56 anos, Praia Mole.

Como se pode ver, nas particularidades da história do surf, mesclam-se questões de gênero e comportamentais com diferenciações geográficas e tecnológicas que são incorporadas no dia-a-dia do surfista.

4.3- O surf no Brasil

A história sobre o começo do surf no Brasil, como nos outros lugares, varia conforme quem conta; narrar histórias de proezas é uma característica cultivada entre surfistas, recheadas de nomes e lugares diversificados que vão construindo e difundindo o saber em rodinhas de conversa e na troca de livros e revistas cheios de imagens coloridas que completam as informações.

Afirmam alguns que em 1938 o pai de Osmar Gonçalves trouxe dos EUA um exemplar da revista Popular Mechanics contendo um modelo de prancha que foi copiado em Santos/SP por Osmar e seu amigo Jua Haffers, parafusando pesadas tábuas de cedro uma na outra. Por outro lado, Thomas Rittscher, norte-americano naturalizado brasileiro, afirma que a revista era dele e que teria sido ele o primeiro a surfar no Brasil, transformando em seguida a prancha em um barquinho, desinteressando-se pelo surf e dedicando-se ‘a vela, passando então a revista ao amigo.

A reportagem⁵² aonde estas histórias aparecem mostra uma fotografia de Rittscher no final dos anos 30 ao lado de sua irmã, que também segura uma prancha porém bem menor que a dele, num tamanho similar ao modelo dos pranchões utilizados ainda hoje. O nome da irmã não é mencionado e as referências a ela limitam-se ao conversível que dirigia para transportar as pranchas e a descrição de seu traje de banho “com uma saíha na frente para esconder as curvas”.

Durante toda a pesquisa raríssimas foram as referências encontradas a mulheres na história do surf sendo que quando este item foi mencionado nas entrevistas, as respostas das próprias mulheres sempre apontaram uma história feita pelos homens. Por outro lado, os homens entrevistados afirmaram que desde o início houve uma mulher surfando *ao lado* de um homem.

Conversei com seu Ari, um senhor de 71 anos, paulista morador da ilha há poucos anos, que atualmente compete no longboard; disputa na mesma categoria a qual pertence o pai de Perséfone, compreendendo o largo alcance da faixa *grand master*, acima de 45 anos. Praticante do surf há muito tempo, embora por períodos alternados, ele afirma que por volta de 1958 era o único surfista do Guarujá/SP. Mostra-me fotos com sua imensa prancha de madeira oca com cerca de 4 metros de altura, sem quilha e com design diferenciado, dizendo que esta havia sido trazida por um americano para servir de transporte amarrada em um barco, o que não havia dado certo. Percebendo isto meu informante pediu a prancha e, já conhecendo o esporte através de filmes e notícias, passou a deslizar nas ondas levando também os filhos pequenos. De lá para cá fizeram – ele e os filhos - várias tentativas de construções de prancha e atualmente os filhos trabalham na construção de um pranchão de isopor para que ele não tenha problemas com seu peso, podendo carrega-la para a praia sem a ajuda de outros.

Por outro lado comentaristas nas revistas especializadas afirmam que a partir de 1966 no Rio de Janeiro, em plena época de ditadura militar, as pranchas de fibra de vidro invadiram o Brasil e o número de praticantes cresceu rapidamente através do movimento da contracultura, apesar das repressões pois inúmeras vezes foram obrigados a entregar suas pranchas `a barreira policial que se formava devido ao aspecto marginal com que o surf era abordado.

Em 1975 é lançada a primeira revista brasileira especializada em surf, a Brasil Surf, ajudando a difundir o esporte e em 1976 o Rio de Janeiro sedia pela primeira vez uma etapa do circuito mundial de surf. A partir daí os surfistas começam a se agrupar em associações por todo o país, ligando-se também a entidades internacionais e em 1986, durante o Hang Loose Pro-

⁵² Revista Gol, número 01, março de 2002.

Contest, é fundada a ABRASP (Associação Brasileira dos Surfistas Profissionais), consolidando o lugar deste esporte no Brasil como uma possibilidade profissional (CECCATO,1999).

Quanto as mulheres, Déborah Farah, surfista campeã de etapas nacionais conta em uma reportagem⁵³ que os anos 90 colheram os frutos de uma “batalha” iniciada desde os anos 70 pela ampliação do surf. Segundo ela em 1987 o esporte profissionalizou-se no Brasil apenas para os homens pois as mulheres que surfavam ainda eram uma espécie rara; reiterando o que Artemis havia contado, afirma que geralmente haviam apenas quatro ou cinco competidoras, as vezes sendo necessário que se procurasse na praia alguma mulher para completar o número de competidoras necessárias para uma *bateria*, ou seja, quatro pessoas. Segundo ela tudo mudou quando em 1997 as cariocas começaram a participar do circuito paulista amador onde Andréa Lopes e Brigitte Mayer impulsionaram o aumento gradativo do nível técnico das performances e onde a própria Déborah Farah conquistou o primeiro título profissional da categoria.

Paralelamente Jaqueline Silva, de Santa Catarina, e Tita Tavares, do Ceará, estreavam no circuito mundial. Em 1998 foi realizado o primeiro circuito exclusivamente feminino, composto por três etapas, o Festival Surf Trip de Surf Feminino, vencido por Brigitte Mayer. Na virada do milênio a mudança na estrutura de campeonatos de surf foi maior com empresas investindo no setor e sendo criado o Supersurf nos moldes do circuito mundial, onde são selecionados os 44 melhores surfistas homens e as 15 melhores surfistas mulheres, proporcionando premiações nunca antes oferecidas num circuito nacional.

Em seu artigo intitulado “Uma nova era do surf feminino no Brasil”, Déborah Farah afirma que “ a luta por espaço, retorno e reconhecimento continua”; pouco tempo depois ela morreu surfando em Maresias/ SP, recebendo homenagens em todo o país como “uma grande representante do surf feminino brasileiro”.⁵⁴

Posteriormente, em 2002, Jaqueline Silva, catarinense natural da Barra da Lagoa, foi a primeira mulher brasileira a conquistar o título de campeã mundial no circuito profissional de surf, lugar este ainda não alcançado pelos homens surfistas brasileiros.

⁵³ Revista Alma Surf, ano 2, nov/dez 2001, edição especial de aniversário, página 88.

⁵⁴ Os motivos de sua morte são incertos e foram especulados pela imprensa pois o mar estava calmo e ela era uma surfista profissional com larga experiência; acredita-se que a prancha tenha batido em sua cabeça e ela tenha desmaiado, vindo a afogar-se. Homenageando-a coloquei sua foto na capa desta dissertação.

4.4 - O ato de surfar como *técnica corporal*:

As mudanças históricas causadas pelo desenvolvimento tecnológico das pranchas e sua difusão no mercado mundial, assim como as transformações nos costumes, acarretam também transformações na maneira técnica de surfar, com a criação de novas manobras, novas regras, e novas reclassificações dos estilos já conhecidos. Há então toda uma construção histórica, política e econômica na forma com a qual o surfista hoje aprende o esporte; o aprendizado do surf é um aprendizado social.

A formação de grupos de sociabilidade e o compartilhar do mesmo código de simbolismos estão entrelaçadas com a disciplina e persistência necessárias ao aprendizado da técnica esportiva. MAUSS (1974) afirma que as técnicas corporais são aprendidas pela pessoa em seus mínimos detalhes, geralmente inconscientemente através da observação e imitação do outro. As técnicas corporais compreendem as maneiras como os homens, sociedade por sociedade e de maneira tradicional, sabem servir-se de seus corpos, unindo o elemento social ao psicológico, simbólico e biológico.

As parcerias que se estabelecem promovem o aprendizado de questões não apenas relativas à especificidade técnica do ato de surfar mas também do importante reconhecimento de características do meio aquoso e do estabelecimento de uma relação de mobilidade para os iniciantes, que fazem do momento que antecede a entrada no mar uma importante etapa de preparação a ser cumprida: o olhar é educado para fazer a leitura das ondas, sua habilidade perfaz grande parte da garantia da segurança na água e é um elemento facilitador do deslizamento sobre as ondas devido a escolha seletiva que estabelece.

Todos os grupos culturais compartilham de sistemas de classificação específicos conforme o contexto em que estejam inseridos; o comportamento corporal é naturalizado na formação de hábitos cotidianos, porém as formas como o corpo se movimenta podem ser localizadas histórica e contextualmente num diálogo com o meio social, sendo que o olhar sobre a natureza é marcado pela forma como o grupo cultural a aborda⁵⁵.

O olhar supõe uma direção: o olho que vê e o objeto a ser contemplado; atividade biológica entranhável nos pensamentos e sentimentos, o olhar percorre um movimento cíclico,

⁵⁵ LAGROU(1991) ao estudar o grupo indígena Kaxinawá, habitantes da floresta tropical amazônica, salienta que no aprendizado da caça as crianças passam por um processo de reconhecimento do desenho (kene) do rastro do animal sobre a superfície da terra, associando a pormenores da configuração formal do animal.

conjuga a direção em que se lança no objeto a ser observado com o voltar-se sobre si mesmo para constatar, comparar, examinar, ponderar, refletir. Objetivo e subjetivo, o olhar está sujeito ao re-conhecimento de quem vê, relatividade própria a condição de indivíduo que participa de um mundo com outros.

MERLEAU-PONTY (1975), numa abordagem fenomenológica ressaltando a inseparabilidade do olho que vê o mundo da particularidade do corpo do qual faz parte, afirma que...

Visível e móvel, meu corpo está no número das coisas, é uma delas; é captado na textura do mundo, e sua coesão é a de uma coisa. Mas já que vê e se move, ele mantém as coisas em círculo `a volta de si; elas são um anexo ou um prolongamento dele mesmo, estão incrustadas na sua carne, fazem parte da sua definição plena, e o mundo é feito do próprio estofado do corpo.

(...)tudo se resume em compreender que nossos olhos de carne já são muito mais do que receptores para as luzes, para as cores e para as linhas: são computadores do mundo, que têm o dom do visível. MERLEAU-PONTY, 1975:279, 280.

Na praia o azul do mar derrama suas ondas pela retina e o horizonte se confunde com o azul do céu no fundo dos olhos, o surfista passa então por um período de treinamento aonde vai aprender a reconhecer a formação das ondas pelo desenho que suas saliências fazem no mar; desenvolve-se aprendendo a reconhecer especificidades que são ressaltadas como significativas para a prática do surf, na construção de um conhecimento que requer o esforço próprio acrescido da informação dos demais membros do grupo. Este olhar é desenvolvido em duas etapas:

1) A primeira é feita ainda na areia, na chegada a praia pois requer distância para a visão panorâmica de mapeamento da superfície do mar, onde o horizonte é perscrutado no reconhecimento do espaço a ser explorado. Nesta etapa, acompanhada de exercícios de aquecimento e alongamento dos braços e pernas para a atividade a ser exercida, são procurados os caminhos abertos entre as diversas formações de ondas por onde o surfista terá menor dificuldade em vencer a arrebentação e conseguirá chegar ao *tempo de espera* com maior rapidez, os lugares onde elas quebram com maior envergadura, a presença de séries de ondas e os seus tamanhos, os ventos que as formam e permitem reconhecer em diferentes lugares como estarão as ondas nesta ou naquela praia também conforme a configuração geográfica do local.

2) A segunda etapa de leitura requer maior rapidez na interpretação das formas pois é feita dentro do mar, no *tempo de espera*, numa perspectiva mais aproximada das ondas aonde o corpo que vê não permanece estável, mas aprende a olhar movendo-se também ele no

sobe e desce do mar. Edith DERDYK(1989) falando acerca do processo de interpretação do desenho explica que...

A imagem, para se revelar, obriga o olho e o espírito a uma série de vai-e-vem: o olho passeia linearmente pelo papel, percebe um detalhe, fixa-se nele. De repente, sua atenção se desloca e, como o zoom da câmera fotográfica, o olho percebe simultaneamente o todo. O olho vê diacronicamente. Ora vê a parte, ora vê o todo, gerando relações, tais como: figura/fundo, forma/cor, luz/volume, signo gráfico/conteúdo.

Apesar de a imagem estar fisicamente presente, apresentando de maneira incontestável a sua materialidade concretizada, a relação entre os elementos percebidos não se dá de maneira estática, mas dinâmica, tal como o olhar, tal como a percepção. A imagem se completa, incessantemente, pela leitura do espectador.(...) DERDYK, 1989:195.

Aqui o desenho no papel pode ser entendido como o desenho das ondulações na superfície marítima, onde as diferenças de altura, largura, espaçamento e ritmo adquirem classificações próprias compartilhadas por aqueles que surfam, transmitidas também pelas ondas sonoras do rádio nos informativos sobre as condições do mar. Este olhar é também um ouvir: ouvir o que os outros informam e ensinam, interpretar o que o próprio mar diz, no sentido em que suas formas transmitem significados variáveis conforme quem o aborda.

Conforme a informação de um salva-vidas há classificações diferentes para as formas do mar entre eles, os surfistas e os pescadores. Em suas classificações, uma das surfistas que entrevistei salienta que o mar informa quando e onde há boas ondas: o mar abre, é constante e tem massa – volume.

*Aí...o mar também, eu tenho que ver que mar, como que ta o mar, entendeu, não é assim não simplesmente pra praia e ir lá surfar, entendeu, não é...tem que ter condições o mar também, vai ver que eu não vou surfar num dia de semana, tentar e fiquei a tarde inteira sem fazer nada...porque o mar não, não...não ajudou assim, como eu vou dizer, não é sempre que o mar ta constante, abrindo, porque também conta, a água tem que abrir, tem, tem que ta o mar de massa...entendeu, não é...só chegar lá e...ah, porque é mar, porque é prancha, assim...aí **tem que ver qual é o conselho do mar**, ah, será que é Praia Mole ou Barra, aí Praia Mole tem que subir esse morrão...a pé...*

Perséfone, 17 anos, Barra da Lagoa.

O surfista aprende então a procurar no mar a evidência de determinadas formações das águas, enquanto faz o exercício da técnica corporal . A prática assídua do surf exige a atenção do esportista sobre a mecânica de seu corpo, uma vez que a força necessária ao enfrentamento do

mar, deve ser distribuída equilibradamente sobre a prancha na elaboração das manobras, colocando o corpo num eixo gravitacional cujos movimentos devem parecer como uma dança casual, na realidade cuidadosamente almejada e exercitada.

A busca do equilíbrio em pé sobre a prancha, requer persistência na adaptação a mudança do ponto de equilíbrio corporal, uma vez que a base de sustentação desliza sobre um meio em constante movimento; a estabilidade corporal deve ser conseguida junto a este movimento, a partir daí possibilitando o aprendizado das manobras.

Conforme pude observar e me foi relatado, o ato de surfar é dividido em 4 etapas: 1) a *preparação*, onde assim que se chega a praia são realizados os exercícios de alongamento e aquecimento enquanto é feita a observação das dimensões e movimentos das ondas, escolhendo os caminhos que facilitam a entrada no mar; 2) a *arrebentação*, onde a quebra e repuxo das ondas devem ser vencidas no menor tempo possível com agilidade e onde em mar revolto acontecem as situações de maior risco; 3) o *tempo de espera*, onde se senta na prancha aguardando as séries ou as melhores ondas, formando um espaço de sociabilidade dentro do mar; e, por fim, 4) a *dropagem das ondas*, onde é requerido força de impulsão e explosão para acompanhar o ritmo do movimento da onda que se forma a fim de colocar-se em sua borda (crista ou lip) e equilibrar-se em pé para o deslizamento sobre a água.

O tempo gasto para a aprendizagem de ficar em pé na prancha, performance geralmente apontada como difícil, é extremamente variável, dependendo muitas vezes da familiaridade com exercícios paralelos desenvolvidos em outros esportes. Algumas pessoas fazem paralelo com o equilíbrio sobre uma bicicleta, outras com o skate e suas manobras, sendo que muitos skatistas são também surfistas ou rivalizam com eles.

Uma das surfistas entrevistadas afirma ter conseguido o equilíbrio em dois dias, o que em minha sondagem entre demais surfistas foi considerado um tempo excepcional; geralmente levam algumas semanas, alguns precisando de meses, dependendo também do tipo de prancha escolhido, das condições do mar, da preparação física apresentada pela pessoa e da frequência com que persiste no exercício. A construção do corpo do surfista é feita com o objetivo de proporcionar sustentabilidade e flexibilidade para as manobras almejadas e para a resistência à permanência prolongada no mar.

É, é fácil de aprender...é, é o acesso é fácil, não precisa montar nada...é tudo muito fácil, o surf...na verdade o difícil é pegar mar cuzão e surfar BEM, né, ser profissional, de repente...né...mas fazer por fazer...não é um, um dos esportes que eu seja “ahhhh”...

...de pranchão v. fica em pé de primeira! Pranchão...pranchão tem uma estabilidade...maravilhosa...né, o, o difícil é você pe, pegar aquele tempo da remada, de entrar na onda e de subir...né. Aí isso você já tendo uma base do, do morey, é mais fácil! Agora quem vem do nada, aí é difícil.

É...sabendo como entrar...como subir, o que que cê não pode fazer...certas coisas cê já...sabe...então...é fácil. Agora realmente, se não sa...sai do nada, pra...subir na prancha é bem mais difícil. E, e de preferência ter um...já ter um...uma coisa assim, ligada com o esporte, né, porque senão...se for meio, assim, sedentária, né...

Hera, 38 anos, Praia Mole.

Num olhar mais aproximado, no que se refere ao ponto de vista dos nativos (GEERTZ:1978), há uma divisão que também corresponde a uma diferenciação do *estilo* de surf: *clássico* e *radical*. Com o desenvolvimento tecnológico das pranchas esta classificação em geral tem correspondido a diferenciação entre os tamanhos das pranchas, mas sobretudo ela aponta para uma maneira de surfar, uma *atitude* – idéia-chave veiculada também nas revistas: o surf é uma *atitude, um comportamento*.

Um *surf radical*, é aquele realizado com pranchas que correspondem, na classificação das pranchas, as pranchas menores, mais ponteadas e que proporcionam maior rapidez no deslizamento sobre as ondas. Assim sendo, o surfista tem que responder corporalmente a rapidez com que o instrumento que está acoplado ao seu corpo lhe fornece, realizando manobras curtas e num ângulo mais fechado. Neste estilo, quanto mais rápido ele conseguir realizar as manobras, e quanto maior for o ângulo fechado com que consegue realizá-las, mais radical ele será considerado.

Por sua vez um *surf clássico* é aquele realizado com pranchas maiores e um pouco mais pesadas, com ponta arredondada, na qual o surfista procurará deslizar sobre as ondas de maneira mais retilínea, sem a utilização de manobras com ângulo agudo. Variações são apontadas agora nos campeonatos de *longboard*, aonde entre os praticantes dessa modalidade, já considerada clássica por ter sido o primeiro estilo a ser difundido no mercado, também se dividem entre aqueles que surfam de maneira mais clássica e de maneira mais radical com estas condições de prancha, havendo pontuações específicas para cada um.

Pelo depoimento de minhas entrevistadas e as observações que fiz, percebi que as mulheres que fazem o *surf radical* são minoria entre as próprias mulheres, sendo este um motivo apresentado nas conversas entre surfistas homens como depreciativo na avaliação das manobras por elas realizadas.

Questionando-me acerca dos motivos destas avaliações, acrescido da evidente constatação acerca da ainda pouca quantidade de mulheres no mar, percebi que os impedimentos para essa prática esportiva estão sendo historicamente rompidos no sutil terreno que cerca os cuidados sociais sobre o corpo e as práticas corporais, associado-os a valorações morais e demarcação de territórios diferenciados entre os sexos, numa construção cultural contínua que qualifica o ato esportivo.

CAPÍTULO 5

O ESPAÇO DAS MULHERES NO(S) ESPORTES(S) E A MULTIPLICIDADE DE IMAGENS SOCIAIS

Neste capítulo trato especificamente do espaço das mulheres no(s) esporte(s) e da multiplicidade de imagens com as quais uma mulher esportista dialoga em suas interações sociais no que tange aos discursos sobre as diferenças sexuais. Diferenças que também se estabelecem não apenas entre homens e mulheres, uma vez que o surf é um esporte ainda hoje praticado preponderantemente por homens, mas também que dialogam na diferenciação entre as próprias mulheres conforme os esportes que escolhem praticar e a maneira que a ele(s) aderem. Aqui dialogo com a Educação Física, especialmente no que se refere a pensar as relações de gênero nas práticas esportivas e na educação escolar. Através da leitura de algumas imagens midiáticas, dialogo também com a Propaganda e a Moda, questionando a unilateralidade com que a imagem da mulher é preponderantemente apresentada nas revistas de surf, procurando apontar para a multiplicidade do sujeito(MOORE, 2000) através dos depoimentos de minhas entrevistadas.

5.1 - O conceito de *gênero* e a variabilidade de experiências esportivas:

No esporte, assim como em toda a indústria e mídia que o circunda, é possível constatar a evidência das diferenciações sexuais em diálogo na contemporaneidade; as construções historicamente marcadas da feminilidade e da masculinidade encontram aí um campo de contestação e resignificação particularmente ativo.

Mônica SCHPUN(1997) ao fazer um estudo sobre as práticas esportivas da oligarquia na São Paulo dos anos 20, aponta para os códigos sexuados existentes na vida urbana da época. Ela conta que o acesso a diferentes modalidades esportivas era exclusivo de um grupo da elite paulista, onde os clubes tinham um papel importante na sociabilidade com a implementação do esporte organizado, com espaços amplos que expressavam o desejo de modernidade.

Rapazes e moças desfrutavam da equitação e do tênis, mas entre a mesma camada social a mobilidade nos espaços esportivos era diferenciada sexualmente. Os documentos da época mostram que a preparação física dos homens almejava construir o cidadão viril, com a prática de esportes competitivos, enquanto que às mulheres era recomendado a ginástica, repetitiva e sem espaço para a espontaneidade, podendo ser controladora das “tendências corporais e psíquicas”. Buscavam também gestos condizentes com a “graça natural” das mulheres; a recomendação era para que desenvolvessem os passos da dança clássica, onde as moças se vestiam com túnicas gregas e flores na cabeça, com exercícios ao ar livre onde a educação física para moças deveria ser higiênica e estética, nunca atlética.

Segundo a autora, a formação física de moças e rapazes é diferenciada por uma relação de forças; às mulheres cabem exercícios com menor duração e esforço, e aos homens pertence um universo cada vez mais normatizado e diferenciado do esporte. As práticas discursivas tendem a definir os corpos femininos em relação aos masculinos, identificando os homens com o esporte como um fenômeno inato; a exibição cada vez mais freqüente dos corpos das mulheres, exige uma disciplina de apresentação do comportamento corporal que produza efeitos estéticos, passando sempre a cultura dos corpos femininos da época por um critério de beleza. A prática da ginástica permite que o tronco e os braços permaneçam finos e frágeis, com pernas e quadris mais trabalhados, obedecendo aos cânones da feminilidade da época; além disso a ginástica é desprovida de competitividade, agressividade, desejo de vitória, não colaborando em nada para desenvolver a ambição pessoal, elementos estes apontados por Schpun como fundamentais no processo de socialização dos meninos.

A visibilidade dos corpos está essencialmente ligada aos processos de urbanização pela qual passava a São Paulo dos anos 20, com a expansão do esporte organizado, com a criação e modernização dos estádios e a criação de clubes esportivos participantes das competições.

A prática do tênis e do hipismo era feita de forma mais equivalente entre homens e mulheres, sendo estas modalidades uma forma de identidade e coesão interna entre a elite paulistana de então. No entanto, apesar da participação das mulheres, as restrições continuam a aparecerem: uma parte das atividades no clube era reservada exclusivamente aos homens, que se reúnem para jogar bilhar ou cartas, encontram-se na sala de leitura, na barbearia, no bar ou comem juntos no restaurante. Além disso, a organização e administração do esporte era sempre masculina, os clubes foram fundados e dirigidos por homens.

Schpun observa que as mulheres também se interessam pela manutenção de um status privilegiado, o de mulheres de elite, sendo cúmplices de uma lógica de classe e seguindo essa lógica ao freqüentarem os locais previstos para sua prática, mais que a outros acontecimentos esportivos.

O tênis era visto como um esporte elegante, exigindo um controle físico de si mesmo onde o esforço deve parecer um gesto “natural”. O tênis é jogado muitas vezes em duplas mistas, mas é na observação das fotos e comentários esportivos da época que Schpun vê evidenciados os limites da participação das mulheres: nas raras vezes onde os gestos fotografados denotam força, o jogo era considerado “ másculo”, como é o caso da performance da tenista francesa Suzanne Lenglen(1899-1938), seis vezes campeã em Wimbledon.

A maioria das fotografias de mulheres na prática esportiva do tênis eram feitas quando estavam estão paradas, em poses que correspondem à um imaginário de “graça”; Schpun salienta que talvez o tênis feminino estivesse submetido a normas de comportamento corporal da mesma natureza que aquelas em vigor para a dança clássica, constringendo as mulheres que não se permitem jogar como os homens, sob pena de perder sua “graça”.

A medida que ganhar torna-se mais importante que jogar, com o respaldo do domínio técnico, o embaraço da presença das mulheres questiona o fundamento dos discursos sobre as diferenças naturais entre os sexos; um jornal da época questionava a carreira de vitórias de Suzanne Lenglen, salientando que ela não deveria pensar em competir com homens pois “a natureza tem suas leis e não convém infringir”.

Denise JARDIM(1995), falando sobre “Performances, reprodução e produção dos corpos masculinos”, observa que o corpo, enquanto suporte de significados, possibilita uma leitura de como um grupo social se expressa e se reconhece. Em sua pesquisa observa que nos corpos estão re-apresentados os significados da experiência masculina, que é singular e inserida em padrões reconhecidos pelo grupo como masculinos. No caso estudado, os homens freqüentadores de bares da Cidade Baixa, em Porto Alegre, cultivam no corpo as marcas de sua masculinidade, como cicatrizes que contam histórias de coragem e olhares que impõem respeito ao outro. Para estes sujeitos o corpo masculino deve ser ativo, deve procriar e trabalhar para prover a família; assim, a corporalidade é produzida e produtora de uma performance específica que define um pertencimento à um grupo. Não é apenas em contraste com o corpo feminino que a masculinidade é elaborada, mas também no contraste com outros homens, outros corpos, a partir de parâmetros tidos (e negociados) como masculinos.

Elaine SILVEIRA(1999), pesquisando “O jogo do osso e a masculinidade em grupos populares de Porto Alegre”, afirma que a masculinidade é aí construída como uma performance, num espaço predominantemente freqüentado por homens. A coragem demonstrada nas apostas, o risco em fazê-las e a palavra em mantê-las, perfazem a competição; a rara presença da mulher que joga é vista com receios, como uma dúvida à sua feminilidade: se elas jogam bem é porque “jogam como homem”. Coincidentemente, em uma de minhas saídas de campo à praia, ouvi de um jovem surfista que observava entusiasmado a performance de uma mulher sobre as ondas: *ela surfa como um homem!*

HERITIER(1989:11,12) falando sobre a manutenção universal das diferenças entre o “Masculino e o Feminino”, afirma que ao corpo da mulher, seus gestos, suas formas, sua performance, são associados juízos de valor de uma sociedade que simbolicamente compreende este feminino como fragilidade, docilidade, emotividade, passividade, sensibilidade, inconstância, medo, covardia; é relacionada uma natureza feminina biológica e psicológica associada à mulher, em contraste com uma masculina, forte, determinada e corajosa, associada ao homem: “um sexo principal e um sexo secundário, um sexo forte e um sexo fraco, um espírito forte e um espírito fraco”.

Adoto nesta pesquisa um conceito de gênero relacional, segundo Joan SCOTT(1995) , onde o gênero é visto como uma categoria criada para analisar o “discurso sobre as diferenças sexuais”, construídas historicamente, opondo-se ao determinismo biológico implícito no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual”, propondo uma pesquisa onde mulheres e homens sejam definidos reciprocamente, não podendo serem estudados totalmente em separado. Segundo ela, “homem” e “mulher” são categorias vazias e transcendentais. “Vazias, porque não têm nenhum significado último, transcendente. Transbordantes, porque mesmo quando parecem estar fixadas, ainda contém dentro delas definições alternativas, negadas ou suprimidas” (SCOTT,1995:93).

Os estudos de gênero são consequência das lutas libertárias do movimento feminista. O feminismo é apresentado por ERGAS(1991) como um movimento organizado de luta pela igualdade política, econômica e social entre os sexos, organização esta que foi historicamente necessária para eliminar as restrições que discriminam as mulheres.

Para as feministas, o corpo sempre foi lócus central de reflexão. Ser expropriada do seu corpo, de diferentes modos, era ser expropriada do seu eu; retomar a posse do eu implicaria retomar a posse do corpo. A sexualidade mostra-se um terreno crucial para a auto-

reapropriação do corpo das mulheres, que, segundo a autora, foram privadas de conhecerem seu próprio prazer pelo sistema patriarcal de controle masculino. Aponta-se então a existência de uma ligação entre o “reino do corpóreo” e a “constituição da subjetividade”.

Segundo HIGONNET(1991), antes da Primeira Guerra Mundial, as mulheres começaram a redescobrir e exibir seus corpos; na Segunda Guerra, cartazes faziam apelo ao esforço das mulheres em tempos de guerra, assim como também apontavam a mulher como fonte de inspiração da luta dos homens.

Hollywood produz filmes de mulheres nas décadas de 30 e 40, construindo o imaginário social da sexualidade. As telenovelas passam a ser difundidas em pequenos segmentos integrando-se ao horário cotidiano das donas de casa; revistas e programas de tv alternam programação com anúncios publicitários. A indústria alimentar investe na promoção de seus produtos e o corpo feminino é colocado como um modelo glorificado como bem de consumo.

A partir da década de 60, os movimentos feministas propõem a apropriação visual de si própria, onde as mulheres de cor reclamam visibilidade, procurando seu espaço e valorização. “Para criar novas imagens de si próprias as mulheres tiveram de aprender a adotar e a cultivar novas atitudes para consigo próprias, para com seus corpos e para com o seu lugar na sociedade.(...)” HIGONNET,1991:427. Uma das imagens mais marcantes do século XX para a história das mulheres é, para esta autora, a imagem de Florence Griffith-Joyner batendo o recorde feminino de velocidade, em 1988.

As mudanças apontadas nos setores mais corriqueiros do cotidiano como o vestuário e a gestualidade, mostram um comportamento de gênero questionado, construído e aprendido. GROSSI(1998) aponta as diferenças entre as categorias de “identidade de gênero” e “papéis de gênero”. “Identidade de gênero” é vista pela autora como uma categoria pertinente para pensar o lugar do indivíduo no interior de uma cultura determinada; deve ser distinguida de práticas afetivo/sexuais, uma vez que a “sexualidade” é apenas uma das variáveis que configura a “identidade de gênero”, referindo-se especificamente ao campo das práticas e sentimentos ligados a atividade sexual dos indivíduos.⁵⁶

⁵⁶ Segundo STOLLER(1993), a *identidade de gênero* tem seu núcleo definido até aos 3 anos, quando uma criança aprende a ser menino ou menina; é já a partir do assinalamento do sexo no momento do nascimento que socialmente se esperará da criança comportamentos condizentes a ele. A escolha do objeto sexual, de desejo, se dá a partir da adolescência e não interfere na *identidade de gênero*.

Os “papéis de gênero”, para esta autora, são todos aqueles atributos associados ao sexo biológico fêmea ou macho; não são biologicamente determinados, havendo diferenças construídas histórica e culturalmente. Assim, na sociedade ocidental a agressividade costuma ser vista como um comportamento masculino, e a passividade como um comportamento feminino, mas em outras culturas estes atributos podem ser trocados e ainda assim serem considerados “naturais”.

Margaret MEAD(1988), em “Sexo e Temperamento”, analisa 3 povos da Nova Guiné: os Arapesh, os Mundugumor e os Tchambuli; sua pesquisa, realizada entre 1931 e 1933 baseia-se na escola norte-americana de cultura e personalidade, enfocando o estudo das personalidades referentes aos diferentes sexos como um produto cultural. Entre os Arapesh, Mead observará que tanto homens como mulheres são “naturalmente” maternais, dóceis, receptivos e não agressivos. Entre os Mundugumor, ao contrário, há de ambos os lados hostilidade e desconfiança mútuas, sendo as crianças tratadas com imensa agressividade como algo corriqueiro e socialmente aceito. Por sua vez, entre os Tchambuli, os homens mostravam-se mais passivos e caseiros, enquanto que as mulheres eram mais agressivas.

Com sua pesquisa Mead propõe a desnaturalização dos comportamentos sexuais, apontando para os condicionamentos culturais. Questionando as diferenças entre os sexos como inerentes à natureza humana, ela propõe que a base dessa diferença não está no biológico, mas no temperamento; o condicionamento social específico de cada sociedade determinará a diferenciação ou não entre os papéis sexuais.

GOLDENBERG (1999: 26,27) afirma que Mead enfatizando a natureza simbólica da vida social, ressalta as atividades interativas dos indivíduos postulando que a associação humana surge apenas quando cada indivíduo percebe a intenção dos atos dos outros e então, constrói sua própria resposta em função desta intenção.

(...) A sociedade humana se funda em sentidos compartilhados sob a forma de compreensões e expectativas comuns. O componente significativo de um ato acontece através do *role-taking*: o indivíduo deve se colocar no lugar do outro. Ao afirmar que o indivíduo possui um *self*, Mead enfatiza que, da mesma forma que interage socialmente com outros indivíduos, ele interage consigo mesmo. O *self* representa o outro incorporado ao indivíduo. É formado através das definições feitas por outros que servirão de referencial para que o indivíduo possa ver a si mesmo. GOLDENBERG, 1999:26,27.

Uma mulher poder fazer ou não alguma coisa, ou determinadas coisas, parece ter um som meio antigo na contemporaneidade, mas ainda é uma questão em voga em se tratando do surf, onde a presença da mulher é questionada. No comportamento social aquilo que é considerado normal, natural, é seguido como regra social, assim, na relação dialógica entre os sexos em nossa sociedade, diferentes grupos delimitam o espaço de atuação para cada um dos sexos, na construção do gênero.

O proibido, ou aquilo que não é permitido, muitas vezes não é explicitado, há uma construção social que direciona cada um dos sexos para sua liberdade de atuação. Diferentes oportunidades são oferecidas aos indivíduos conforme seu status social, sua idade, etnia, cor e gênero; no que tange a história dos esportes, há até bem pouco tempo aos meninos cabiam os esportes de ação, e às meninas as ginásticas rítmicas ou a dança.

5.2 – Características que constroem o corpo das mulheres em esportes radicais e os discursos sobre as diferenças sexuais:

O desporto em geral foi por muito tempo considerado, na história ocidental, uma área reservada masculina. DUNNING(1996), aponta a prática esportiva como um espaço de manifestação da virilidade, marcando a diferença entre os sexos como uma diferença de poder e sendo um importante lugar de funcionamento de estruturas patriarcais.

Na história do esporte no Brasil pode-se perceber que a mulher foi colocada em segundo plano, numa segregação desde os bancos escolares e as aulas de Educação Física: meninos para um lado e meninas para outro, com esportes bastante diferenciados.

(...) tal questão surge a partir de um contexto social que percebia a mulher numa perspectiva inferiorizante, dentro de determinados valores normativos que influem nas relações entre os domínios público e privado.

Mas, acima de tudo a anatomia e a fisiologia, para legitimar a segregação; trata-se de uma perspectiva que fragiliza a mulher, que a coloca como vulnerável e presa a uma biologia, onde as flutuações de humor provenientes da menstruação afetariam o seu desempenho no esporte(...)SILVEIRA,1996:155.

Aqui é interessante observar alguns depoimentos colhidos nas entrevistas, salientando o que é considerado como diferenças biológicas entre homens e mulheres. Hera, que além de uma esportista campeã é médica, faz uma observação sobre o que pensa a este respeito:

Porque o homem é biologicamente mais, hã, hã... apropriado pro esporte, em matéria de músculos, porque todos os esportes requerem força... muito raro um que só requer, que requer habilidade, todos requerem força, todos requerem altura, quanto mais alto cê for, melhor cê vai se dar, na natação, no vôo livre pra segurar a asa, pra tudo, pra tudo, quanto mais altura... menos pra jóquei, né, mas ... altura é importantíssimo! Hera, 38 anos, Praia Mole.

Falando, no entanto, sobre a intensidade com que pratica esportes, salienta a transformação que acontece no corpo de uma mulher esportista, diferenciando-a:

(...) Aí começou com a corrida, com a ginástica de academia que é uma coisa assim que...cê começa a cultivar, então, o corpo... né, cê tem sempre associado com uma benfeitoria física... né, e, e, que dentro, não é o ideal comum mas que...vai ser teu ideal, de repente o corpo que eu tenho, que eu gosto, que eu imagino, não é um corpo que...né, outra pessoa tenha, goste e tal. Mas assim, puxa, puxa isso, então... e academia...começa a te fazer gostar de músculos, gostar de força, da resistência... eu acho isso muito legal... na ginástica de academia, na musculação... sabe, e aí te dá preparo, te dá preparo e disposição. Quando você quer fazer um esporte, cê ta apta... então quando eu comecei a voar eu tava muito apta...sabe, quando eu comecei a ... a surfar, eu ganhei ombro, eu não tinha ombro... tinha muito menos do que eu tinha...eu, eu me lembro que foi assim [faz som e gesto sugando e inchando] sabe... eu aumentei... isso é uma coisa que o surf...eu notei, que o surf me deu...as costas e, e ombro.

Hera, 38 anos, Praia Mole.

Também sobre diferenças biológicas entre homens e mulheres um dos homens entrevistados, referindo-se ao rendimento físico, afirma:

As mulheres é, a, a estrutura física da mulher é um pouco, é bem diferente do homem, né, tem uma diferença grande aí. Porque na verdade o homem não precisa ser grande para ter força, né, uma mulher pequena não tem força que um homem pequeno tem, é diferente,

né, a gente já teve várias palestras sobre isso, né, professor de Educação Física, pessoal formado aí e um monte de coisa. É um pouco diferente a estrutura física da mulher, a ...se comparando com o homem. Acho que o que difere mesmo é a preparação de cada um, entendeu? Acho que acima de tudo o campeão é que tem que ser não só tecnicamente falando dentro d'água, mas ele tem que ser fora d'água também, né. Basicamente o que ele come, o que ele faz, o dia-a-dia dele, a preparação física e mental é muito importante.

Aqui ele refere-se a conhecimentos difundidos por profissionais da Educação Física que fazem diferenciações hierarquizantes acerca do rendimento físico entre homens e mulheres, salientando, no entanto, que valoriza a preparação de cada um, na hora da prática de esportes ou não, como fator que constrói o lugar do campeão, ou seja, aquele que é premiado por apresentar a melhor performance. No entanto a crença na maior potência da capacidade física ser um atributo “natural” conferido ao corpo do homem, é uma idéia extremamente difundida no meio esportivo, sem ser considerado o acesso e estímulo historicamente diferenciado a experimentações físicas intensas entre homens e mulheres.

Acerca da intensidade física necessária a prática do surf, outro dos homens entrevistados afirmou que:

É bem pesado, entendeu? Pesado, pesado, pesado mesmo, surfar é pesado. (...) preparo físico, é um dos esportes que mais...que mais...pede preparo físico.

No entanto ressalta que o mais importante não é a força, mas o conhecimento técnico de, por exemplo, “*varar a arrebentação rapidinho*”, salientando então que a *agilidade* é uma característica que prepondera sobre a força física. Deméter, falando sobre as competições de natação no mar, concorda com esta afirmação:

Eu tive uma experiência no 1º. Desafio das Ondas, o mar tava muito grande, na hora que eu entrei na minha bateria eu não conseguia varar a arrebentação por ela ser muito grande ela me arrastava de volta, eu mergulhava e ela me arrastava. Aí eu fiquei, me embolei ali naquele caldão, como se diz, e não desenvolvia mais. Começa a cansar e começa a faltar fôlego. O Marcos Schutz chegou do meu lado e disse assim: “vamos, te concentra, não esquece tua respiração, pensa na tua yoga”. E eu concentrei que não, eu sou capaz e eu vou conseguir, e foi

onde que eu consegui. Porque aonde eu tava, já tava apavorada, eu não conseguia mais sair do lugar. Eu já não tava mais me concentrando no que eu tava fazendo, eu queria sair e não conseguia. Na hora em que ele veio: “Calma, te concentra!” E que eu busquei de novo, dentro de mim, aquela força, eu saí dali e terminei a prova que eu já tava pensando em voltar e desistir. Eu consegui!

Deméter, 45 anos, Praia Mole.

Ao longo de seu depoimento fala também na importância da *persistência* em manter um ritmo diário de exercícios, na *resistência* necessária para conseguir um “*ritmo de tiro e explosão durante um período tão longo*” e na *força* que a prática de exercícios intensos confere ao corpo.

Para surfar é necessário *coragem* e *determinação* para enfrentar o tamanho das ondas e as diferentes correntes marítimas:

(...) o mar é...é...não se brinca, né, tipo assim, tem mais que...que...que eu não tenho coragem de entrar, eu olho e falo pô, não dá pra mim, não...isso daí... ta acima do meu limite, eu não vou conseguir entrar, eu sei que se eu entrar eu não vou conseguir pegar onda, então acabo não entrando, só entro então em mar que eu tenho certeza que eu vou entrar...que eu vou me sentir bem, que eu não vou ficar com medo...que eu vou conseguir pegar as ondas e tudo, sabe, que eu não gosto de entrar assim com o pé meio atrás, olhando assim as ondas quebrarem e ficar....naquela força de uma onda daquelas, tomar na cabeça...pô, nesse ponto...uma onda grande demais de repente rebenta o meu lasch⁵⁷, fica lá fora... então tem todo um cuidado assim, né...

Artemis, 23 anos, Barra da Lagoa.

Juntamente com a coragem em enfrentar as ondas, é salientada também, no depoimento, a coragem em enfrentar a possibilidade da dor que pode ocorrer devido as batidas da prancha no corpo, que muitas vezes abre talhos na pele.

5.3 – A Educação Física e as caracterizações do(s) masculino(s) e do(s) feminino(s):

Maria do Carmo SARAIVA(1999) em uma interessante pesquisa sobre “Co-Educação Física e Esportes” traz alguns elementos que nos ajudam a pensar a entrada e

⁵⁷ Cordinha que prende a prancha ao corpo.

permanência das mulheres em esportes considerados radicais, como o surf. Apresenta uma abordagem dos estudos de gênero ligada a uma interessante proposta educacional sobre os esportes na escola, a qual faço algumas aproximações e críticas. Embora possa-se fazer críticas a vários de seus pressupostos, é interessante observar suas propostas de discussão.

Falando primeiramente sobre educação e estereotipia aponta para a complexidade da proposta de introdução das aulas mistas em Educação Física, mostrando a dificuldade de se administrar um currículo que não separe as atividades por sexo e que não aponte determinadas atividades como mais convenientes a um ou outro sexo numa naturalização e normatização das ações sociais. A questão mostra-se complexa uma vez que conjuga a forma como os próprios professores compreendem o mundo quanto ao gênero, sendo esta visão construída historicamente nos mecanismos institucionais do estado e da família como uma questão hierárquica de poder ligada continuamente à um comportamento biológico naturalizante.

(...) Na Educação Física, tanto quanto na educação familiar e escolar, reflete-se, ainda, um viés sexista que transformou a mulher em um ser submisso, obediente e dócil; destinou-lhe o desempenho de um papel secundário e de menor valor social e, principalmente, privou-a de participação em instâncias de decisão política, onde o “primado” da “sensibilidade” poderia proporcionar às pessoas maior participação e igualdade social. Por outro lado, sabe-se que aquele “viés sexista” vem sendo atenuado na educação em geral por novas formas de comportamento, verificáveis em muitos grupos sociais e em certas alterações nas instâncias de decisão política dos países ocidentais, possivelmente decorrentes de novas concepções de vida em sociedade. SARAIVA,1999:25,26.

Saraiva faz algumas considerações sobre conseqüências imediatas das práticas sexistas desenvolvidas na Educação Física, ressaltando que a performance motora das mulheres fica prejudicada pelas menores oportunidades de vivências corporais, em relação as oportunidades de jogos esportivos oferecidos aos homens; aponta também para o campo psicológico, onde a idéia da superioridade física do homem predomina associando atitudes de independência estimuladas para estes e de acomodação para as mulheres. Observa que a socialização do papel feminino afeta as aspirações, expectativas e motivações da mulher em vida adulta que aprende a não ter aspirações mais ambiciosas nem querer disputar com os homens, considerando a realização profissional incompatível com o papel tradicional internalizado de mãe e esposa. Aos filhos homens é estimulada uma busca profissional de estabilização financeira e social, às filhas mulheres é estimulada a busca de um casamento que dará a ela este retorno.

Para estimular esta superação a autora aponta para as idéias de co-educação baseadas numa concepção dialógica de ensino-aprendizagem que problematiza a aprendizagem

até a superação de situações limites pela descoberta/reconhecimento de situações opressoras, onde são vistas as discriminações presentes nas relações sociais através de um processo de dominação na relação homem-mulher.

A aceitação desta proposta educativa é adotada apenas por alguns setores progressistas da Educação Física que tendem a vincular o movimento humano à educação do homem como um todo e também por uma mudança social já vislumbrada no comportamento de alguns educandos. A autora pontua suas considerações com exemplos retirados de suas entrevistas onde os meninos e meninas apontam mudanças nas posturas em relação aos trabalhos domésticos (meninos que cozinham e meninas que dividem as tarefas caseiras).

A oposição à estas idéias e às aulas mistas é feita por uma corrente tradicionalista baseada no paradigma tecnicista-higienista do esporte de rendimento e da atividade física como saúde, tendendo a adotar pontos de vista biológicos para explicar a diferenciação física e comportamental de homens e mulheres. Associado a estas dificuldades, há também uma pressão para “cientificizar” a explicação do fenômeno das atividades físicas e do desporto normatizado sob o conceito tradicional da ciência positivista.

Até os anos oitenta a função socializante do esporte escolar ou da Educação Física foi abordada, segundo Saraiva, de forma acrítica, no sentido de uma manutenção e reprodução da sociedade. O descobrimento dos esportes como um fenômeno social significativo, assim como a sua politização crescente, apontam para a importância da socialização corporal do homem e da mulher, implicando em questões pedagógicas.

A socialização corporal relativa às especificidades dos sexos se dá na aprendizagem *do e pelo* movimento, culturalmente influenciada. O ponto de partida da análise da socialização na pedagogia do esporte e na Educação Física, é então apontado por Saraiva como as primeiras instâncias de socialização da pessoa, como a família e a escola, onde se comprova que a socialização corporal nunca é simplesmente uma instância motora, porém mais um campo que abarca a situação cognitiva, emocional e motivacional.

Ressaltando a importância da abordagem do “contexto sociocultural dos papéis masculino e feminino”, onde a história é apontada como determinante da tradicional dominação do sexo feminino, Saraiva afirma que a inferiorização e incapacitação da mulher são apontadas como características de dominação associadas a idéia do feminino. Com o desenvolvimento da sociedade industrial esta inferiorização foi explorada em todos os setores da sociedade incluindo

o campo esportivo, privando a mulher da participação em muitos esportes e inculcando uma idéia de rendimento físico minimizado.

A dominação da cultura masculina, vinda, segundo a autora, do patriarcado e da religião católica (ou, poderíamos dizer, do judaísmo e cristianismo em geral), reprimiu e transformou as possibilidades do “ser feminino”, onde as mulheres atléticas eram e ainda são vistas por alguns grupos como masculinizadas⁵⁸.

As características que configuram produtividade são dissociadas da figura feminina mais acentuadamente por volta do final do século XVIII com a idealização do papel da mulher burguesa que irá transpor à mulher, no século XIX, a imagem de impotente e doente, a partir da qual gerações deformariam e descuidariam o corpo tornando a mulher fisicamente fraca e psicologicamente suscetível.

A família patriarcal monogâmica, como instância fundamental da socialização do indivíduo na sociedade ocidental, tem a tarefa de educar para o comportamento autoritário, capaz de manter a nova disciplina de trabalho que se propagava desde o séc.XVIII. As fronteiras entre a vida pública e privada foram redefinidas na Revolução Francesa, controlando todo ato considerado faccioso, privatizante e conspiratório, levando ao fechamento das mulheres nos “refúgios privados da burguesia”, onde os homens iam descansar para poder enfrentar as exigências do mundo dos negócios.

A Inglaterra, nos rastros do evangelismo reformador, no século XVIII, instaura a era da família burguesa centrando a reelaboração da conduta humana na vida espiritual que havia desaparecido na decadência da sociedade setecentista. O resgate da fé individual passa a ser feito pela oração em família, onde a assembléia religiosa familiar será o alicerce da moral e do

⁵⁸ Saraiva faz uma interessante reflexão sobre as imagens de feminilidade e masculinidade veiculadas em mitos gregos e a transformação dos significados por elas veiculadas conforme os interesses de poder na mudança de uma cultura vista por uns como inicialmente matriarcal⁵⁸ para a patriarcal. Exemplificando aponta para as idéias contidas no mito de Artemis, onde se desdobra a imagem da mulher esportiva, apresentada como suave e agressiva, ao mesmo tempo erótica e vital, consciente de sua natureza biológica maternal e de suas possibilidades atléticas; este mito, assim como outros que apresentam mulheres atléticas, valentes e fortes, estilizam-se com o tempo, sendo transformados em imagens de mulheres vítimas, subjugadas. Citando Liesenhoff, afirma que o patriarcalismo vingasse da força física da mulher, roubando-lhe desta imagem(a da mulher forte) a configuração sexual “natural”.

Afirma Saraiva que o Iluminismo vai realizar uma troca de mitos trazendo o “mito da racionalidade” em nome de métodos científicos exatos que pretendiam superar um chamado irracionalismo produtor de mitos, mediante a análise racional. Racionalidade esta que, segundo Kant, levaria o homem à liberdade, à autonomia e ao fim do reino da necessidade, mas que transforma-se numa razão instrumental repressiva. Para esta autora, na sociedade tecnológica de hoje a análise dos mitos criados pelos meios de comunicação de massa deixam antever a construção da imagem do sexo frágil com idéias associadas a produtividade e ao esporte.

conservadorismo político, passando a família a ser uma instância reguladora do sistema econômico aliado a um “panoptismo⁵⁹” que nessa sociedade é representado pelo olhar soberano do pai de família, senhor logo abaixo de Deus.

A aceitação da autoridade nas instâncias sociais é mediada pela autoridade instituída e desenvolvida na família, já que a autoridade é uma qualidade inevitável do superior. A relação autoritária pai-filhos é duplamente reforçada para as mulheres, submissas sempre a autoridade do pai-homem e do pai-poder econômico.

Os evangélicos contribuíram na divisão das esferas pública e privada em masculina e feminina naturalizando comportamentos onde a negação deste “destino” era visto como sinônimo de negar a Deus. Vivenciando essas estruturas durante toda uma vida, a criança passa a achar natural que alguns homens dominem outros.

Adverte Saraiva que as imagens veiculadas pela mídia ao final do século XX continuam a veicular imagens do homem como protetor econômico da família, reforçando uma visão defendida por legisladores em 1919 que diziam ser o “trabalho fora de casa” o aviltamento e escravidão das mulheres que se desvirtuavam da unidade familiar.

Afirma esta autora que a força estrutural da sociedade tende a, senão perpetuar a estrutura, pelo menos resistir às mudanças nessa estrutura, e com isso também o comportamento e a visão de mundo das pessoas. Sendo a mulher vista como uma mão-de-obra desqualificada, seria também desqualificada intelectual e politicamente.

Este caráter de exclusão, que se dá entre as habilidades/especificidades femininas e masculinas na socialização em geral, a partir da sociedade burguesa, vai se configurar no fenômeno esportivo a partir do século XX e nas aulas de Educação Física até hoje. Sob o mito da “fragilidade” e do “garbo” femininos constitui-se, também, grande parte do ensino do esporte direcionado as mulheres na modernidade. O século XX traz uma liberação física gradativa das mulheres com a ampliação dos espaços públicos na demanda de mão-de-obra exigida pelo desenvolvimento comercial e industrial, aumentando a contradição nas imagens veiculadas.

As mudanças sociais são feitas, conforme a autora, através de movimentos dialéticos entre a acomodação e a resistência, as contradições encontradas são indicadoras de um processo de “evolução cultural”, resultando numa nova concepção de vida em sociedade através

⁵⁹ Panóptico – projeto arquitetônico de Jeremy Bentham para as prisões do final do século XVIII consistindo em um anel com uma torre no centro de onde se tem visibilidade e controle completos sobre as pessoas no interior de cada cela.(ver Foucault, Vigiar e Punir e Microfísica do Poder)

de uma mudança de paradigma, ou seja, de uma mudança profunda no pensamento, percepção e valores que formam uma determinada visão de realidade.

Uma das resistências detectadas por estudiosos foi um desejo manifesto pelas mulheres de serem socialmente úteis, mostrando, no entanto, contradições na prática de papéis internalizados. A apropriação de competências pelas mulheres, observada no esporte olímpico, aponta a superação histórica dos rendimentos obtidos pelos homens, também alcançados por elas; no entanto a força física fecha a tríade corpo/esporte/poder, um dos sustentáculos da dominação masculina na ideologia patriarcal.

As repressões da sociedade burguesa atingem também o homem que fica privado de atuar de forma mais representativa no campo da dança, da música e da ginástica; segundo a autora estes homens são discriminados tanto quanto as mulheres que preferem as formas esportivas de lutas e jogos competitivos.

O esporte não é neutro quanto aos sexos, estabelecendo uma relação hierárquica entre eles; a partir das mudanças provocadas por movimentos feministas, variadas oportunidades têm sido diferentemente utilizadas por homens e mulheres, porém as pesquisas apontam para uma predominância do engajamento do público feminino nos esportes individuais, onde não há um adversário presente e a ênfase na estética é predominante, reforçando a imagem de submissão opondo-se a imagem de comando oferecida pelo treinamento dos homens por motivos de luta, rendimento e concorrência. Mando e submissão são duas faces da mesma organização hierárquica necessária para sustentar a produção capitalista.

Ressaltando que a prática pedagógica na Educação Física tem sido norteadada pela idéia de “aptidão física”, no limite do discurso biologicista, Saraiva menciona também que a imagem mecanicista do corpo, atrelada ao desporto, acarreta numa visão do desporto como saúde enquanto exercitação mecânica dos músculos, desconsiderando o *stress* do treinamento.

Nesta visão mecanicista o movimento humano é reduzido a movimento motor, sendo a Educação Física um conjunto de possibilidades de manipulação técnica desse movimento. As mudanças nessa concepção vieram em teorias difundidas na Alemanha nos anos 50 e 60 como a de Buytendijk, que trouxe o resgate da intencionalidade do sujeito que se move, aspecto este perdido nas teorias tradicionais de Educação Física que estudam o movimento humano. Afora esta positividade, a autora chama a atenção de que Buytendijk acaba por fazer uma tipologia de movimentos onde há uma expressão motora sexuada, como na observação de um andar masculino “forte” e um feminino “fluido”. As teorias de Buytendijk, Mockelmann e

Remplein relacionando movimento humano e comportamento, numa perspectiva mais fenomenológica, são criticadas pela autora por não questionarem condições sociais, contribuindo para a reprodução do sistema.

Saraiva defende a idéia de que a Educação Física escolar deve proporcionar diferentes experiências, comprometendo-se com a valoração do corpo humano e seus movimentos expressivos, no contexto sócio-político-cultural; a vivência estética deve ser oferecida como uma reaproximação da natureza corporal, para que o esporte seja também uma possibilidade de exploração e apreensão da realidade. Apresenta então a possibilidade que a co-educação traz na idéia de aulas conjuntas com meninos e meninas, preconizando uma importante ampliação das vivências esportivas para ambos os sexos com o conseqüente alargamento das capacitações motoras e possível aquisição de condições de práticas de lazer. As experiências co-educativas propõem que as formas de comportamento do outro sexo devem ser experimentadas e adquiridas em clima de reconhecimento recíproco, provocando o alargamento do repertório de ações de movimento de ambos os sexos. Saraiva defende as aulas co-educativas como uma forma de impulsionar a transformação social, buscando a igualdade de chances, a desconstrução da relação de dominação e a quebra de preconceitos entre os sexos.

Refletindo sobre as idéias apresentadas por Saraiva, é interessante observar o que aponta também Nancy THÉBERGE(1995) falando sobre esporte, características físicas e diferenciação sexual, ao afirmar que a criação da *categoria feminino* nos campeonatos esportivos dialoga com um jogo de poder que estabelece um modelo de diferenciação. Este modelo adaptado contribuiria para atenuar tensões mas também reforçaria a idéia de diferenças essenciais entre homens e mulheres: a *categoria feminino*, com menos incentivo e patrocínio seria um modelo adaptado para a caracterização do “outro”.

Fazendo, no entanto, algumas críticas, percebe-se que Saraiva polariza dicotomicamente os papéis sexuais, não deixando margem para que se perceba a variabilidade não apenas entre um masculino e um feminino, mas entre diversas possibilidades de masculinidades e feminilidades. Por estes mesmos motivos pode-se criticar um aspecto de sua proposta de superação da hierarquização entre os sexos, quando aponta que esta superação poderia ser feita através de uma idéia de androgenia. Para Saraiva a androgenia seria uma maneira específica de juntar os aspectos masculinos e femininos de um mesmo ser humano, proporcionando seu equilíbrio. No entanto este conceito trabalha apenas com a idéia de

polaridades conjugadas numa terceira forma, fixando e restringindo as possibilidades de uma variabilidade de expressão.

Miguel Vale de ALMEIDA(1996) salienta a relatividade da dicotomia masculino-feminino (no sentido de macho e fêmea), utilizada costumeiramente como metáforas de poder e de capacitação de ação. Este autor não utiliza noções de papel sexual ou papel de gênero pois acredita que instaura uma falsa dicotomia entre corpo e indivíduo, sexo e gênero.

Masculinidade e feminilidade não são sobreponíveis, respectivamente, a homens e mulheres: são metáforas de poder e de capacidade de ação, como tal acessíveis a homens e mulheres. Se assim não fosse, não se poderia falar nem de várias masculinidades nem de transformações nas relações de gênero. O caráter móvel e contingente da relação entre masculinidade, homens e poder torna-se claro quando analisamos etnografias que prestam atenção ao diálogo e conflito entre masculinidades hegemônicas e subordinadas, ou que prestam atenção quer à variabilidade individual das identidades masculinas, quer às alterações destas num só indivíduo ao longo do ciclo de vida ou consoante situações de interação. (...)

A masculinidade hegemônica é um modelo cultural ideal que, não sendo atingível – na prática e de forma consistente e inalterada – por nenhum homem, exerce sobre todos os homens e sobre as mulheres um efeito controlador. Implica um discurso sobre a dominação e a ascendência social, atribuindo aos homens (categoria social construída a partir de uma metonímia do dimorfismo sexual) este privilégio potencial. Um paradoxo deve, desde já, ser elucidado: se masculinidade e feminilidade são, ao nível da gramática dos símbolos, conceptualizadas como simétricas e complementares, na arena do poder são discursadas como assimétricas. Isso é patente na ideologia do parentesco e do casamento, em que à ideologia da “complementaridade” de homem e mulher se sobrepõem precedências de autoridade masculina. (...)

É ao nível da negociação quotidiana, das interações carregadas de poder, das reformulações das narrativas de vida, que o gênero como processo e prática pode ser apreendido. (...) VALE DE ALMEIDA, 1996:162-164.

Robert CONNELL(1995)⁶⁰, em seu artigo sobre “Políticas da Masculinidade” afirma que a proposta da androgenia surgiu nos anos 70, como uma tentativa de crítica a noção de papel masculino, estimulada pelos Movimentos de Liberação das Mulheres, de Liberação dos Gays e de Liberação dos Homens. Esta proposta provocou mudanças no pensamento sobre o gênero, mas foi logo superada na busca de maior mobilidade.

O conceito de papel sexual significou nos anos 70 um conjunto de atitudes e expectativas que definiam a masculinidade apropriada, não permitindo que se vislumbrasse complexidades no interior da masculinidade e do reconhecimento de múltiplas formas de masculinidade. Segundo Connell, a masculinidade é uma configuração de prática em torno da

⁶⁰ Autor que questiona atualmente a utilização do conceito de patriarcado. Conf. CONNELL, 1990.

posição dos homens na estrutura das relações de gênero; esta configuração de prática enfatiza o que as pessoas realmente fazem e não aquilo que é esperado ou imaginado. O gênero não é um tipo especial de prática, não devendo ser visto apenas como reprodução social, mas também como produção social continuamente construída em significados pessoais e históricos. O gênero é, para este autor, a forma pela qual as capacidades reprodutivas e as diferenças sexuais dos corpos humanos são trazidas para a prática social e tornadas parte do processo histórico. As masculinidades são corporificadas, sem deixar de ser sociais, são vivenciadas em certas tensões musculares, posturas, habilidades físicas, formas de movimento, etc.

O gênero é, para Connell, muito mais que interações entre homens e mulheres, é uma estrutura ampla que engloba a economia e o estado, assim como a família e a sexualidade. Sua complexidade aponta para as diferentes masculinidades⁶¹ produzidas no mesmo contexto social onde uma forma hegemônica de masculinidade tem outras masculinidades subalternas agrupadas em torno dela.

Connell salienta o perigo de se cristalizar uma única forma de masculinidade na adoção do conceito de papel sexual, apontando a diferença entre hegemonia e totalitarismo de gênero. A estrutura de gênero é sempre dinâmica e contraditória e sendo um produto histórico, está sempre aberto a mudanças. Como algo continuamente construído, não deve ser vista como um molde social estampado na criança, mas como possibilidades negociadas e constantemente reconstruídas abarcando um projeto tanto individual como coletivo.

As possibilidades de uma mudança social em busca de uma justiça nas relações sociais, passa por uma estratégia de des-generificação, numa tentativa de desmontar a masculinidade hegemônica. Para tanto Connell descarta veementemente a idéia de androgenia porém também enfatiza a importância de um investimento no trabalho educacional como intervenção social, salientando uma busca de contra-significados que desmanchariam a cristalização de apenas um significado, trazendo a tona a complexidade das relações, além da adoção de uma política prefigurativa do gênero e da sexualidade de forma pacífica, alegre e ruidosa.

Para Connell uma nova política do gênero pressupõe a disposição da incerteza e a abertura a novas experiências e estilos de pensamento, onde fotografias com homens carregando armas tornem-se raras em favor de fotografias que mostrem homens empurrando carrinhos de bebês.

⁶¹ Poderíamos aqui ler “diferentes feminilidades”.

RIAL(1998), por exemplo, aponta para duas tendências contemporâneas em relação à prática de diferentes esportes. A primeira referencia a crescente penetração dos esportes de risco, a partir dos anos 80, entre as camadas superiores, salientando que o grande investimento físico, a dor, o risco e o sofrimento no esporte não são características que interessariam apenas a classes populares, como muitos estudos sociológicos referiam-se no passado. A segunda tendência contemporânea aponta para a crescente participação das mulheres em todos os esportes, não sendo mais possível associar de modo exclusivo esporte e masculinidade.

A presença das mulheres, como tem sido bem demonstrado pelas teorias de gênero, por si só não “desmasculiniza” de imediato esses espaços, não representa a “feminização” desse esporte. Ao contrário, por muito tempo o que ocorria é que a mulher que os praticava se contamina pelo masculino. Porém, no caso do futebol e talvez também no boxe agora, do mesmo modo como ocorreu com o vôlei e tantos outros esportes, a presença das mulheres nesses espaços fez com que perdessem o seu caráter de gênero, deixando de ser marcas de masculinidade. O comparecimento das jogadoras de basquete em revistas tipo Playboy, as fotos de jogadoras de futebol em poses sensuais, tais como as publicadas na revista Placar ou em jornais de circulação nacional, mostram que a habitação desses campos tidos anteriormente como masculinos não necessariamente as contamina do masculino aos olhos sociais. RIAL, 1998:253-4.

MOORE(2000) traz uma importante contribuição para a reflexão destas questões ao afirmar que a experiência de gênero pode ser marcada pela noção de um sujeito diferenciado não apenas entre outros mas também “internamente”, constituído *no e pelo* discurso. Segundo esta autora, para observar essas diferenças que constituem o sujeito é necessário discutir a relação entre múltiplos discursos de gênero e outros discursos da diferença dentro de um mesmo contexto social.

A experiência do gênero, de ser um sujeito marcado por gênero, recebe significado no discurso e nas práticas que esse discurso informa. Os discursos são estruturados pela diferença, e assim mulheres e homens assumem diferentes posições de sujeito dentro do mesmo discurso, ou melhor, o mesmo discurso os posiciona como sujeitos de maneiras diferentes. Todos os principais eixos da diferença, raça, classe, etnicidade, sexualidade e religião têm interseções com o gênero, que oferecem uma multiplicidade de posições de sujeito dentro de qualquer discurso.

(...) A existência de múltiplos discursos de gênero dentro de um mesmo contexto social significa que em muitas situações um discurso que enfatiza a natureza oposicional e mutuamente exclusiva das categorias de gênero pode existir ao lado de outros discursos que enfatizam a natureza processual, mutável e temporária da atribuição de gênero. A coexistência de múltiplos discursos sobre gênero são hierarquicamente ordenados. O ordenamento pode ser tanto contextual como biograficamente variável, e também pode estar sujeito à mudança histórica. O resultado é que alguns discursos sobredeterminam outros, e

vários discursos sub-dominantes se desenvolvem em oposição aos dominantes. MOORE,2000:26.

Levando-se em conta, então, as possibilidades a serem construídas nas formas de representar-se como mulher, e a variabilidade dos atributos relativos ao que é considerado como masculinidade e feminilidade, é interessante observar a preponderância de uma determinada representação da mulher e do feminino veiculadas pelas revistas de surf. Contrapondo-se a esta feminilidade, que poderíamos chamar de hegemônica devido a ênfase com que é disseminada pela sociedade e vista nas areias das praias, estão outras feminilidades, que poderíamos chamar de subalternas, por serem contestadas em confrontação a este modelo disseminado comercialmente. As mulheres entrevistadas afirmam que *a força, a coragem e a determinação* são pré-requisitos que compartilham com os homens e reclamam para si na prática do surf; algumas mencionaram, no entanto, suas preocupações com manutenções de diferenças entre os sexos, e todas afirmaram sentirem-se discriminadas como mulheres na prática do esporte.

Apresento a seguir a leitura de algumas imagens veiculadas por estas revistas e logo após algumas comparações efetuadas pelas surfistas, trazendo elementos para pensarmos estas questões.

5.4 - Corpos sem rosto na areia: um lugar construído para a mulher

Na relação surf e mulher, é interessante observar como o gênero é construído nas revistas de surf através da iconografia do surf masculino, que estabelece um diálogo com as fotos das acompanhantes dos surfistas.

As revistas de surf fazem parte do mundo de consumo do surfista ao veicularem informações e estamparem as marcas que patrocinam os campeonatos. Na venda de seus produtos e na estruturação visual das revistas, constroem-se representações acerca do homem e da mulher dirigida a todos os interessados neste meio, direcionando modelos de masculinidade e feminilidade a serem copiados pelos consumidores e restringindo ou direcionando comportamentos através da força com que as imagens se adequam a composição da corporalidade que ali é valorizada.

Analisei as imagens sequenciais de uma revista de surf procurando ver como as mulheres eram representadas naquelas páginas, selecionei aqui algumas que me pareceram

representativas das demais⁶². A revista da qual foram retiradas as imagens⁶³ faz parte de um conjunto de revistas que me foram doadas por um surfista. Na ocasião tive a oportunidade de conversar com o redator da revista em questão que visitava a Ilha, aproveitando então seu depoimento informal para somar aos dados da pesquisa, uma vez que ele participa ativamente do mundo do surf, fazendo-me observações sobre os campeonatos e a estruturação da revista enquanto olhávamos as imagens.

Interessante foi observar as imagens do ponto de vista de sua construção visual em relação a propaganda e ao marketing, onde cada elemento na composição de imagens de uma página é intencionalmente construído para atingir uma determinada faixa de mercado e, portanto, um determinado público, um perfil de pessoas por onde os valores imagéticos ali veiculados influenciarão comportamento de mercado, conseqüentemente, então, num diálogo direto com o comportamento social.

GASTALDO(1999:11), em seu estudo sobre a representação do “brasileiro” na Copa do Mundo de 1998, observa que “ao produzir e reproduzir determinadas representações sobre a sociedade, o discurso publicitário contribui para o estabelecimento de um consenso social sobre determinados significados e, por esta via, colabora na construção da hegemonia de determinados grupos sobre a sociedade.”

Ressalta também que o mundo dos anúncios publicitários no período da Copa do Mundo é um mundo de homens: as mulheres geralmente estão segregadas do esporte ou reduzidas a meras espectadoras, sem direito a fala e freqüentemente em segundo plano, fora de foco ou de costas, em cenas de conjunto.

Em anúncios , veiculados pela tv a cabo, Gastaldo observa que a imagem da mulher em relação ao esporte é representada como a daquela que cumpre sua função de anfitriã, preparando a casa para os convidados do marido, com um sistema nervoso frágil para suportar as

⁶² Para esta análise foi-me útil a reflexão de Elizabeth EDWARDS(1996), que legitima o uso de diversos tipos de fotografias na análise antropológica, questionando-se acerca dos elementos que definem uma fotografia ser considerada de cunho antropológico:

“(...) Basicamente, uma fotografia antropológica é qualquer uma da qual um antropólogo possa retirar informações visuais úteis e significativas. A essência definidora de uma fotografia antropológica não é seu assunto, mas a classificação do conhecimento ou “realidade”, feita pelo usuário, que a fotografia parece transmitir. O material pode se locomover para dentro e para fora da esfera antropológica, e fotografias que não foram criadas com intenções antropológicas, ou secundadas especificamente por conhecimento etnográfico, podem, todavia, ser apropriadas com finalidades antropológicas. Mas as definições sobre o que é informação antropológica visual vão se modificar de acordo com noções variáveis de objetividade e precisão científicas(...)”.EDWARDS,1996:24.

Também utilizei para a leitura das imagens, alguns pressupostos acerca do movimento visual e composição de imagens, conf. Anexo I.

⁶³ Revista HARDCORE. Ano 12. Outubro de 2001.

emoções do jogo e desinformada acerca de suas regras. Seu único motivo de interesse seria a apreciação da corporalidade dos jogadores, altos, louros e bonitos. Assim, Gastaldo repete na análise dos anúncios uma presença da mulher onde sua figura é constantemente secundária, possível até mesmo de ser removida sem alteração da composição(1999:238).

Na maioria das revistas de surf que observei durante o período da pesquisa a imagem da mulher é praticamente prioritária no sentido de enfeitar a página que mostra a *manobra radical* do surfista. Ressalto a seguir a leitura de algumas destas imagens⁶⁴.

Na **Foto 1** observa-se uma composição extremamente rotineira em diversas revistas: a página é composta por 3 imagens; na parte superior, ocupando pouco menos da metade da página, há um homem surfando e a legenda fala de seu esforço em desenvolver a musculatura de seu corpo para melhorar sua performance nos campeonatos, mesmo nas horas de folga.

Na metade inferior da página, duas imagens se sobrepõem: ao fundo, numa perspectiva mais ampla, aparece a paisagem da praia aonde ele realiza a manobra mostrada na foto superior, sobre a paisagem, no canto esquerdo inferior, de maior peso visual, aparece num retângulo a imagem parcial de uma mulher deitada de costas na areia. Seu rosto está encoberto pelo cabelo escuro, o que aparece é o branco de seu biquíni que contrasta com a tonalidade bronzeada de suas nádegas.

A foto acima mostra uma manobra de surf que, pela forma com que o corpo do homem está posicionado e a espuma da onda que espalha-se atrás, indicam que ele realizou um movimento circular, mudando repentinamente de direção numa *manobra radical*, começando a descer rapidamente a parede da onda. A prancha branca com a marca do patrocinador na ponta, aponta para baixo indicando também o caminho do movimento do olhar que desce em linha reta até o corpo da mulher.

Na **Foto 2** o mesmo tipo de movimento e direcionamento visual pode ser observado; assim como em muitas outras imagens deste tipo que se repetem nas revistas as mulheres representadas estão na areia sem rosto nem nome, a maioria deitada de costas, exibindo seus corpos.

Nas **Fotos 3, 4 A e 4 B** as mulheres tem o mesmo tipo de representação das anteriores porém aqui as legendas anunciam os seus nomes. Na **Foto 3** a mulher está representada de costas e com o rosto encoberto pelo cabelo, entrando no mar numa imagem sobreposta à de uma onda. A legenda indica que ela está na areia da praia mas que também pode ser vista nesta

⁶⁴ As imagens analisadas encontram-se no Anexo II.

revista e nas páginas da Playboy – revista dirigida comercialmente aos homens com fotos de mulheres nuas.

As 3 pequenas fotografias que mostram uma seqüência de manobras de um surfista estão abaixo dela, mas a legenda significativamente informa que neste dia ele “botou pra baixo e pra dentro com determinação (...)”.

As **Fotos 4 A e 4 B** mostram o que está no “Top Core”: a mulher representada em 3 imagens está de frente posando com o rosto à mostra, seu corpo e seu cabelo são extremamente semelhantes ao da **Foto 3**, parecendo até a mesma, não fosse a identificação do nome exposto em grandes letras. É interessante reparar que a mulher escolhida para representar aquilo que está no topo do coração do surfista pratica o bodyboarding e não o mesmo tipo de surf, mostrado nas demais páginas da revista. Não há nesta edição imagem de alguém surfando com bodyboard, a única encontrada é um anúncio publicitário de meia página aonde aparece apenas a prancha no canto inferior esquerdo ao lado de outras duas pranchas grandes. A diferenciação básica desta modalidade está no tamanho da prancha que é bem menor e mais larga e na forma de surfar que é feita com o corpo deitado de bruços sobre a prancha, as mãos conduzindo a prancha e os pés com pé-de-pato para facilitar a impulsão. A prática de surf considerada própria para as mulheres, se seguirmos a conotação das fotos publicitárias das revistas, parece ser o bodybording.

Duas das surfistas entrevistadas, praticantes também desta modalidade afirmaram que, em comparação com o surf, o bodybording enfrenta menos riscos, machuca menos em relação às batidas da prancha no corpo, requer menos força e conseqüentemente não solicita uma musculatura mais desenvolvida, além de não apresentar a complexidade da busca do equilíbrio em pé sobre a prancha.

Em minhas saídas de campo foi-me relatado que esta prancha foi criada por um surfista para sua esposa, sendo então comercializada com propagandas dirigidas às mulheres. Na praia nunca vi um homem com esta prancha, embora tenha recebido informações de que não apenas há homens praticando esta modalidade, como há campeonatos onde eles participam. Uma pessoa de minhas relações relatou-me que geralmente estes homens são discriminados pelos demais surfistas, contando-me que um arquiteto amigo seu, freqüentador da Praia Mole, foi várias vezes ali chamado de “bicha” por estar praticando esta modalidade.

Assim como o surf é representado geralmente como “*coisa de homem*”, o bodyboard é considerado um “*surf feminino*”, amplamente praticado por mulheres; ouvi de

muitos surfistas o relato de que apreciam ver as mulheres praticando esta modalidade pois elas ficam no mar deitadas “*com a bundinha pra cima*”.

A **Foto 5** mostra também uma raríssima imagem mostrando a participação de uma mulher negra como surfista; se as mulheres são minoria no mundo do surf, mais raro ainda é a presença da mulher negra, na fotografia ela está inserida no grupo, sorrindo e fazendo com os dedos o “V” da vitória. Esta quase ausência dos negros parece confirmar o que foi observado por RIAL(1995) em sua leitura de imagens publicitárias refletindo representações étnicas veiculadas pela tv brasileira em cadeia nacional entre 1994 e 1995.

As **Fotos 6 e 7** mostram as únicas imagens de mulheres surfando, imagens pequenas e sem destaque, uma localizada quase ao fim da revista e a outra compondo a capa interior do fim da revista, mais uma vez indicando a forma como é vista a participação das mulheres no meio. Na **Foto 6** ela é representada fazendo parte de um time de surf, mas na ordem de colocação da imagem ela está em último plano, numa evidência de posição hierárquica inferior. A **Foto 7** mostra três mulheres surfistas, na parte superior destaca-se o logotipo da marca veiculada em letras brancas sobre fundo vermelho, depois, ocupando mais da metade da página, as três mulheres estão sorrindo olhando o mar abaixo de uma passarela, elas vestem roupas justas adequando-se ao design dos modelos de feminilidade da marca. Abaixo da grande imagem estão outras três pequenas onde se vê `a esquerda uma surfista dentro d'água, sorrindo e segurando a prancha que bóia; ao centro a imagem aumenta um pouquinho e ela aparece surfando, com seu nome estampado embaixo (o nome das outras duas aparece quase imperceptível escritos na vertical no canto direito da imagem maior); `a direita ela está deitada numa rede, com os olhos tapados por óculos escuros. Na base da página aparecem três chinelos ali comercializados, eles tem nomes específicos, fazem parte de uma linha dirigida especialmente para as mulheres; o anúncio representa o que elas devem vestir no corpo e pôr nos pés.

Outro lócus para se captar a construção social do gênero das mulheres surfistas são as roupas. Em minha saída de campo à um shopping center de Florianópolis, visitando as lojas que comercializam estas roupas, constatei que os modelos considerados masculinos são largos e compridos, compreendendo camisas e camisetas de tamanho grande que permanecem soltas no corpo, as bermudas são compridas indo até o joelho ou abaixo deste e, assim como as calças, tem grandes ganchos. As únicas roupas justas são as roupas de borrachas e blusinhas de lycra e neoprene a serem usadas na água durante a prática esportiva .

Por sua vez as roupas consideradas femininas são justas, compreendendo camisetas e camisas com mangas curtas, shortes curtos que juntamente com as calças tem cintura baixa e ganchos curtos.

Uma das surfistas entrevistadas fala sobre as diferenças de prática esportiva e do consumo de roupas da moda de surf entre as adolescentes em Florianópolis, que tem ampliado associado à um perfil de comportamento:

(...) essas guriinhas que chega na loja de surf, se veste de surf da cabeça aos pés e fica tirando ondinha, fazendo ... e vai ver no mar não faz nada. E... comigo já tava diferente eu ... eu fiz primeiro pra depois ir pra moda do surf, entendeu, porque há três anos atrás tava começando ... tava começando mas já tinha um pouquinho ... e eu fui indo em frente até que agora ... abriu moda de surf e pronto, aí ... elas é diferente, elas pegaram a moda de surf e foram tentar surfar, entendeu?!(...)

Perséfone, 17 anos, Barra da Lagoa.

Por sua vez, os dois homens entrevistados ressaltaram a importância que conferem à moda naquilo que eles chamam de *facilitação* da prática esportiva das mulheres no surf e na transformação histórica conferida a este mercado. Contam eles que antes as pessoas sentiam-se incomodadas porque o surf deixa a musculatura mais desenvolvida: *o corpo fica mais corpo de homem (...) hoje já não ligam mais pra isso*. Em seus depoimentos apontam para um condicionamento do comportamento social ao misturarem questões corporais com questões ligadas ao uso de determinadas roupas que, segundo eles, acontecia quando a categoria feminino já havia sido criada no surf catarinense mas ainda não havia um alcance da linha surfwear feminina:

(...) começa a gostar de usar roupa de homem, começa não sei o quê, hum, essas meninas do feminino gostam de ficar usando calção de homem, não sei o quê. Tinham umas historinhas assim que... devagarinho isso foi mudando porque daí o próprio mercado se, se, começou a desenvolver equipamentos exclusivos pras meninas. (...) E de repente começou o surfwear feminino no Brasil também que não existia. A moda surf pra mulher. Aí começou calça com negocinho mais baixo, com não sei o quê, tal, tal, tal, calçãozinho e tal, maiozinho pra surfar. Tudo isso ajudou porque, começou, a mulher foi surfar como mulher, feminina né, e não com artigos masculinos, quer dizer que, que gerava um preconceito, putz, tem que ser com roupa

de homem e não sei o quê e tal (...) Surfwear no Brasil tem feminino e masculino, sendo que...pô, as empresas ganham 5 vezes mais dinheiro com as mulheres do que com os homens.

(...) Hoje existem empresas, empresas de surf no Brasil de 4 anos pra cá, não, mais do que isso, que deixaram de fazer masculino só pra fazer surfwear feminino, porque é muito mais jogo, né, muito mais.

Percebe-se pelos depoimentos que as empresas estão investindo neste setor, patrocinando campeonatos dirigidos as mulheres e no interesse da ampliação de seu mercado e veiculação de seus produtos, vendendo também imagens dirigidas de diferenciação sexual onde há uma clara tentativa de padronização de um feminino e de um masculino. Nos últimos anos as mulheres tem ampliado seu espaço de atuação neste diálogo, as vezes ganhando suplementos femininos de revistas dirigidos especialmente à elas. Os depoimentos dos homens entrevistados e as imagens das revistas apontam para um direcionamento social da visualidade e do comportamento de homens e mulheres na atualidade, porém os comportamentos dialogam com os limites sociais e suas diversificações.

5.5 - O diálogo sobre as diferenças entre as mulheres:

Procurando captar a variabilidade com que os sujeitos especificam suas experiências, é interessante observar o que elas apontam em seus discursos como diferenciações entre as próprias mulheres, diferenciações estas que vão construir os investimentos e escolhas na multiplicidade possível de posições do sujeito em meio a discursos concorrentes e possivelmente contraditórios sobre feminilidade e masculinidade (MOORE, 2000:35,36).

Uma das entrevistadas faz uma interessante comparação entre ela, a *menina de apartamento* e *as guriazinhas na loja de surf*. Primeiro compara-se com a *menina de apartamento*, compreendendo a primeira aluna de seu pai na escolinha de surf, e que tornou-se sua amiga e companheira por alguns anos.

(...)ó...ela foi, ela assim ó, vamos dizer que eu e ela...vou comparar. Eu sempre fui de...fazer esporte, desde pequena na natação, natação, natação, sempre tive natação, por isso que eu acho que é por isso que eu tenho o corpo...o, o ...braço forte e tal...tenho braço forte. Não

por causa do surf, mas por causa da natação. E ela não, ela já foi menina de apartamento, mora no centro, não...não fazia muito, tinha, claro...tinha, claro...ela... já não fazia, fazia também mas era diferente, entendeu, são 2 jeitos diferentes. E eu comecei no surf eu já tinha braço, entendeu, então eu já tinha mais facilidade de remar, de não sei o quê, e ela não, ela sempre foi a magrinha, sem força...né, e...e pra mim não mudou nada, sabe, não mudou nada porque também sempre continuei a mesma. Ela também, não mudou nada, não vai...não vou dizer que...em 3 anos que eu surfo, em 3 anos eu vou ficar...grande e essas coisas que todo mundo, né, me fala...(...)

Perséfone, 17 anos, Barra da Lagoa.

Depois compara-se com as “*guriazinhas na loja de surf*”, meninas de sua escola, falando sobre a interferência do uso da moda surf feminino; refere-se à roupa, à forma corporal e estabelece comparações de comportamento segundo a maneira diferenciada de encarar a prática esportiva do surf, se esta é praticada por *hobbie* ou por motivos *profissionais*.

(...)Pra mim, então, tipo, eles ainda vê, os meus...minhas amigas...amigos da minha idade, 16,17 anos, eles ainda vêem assim, já da pra ver que quem...agress, não agressivo, entendeu, mas...forte, mais, né, firme, assim, no corpo também, não só no corpo mas também na...na hora de agir, nas situações, assim...

(...) É, depende também de como a garota levar o surf, né (...)...hobbie, e aí dá uma surfadinha e deu, que é o caso das garotas...das garotas da minha sala...que vestiram de surf e foram surfar e quando descobriram que...foram gostando, gostando. E eu não, eu descobri o surf pq é o que, eu gostava de surf, entendeu?

Perséfone, 17 anos, Barra da Lagoa.

Falando também sobre as diferenciações no vestuário e no comportamento, uma das surfistas apontou uma interessante diferença entre suas vizinhas adolescentes, onde ela via refletida sua própria experiência corporal em seu relacionamento com a imagem de sua mãe.

(...)porque eu sempre fui a fim de fazer as histórias, mas a minha mãe era super sedentária...não gostava de corpo musculoso, achava que mulher tinha que ser feminina...tinha que ser...assim...a minha mãe era uma pessoa muito feminina, sabe, muito educada...muito delicada, então eu acho que ela queria que eu fosse assim também .

(...)sabe aquela adolescente, assim, rebelde?! Né...bem adolescente mesmo, aquela fase que a gente passa que a gente se enfeia, que a gente...usa...camisa grande...nunca me achava...e, época de adolescência vejo as filhas da minha... vizinha, uma é bem feminina, a outra é completamente grungie. Eu era grungie, entendeu, se tivesse pircing, eu tinha feito pircing...eu era bem de esquerda. E... ..eles não davam, assim...a minha mãe não tinha saco pra me levar na natação, buscar, levar no balé, então eu sempre tive isso recolhido, sempre quis fazer mas não podia... eu tinha aquela dependência, então...nunca fiz, talvez qdo eu tenha...tenha acontecido, de qdo eu tive a oportunidade de fazer, aí eu...resgatei tudo o que tinha vontade de fazer e...não pude.

Hera, 38 anos, Praia Mole.

Outra surfista, Ártemis, faz uma comparação entre ela e *as meninas mais bem preparadas*, compreendendo competidoras estrangeiras, percebendo que fora do Brasil o treinamento que recebem é diferenciado, incluindo exercícios de apnéia e boxe. Com esta constatação de que precisaria ter um preparo físico que estivesse a altura de suas concorrentes, alterou suas ações futuras decidindo investir na modelagem e transformação de sua corporalidade objetivando uma boa classificação. Acerca da mesma questão sobre a corporalidade ela também compara-se com *as meninas de hoje*, levantando o aspecto da incorporação da dor no dia-a-dia do surfista.

É porque tem muita...as meninas de hoje são assim, né, começam a pegar onda e de repente entra num mar que já, já não (.....) que tem que começar de...pequenininho, né, ondinha pequenininha, que a gente puder entrar no mar...aí ó, aí vem uma onda, aí tu toma uma onda na cabeça, fica apavorada, já desiste! Tem que começar aos pouquinhos, né, é muito fácil machucar com a prancha...tu machuca, aí já (.....) vou machucar de novo...Eu não, eu passei por isso tudo, nada, nada me fez parar, nem uma pancada com a prancha, nem...nem engolindo água como eu engoli várias vezes já tomando caldo...(.....) apavorada, apavorada, assim, nossa, já tomei um mundo d'água! Só que...a vontade era tanta, né, que...

Ártemis, 24 anos, Barra da Lagoa.

Por outro lado quando evidencio minha surpresa pelo pequeno tamanho corporal e a imensa desenvoltura nas diversas modalidades esportivas que fazem Hera apresentar-se como uma campeã, ela faz comparações com suas amigas acerca da preparação e desempenho

corporais. Afirma que o importante é ter musculatura, comparando-se com outra esportista que é alta, com estrutura óssea grande, classificando-a como *tronga*. Por outro lado fala-me entusiasmada de algumas de suas amigas que também são miudinhas como ela causando a impressão na praia de serem frágeis, mas que na realidade são portadoras de uma intensidade muscular muito desenvolvida *tu olhas na praia e pensas que ela é frágil, que nada! É voadora como eu!*

Por sua vez outra surfista afirma já ter incorrido em atitudes preconceituosas acerca da performance esportiva de outras mulheres, duvidando do bom desempenho alheio pois considerava-se uma *surfista séria* e era reconhecida como tal numa época em que pouquíssimas mulheres surfavam.

E de vez em quando aparecia alguma que outra mulher tentando surfar, mas eu acho que eu cheguei a ...até a ter mesmo preconceito, eu chegava a ver mulher com prancha na praia e...isso eu ficava curiosa “será que essa surfa mesmo?!” E aí ficava olhando pra, pra ver... e eram poucas que surfavam mesmo, mas tinham pelo menos duas naqueles primeiros anos...que...que surfavam legal.

Atena, 56 anos, Praia Mole.

Pode-se observar também diferenças geracionais nos depoimentos em várias ocasiões; especialmente no que se refere a comparações com outras formas de ser mulher uma delas faz várias considerações sobre mulheres mais jovens. Compara seu desempenho no surf com o da filha que está começando, estabelecendo contrastes em sua intrepidez no enfrentamento das ondas.

(...) E como ela é mais cagoninha, tem medo de água, então ela já não se atira e eu nunca tive medo, eu sempre me atirei, eu mar grande eu não tinha como entrar pelo canal, não tinha força pra passar a arrebentação, eu me jogava de costão, eu ia lá fora, quando via tava lá no meio daqueles ondão enorme. Meu Deus! O que que eu estou fazendo aqui?! E encarava, me jogava, porque não é tanto força, é mais agilidade. E resistência. É muita resistência e fôlego tem que ter bastante.

Deméter, 45 anos, Praia Mole.

Compara sua disposição em surfar com as adolescentes, ressaltando aspectos da aparência corporal aí integrados.

Como eu convivo muito com eles, tanto na academia, nas etapas que a gente vai, que a gente viaja em competição, como no surf acompanhando minha filha e as amiguinhas dela que eu ensinei a surfar. Porque atualmente eu não consigo mais ir ‘a praia sem elas, porque elas não me deixam, porque elas me acordam no sábado de manhã, 8hs: “que horas tu vais na praia? O vento é esse, em que praia cê vai?” Elas já... Eu me sinto as vezes fazendo parte da turma delas então assim, “parece uma guria”, acho que eu não pareço, eu sou uma guria! Eu não consigo me ver com meus 45. Faz muito tempo que eu não me vejo com a idade que eu tenho!

Deméter, 45 anos, Praia Mole.

Aponta também os cuidados com o corpo como quem se preocupa em ser um exemplo para as mais jovens.

E eu viajo atualmente bastante com eles em todas as competições, então a gente tem uma troca, assim, bem grande. Tem uma que sempre assim, “Ah, o creminho hidratante eu sei pra quem é que eu vou pedir: Deméter.” Porque eu sempre tenho um hidratantezinho, elas nunca levam. “Ah, a Deméter tem, garanto que a Deméter tem remedinho pra dor de cabeça”. A mãe, né, leva tudo. Aí a última competição elas pegaram o meu creminho e começaram: “Hum, anti-rugas! (risos) Anti-rugas, deixa eu passar que eu...” Eu disse: “Vocês tão gozando comigo, eu quero que vocês cheguem lá assim, hein!”

Deméter, 45 anos, Praia Mole.

Através destes depoimentos pode-se perceber que as diferenciações estabelecidas entre as mulheres apontam variabilidade de concepções com que os sujeitos especificam suas experiências conforme as diferenças geracionais, os cuidados com o corpo e o vestuário, com a qualidade da performance esportiva e o desenvolvimento muscular.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o ano e meio em que fiz esta pesquisa aproximei-me do mundo do surf procurando olhá-lo de maneira diferenciada a qual estava acostumada. Pude perceber que numa sociedade individualista, onde a fragmentação das ações inscreve-se no ambiente de trabalho estressante, o surf é apontado como uma experiência integradora e estabilizadora, proporcionando não apenas a potenciação da capacidade física pelo exercício, mas também proporcionando equilíbrio emocional em sua prática, no sentido em que as surfistas mencionam a busca de uma qualidade de vida, conferindo importância ao tempo dedicado aos exercícios físicos em espaços abertos e na água para a estabilização do ritmo de suas vidas. Elas apontam que o esporte é capaz de funcionar como um sedativo, aliviando a dor e liberando as tensões cotidianas. É também um espaço onde é possível treinar a capacidade de concentração e ter a experiência de vencer um desafio, auto-superando-se no desenvolvimento de um exercício especializado onde a prática esportiva intensa traz a sensação de euforia, êxtase, liberdade e felicidade.

Pude observar que, no que se refere ao grupo da Praia Mole, o tempo usado no exercício esportivo é concentrado e intenso, ao mesmo tempo sendo relaxante. Alegam uma *troca de energia* ou o *recarregamento de uma bateria* ajudando a que o resto do tempo do dia, empregado em outras atividades, seja também mais concentrado e intenso. Quando raramente a hora do esporte não pode ser atendida, alegam uma baixa no rendimento que se exigem nas demais atividades, além de uma desestruturação no ritmo de vida causando inquietação e irritação.

Misturam em seus discursos uma idéia de raiz biológica com outra psicológica, separando um espaço para admirarem-se com o que não conseguem pôr em palavras, mas que precisam sentir diariamente: precisam estar a sós consigo mesmas como fator de equilíbrio psicológico. O corte na comunicação com as demais pessoas é concretizado pela escolha de esportes individuais onde o prazer é associado ao silêncio, a concentração individual e a interação com o espaço sentida intensamente no corpo: é o momento em que a mente se esvazia e ao mesmo tempo pensa a vida. O contraste é estabelecido com os ambientes onde trabalham com espaços reduzidos e muitas pessoas solicitando sua atenção.

A busca de auto-superação marca o *ethos* do grupo, onde o esforço e o risco são cuidadosamente calculados para que os próprios limites sejam mantidos ao máximo ou superados. Em cada esporte praticado o rendimento final é diferenciado conforme os escolhidos preferencialmente para competições, porém em todos é auto-exigido o rendimento máximo que o corpo possa dar naquele momento.

Assim como o risco, o enfrentamento da dor faz parte da realidade esportiva. A prancha surpreendida pelas ondas bate no corpo, a luta para vencer a arrebentação dependendo das marés pode custar o fôlego e o cansaço dos músculos, os “caldos” provocam minutos infundáveis sem respiração. O reconhecimento, a aprendizagem e a superação dos limites faz parte do *ethos* do grupo; a dor é vista conjugada à intensidade: é preciso tencionar os músculos ao máximo, é preciso correr mais riscos para ter mais prazer, é preciso superar-se, evoluir.

A participação em campeonatos é vista como uma forma de manter um ritmo de superação de sua própria marca de tempo já conseguida anteriormente, onde o desafio é estabelecido consigo mesma. Como consequência da exigência pessoal, as premiações das vitórias proporcionam um reinvestimento em equipamentos apropriados, aulas para aperfeiçoamento da técnica, viagens e inscrições em outros campeonatos.

Por sua vez, no que se refere ao grupo da Barra da Lagoa, para elas estar no mar praticando o surf é tudo o que almejam e esperam da vida, poder sobreviver financeiramente daquilo que mais gostam de fazer é mais uma satisfação a ser acrescida ao prazer pessoal de surfar, estar dentro d’água é estar realizada.

Com este objetivo pré-definido, além de buscarem um apoio técnico, as surfistas desenvolvem um pensamento tático para com as manobras e situações de competição, estudando a performance das demais competidoras para planejarem um maior número de estratégias a serem executadas no momento das provas.

Mencionam a transformação de considerar o surf como uma brincadeira e pensá-lo profissionalmente: se a pessoa tem o “dom para aquilo” a dedicação requerida é bem maior, os treinamentos passam a ser intensos mas são realizados por vontade própria e não por imposição, é uma disposição pessoal que se entrelaça com uma ansiedade apenas aplacada por estar surfando. Afirmam que para ser uma campeã é preciso ter técnica e desenvolvê-la, passando a surfar não apenas por prazer, ou porque é saudável e porque gostam do contato com a natureza.

Consideram também que conquistar vitórias nos campeonatos é uma conseqüência natural de um dom: afirmam que todos tem um, mas alguns nascem especialmente com o dom de surfar!

Procurando fazer um paralelo entre os dois grupos pode-se afirmar que as características de força, coragem, determinação, concentração, agilidade e equilíbrio são apontadas por ambos como imprescindíveis para a prática e uma boa performance no surf. O risco é apontado como um elemento imprescindível e constante, pois faz aumentar o prazer, quanto mais intenso e radical for o momento esportivo, maior a intensidade, o prazer, a energia e o relaxamento. O reconhecimento dos próprios limites num sentido de auto-preservação e a compulsão⁶⁵ pela prática esportiva resultando numa extrema dedicação são também relevâncias compartilhadas por todas.

As mulheres de ambos os grupos comentam também situações restritivas que enfrentaram para praticarem o esporte que escolheram, considerado pelas famílias como inadequado para uma mulher devido ao risco de vida a que são expostas e ao desenvolvimento acentuado da musculatura que o intenso envolvimento esportivo exige.

Elas apontam diversas discriminações para a prática esportiva das mulheres: enquanto aguardam no tempo de espera e disputam o espaço na onda que se forma, reclamam de desrespeito pelos surfistas homens que cortam-lhes a frente impedindo o deslizamento adequado na onda; algumas vezes foram mandadas para o canto da praia, onde tem ondas menores que seriam, segundo eles, mais adequadas para mulheres.

O controle social do comportamento é exercido aqui através de micropoderes⁶⁶ sobre o corpo das mulheres, onde ter um corpo com massa muscular desenvolvida *como um homem* é algo que sofre restrições sociais e surfar *como um homem* é uma inferência de valor sobre uma performance considerada elogiosa.

Estabelece-se uma negociação social para a mulher surfar dentro do núcleo familiar e entre os grupos de sociabilidade mediada pela indústria de consumo e a moda surf, apontada por alguns das/os entrevistadas/os como um facilitador do espaço da mulher neste esporte, no entanto em suas modelagens do masculino e do feminino não oferecem variabilidade de opções, conduzindo à *um* modelo que deve ser seguido, numa instância de normatividade social.

⁶⁵ Uso aqui o termo “compulsão” fazendo um paralelo e ao mesmo tempo uma contraposição a “ansiedade” assinalada por todas como presente quando a prática esportiva não é constante e intensa.

⁶⁶ Conforme FOUCAULT, 1990.

Para finalizar, resalto que as diferenciações mais evidentes entre estes dois grupos localizam-se na questão econômica envolvida na prática esportiva, que repercute na maneira como abordam o esporte: as profissionais disputam tendo como alvo uma premiação almejada que lhes proporciona não apenas uma satisfação pessoal, mas permite o desfrute de um estilo de vida apenas possível devido as vitórias nos campeonatos, encarando as demais competidoras como rivais dentro da água. As amadoras, pertencendo a camadas médias mais abastadas, também competem tendo como objetivo os primeiros lugares, porém em seus discursos jamais mencionaram preocupação com outras competidoras, ressaltando um sentido de auto-superação onde controlam-se e competem consigo mesmas, ficando as premiações (que nestes campeonatos são menores) apenas como forma de apoio na manutenção do aparato esportivo.

No entanto é bom ressaltar que os dois grupos mencionaram questões relacionadas a disputas sobre as ondas, no que se refere a conseguir um bom posicionamento de *dropagem*, e também todas mostraram preocupações éticas quanto a estas disputas, não concordando com a tolerância à violência no mar.

Observando suas histórias de vida pude perceber a complexidade existente no acesso diferenciado à prática esportiva por serem mulheres que atuam em esportes de risco; também são enfáticas suas reclamações no que se refere às relações de poder envolvidas na estruturação dos campeonatos onde a categoria feminino costumeiramente tem menos patrocínio assim como menores premiações, perfazendo uma estrutura social complexa na qual o menor investimento e incentivo corroboram para a manutenção da hierarquização das diferenças sexuais.

A categoria *natural* constantemente empregada no meio remete a um conceito de saúde vinculado a uma determinada compreensão do corpo enquanto organismo biológico que transforma-se de forma evolutiva juntamente com o exercício das técnicas corporais de maneira diferenciada entre homens e mulheres. Os depoimentos apontam para idéias veiculadas por alguns profissionais da Educação Física, que baseiam seus discursos sobre as técnicas corporais em diferenças biológicas num sentido hierarquizante, onde o homem apresenta impreterivelmente maiores condições de rendimento do que o corpo da mulher. Algumas das entrevistadas concordam e reforçam estas idéias, apesar de serem pioneiras no adentrar um campo ocupado predominantemente por homens; no entanto em suas práticas estabelecem o desafio constante como condição estimuladora das performances que as faz campeãs.

Foram significativas as questões geracionais relativas a projeto de vida, no que se refere às surfistas mais jovens em relação às mais velhas, uma vez que o grupo que denominei ser o da Praia Mole são casadas, tem filhos e completaram o curso universitário, portanto seus interesses e planejamentos são sempre vinculados a esta realidade familiar, enquanto o grupo da Praia da Barra da Lagoa, sendo mais jovem, solteiras e apenas com o curso secundário, tem seus discursos marcados pela aproximação, desejada ou não, dos pais.

Associado a isso me parece marcante também a diferenciação de seus projetos de vida em relação a particularidade das condições econômicas de suas famílias de origem e da importância diferenciada que conferem a educação formal, interferindo em suas motivações na construção de seus projetos de vida no esporte.

Os investimentos destas mulheres variam conforme as etapas da vida e os contextos relacionais e econômicos, na medida em que o surf é praticado como hobby ou profissão, mas o esporte é encarado como um projeto para toda a vida associado a uma idéia de qualidade de vida e satisfação pessoal sem as quais elas não se compreendem como pessoa.⁶⁷

No que pude observar sobre as mulheres, as imagens que preponderantemente são veiculadas pelas revistas e difundidas no universo do surf, do que se poderia chamar de uma feminilidade hegemônica⁶⁸, apontam para as relações entre os sexos como relações de poder hierarquizadas, num ideário onde a mulher espera enquanto o homem age.

Esta feminilidade entra em diálogo com outras corporalidades e comportamentos de mulheres que procuram criar para si outras formas de ser/estar, estabelecendo uma ruptura definitiva com a imagem de uma mulher frágil. Através da prática esportiva constante elas tem uma relação e atenção intensa e específica a seus corpos, aonde a força, a coragem, a determinação, a agilidade, a concentração e o enfrentamento de riscos são características psíquicas e corporais que as surfistas reclamam e constroem para si.

O surf é então uma prática esportiva na qual pode-se observar a dinâmica social dos discursos sobre as diferenças sexuais⁶⁹, aonde as negociações contínuas estabelecidas entre as mulheres e os homens envolvidos, assim como entre as diferentes formas de ser mulher, perfazem um exemplo da construção contínua da corporalidade entretecida nas relações sociais e de gênero, desde as pequenas ações cotidianas que adentram a vivência esportiva.

⁶⁷ MAUSS, 1974.

⁶⁸ Utilizo “feminilidade hegemônica” a partir do conceito de VALE DE ALMEIDA(1996) acerca de uma masculinidade hegemônica e várias outras subalternas.

⁶⁹ Conf. Joan SCOTT(1995).

A ênfase no prazer que o esporte proporciona e que o momento esportivo lhes traz é preponderante em todos os depoimentos, tanto para as mulheres quanto para os homens; um prazer que é compartilhado com o meio ambiente e com outros, sejam muitos ou poucos, mas que compõem os diferenciados grupos de sociabilidade esportiva a que pertencem⁷⁰.

Um dia, depois de cerca de oito meses pensando, lendo, observando, conversando, andando na areia e escrevendo sobre surf, peguei uma prancha e entrei no mar. A Joaquina, vizinha a Praia Mole, é uma praia de grande extensão e mar aberto, mas os agrupamentos costumam ficar no canto esquerdo, perto das pedras, do comércio, do estacionamento...onde acontecem os campeonatos, inclusive etapas do circuito mundial.

Era um dia de inverno ensolarado, o friozinho apenas tornava a atmosfera mais azul; um grande grupo de surfistas estavam mais para o meio da praia, como uma mancha de cabeças espalhadas numa faixa do mar. Enquanto eu me preparava para entrar com exercícios de aquecimento e alongamento, uma mulher saía do mar e fazia o ritual de limpeza da prancha e retirada da roupa de borracha que gruda no corpo: as ondas estavam relativamente boas mas muito pequenas, a Joaquina parecia mais uma lagoa apesar da quantidade de gente no mar...

Passei a arrebentação, portanto, com a maior facilidade, chegando ao tempo de espera sem me afogar – como havia previsto inúmeras vezes enquanto olhava o mar. No meu conhecimento teórico sabia que agora era a hora de sentar na prancha e aguardar uma onda com um bom volume numa distância adequada, mas, como sentar na prancha se ela não parava quieta?!! Surpreendi-me pensando num cavalo e vi que eu não tinha intimidade com este *animal*!

Então veio a onda: “pega essa!” gritaram minha irmã e meu filho, que acompanhavam tudo com um certo cuidado para que eu não causasse algum dano `a prancha ou atrapalhasse algum surfista mais experiente...!

Remei rápido e consegui colocar-me na posição em que a prancha acompanha e desliza com a onda; por um instante – quem sabe teriam sido segundos?!- olhei para a praia e vi que a perspectiva mudava a medida que a onda crescia e eu ficava no alto, um friozinho na barriga acompanhava o azul do céu que tinha clareado atrás das dunas naquele claro-escuro do entardecer... mas não consegui ficar em pé. Pude, no entanto, sentir ainda que apenas um pouquinho, a emoção de “surfar” e levo comigo este momento, agradecida pela oportunidade do contato com este aprendizado de vida.

⁷⁰ MAFFESOLI, 1996.

Bibliografia:

- ALVES, Paulo César. A Experiência da Enfermidade: Considerações Teóricas. **Cadernos de Saúde Pública**. RJ, 9 (3) jul/set, 1993: 263-271.
- AUGUSTIN, Jean-Pierre & MALAURIE, Christian. Le Territorie-Monde du Surf (Diffusion, médias et énonciation). **Géographie et Cultures**, n.21, 1997: 119-130.
- AZEVEDO, Thales de. **A praia: espaço de socialidade**. Salvador: Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia, 1988.
- BOURDIEU, P. “Titres et quartiers de noblesse culturelle” e “Le choix du nécessaire”. In: **La Distinction: Critique Sociale du Jugement**. (texto s/d)
- _____ A Conferência do Prêmio Goffman. In: LINS, Daniel(org.). **A Dominação Masculina Revisitada**. Campinas: Papirus, 1998.
- CALLOIS, Roger. Definição e Classificação dos jogos. In: **Os Jogos e os Homens: a máscara e a vertigem**. Lisboa: Ed. Cotovia, 1990.
- CECATTO, C. **O Perfil das Escolas de Surf em Florianópolis**. Monografia. Florianópolis:UFSC, 1999.
- CLIFFORD, James. Sobre o surrealismo etnográfico. In: **A Experiência Etnográfica: Antropologia e Literatura no séc.XX**. RJ: ED. UFRJ, 1998.
- CONNEL, Robert. Políticas da Masculinidade. **Revista Educação e Realidade**, jul/dez, 1995.
- CUNHA. Arraial do Cabo... Dissertação. Niterói: PPGAS/UFF, 19--.
- DA MATTA, R. O ofício do etnólogo ou como ter “anthropological blues”. In: Publicações do PPGAS do Museu Nacional, RJ, 1974.

DERDYK, Edith. **Formas de Pensar o Desenho**. SP: Scipione, 1989.

DIAS, A. **Ilha de Santa Catarina, Brasil – abordagem bioregional da paisagem da Lagoa da Conceição: uma proposta de corredores ecológicos**. Dissertação. Florianópolis: PPG Agroecossistemas, 2000.

DOUGLAS, Mary. As abominações do Levítico. In: **Pureza e Perigo**. SP: Perspectiva, 1976.

DUNNING, Eric. El deporte como coto masculino: notas sobre las fuentes sociales de identidad masculina y sus transformaciones. In: DUNNING & ELIAS, N. **Deporte e ocio em el processo de la civilizacion**. México: Fondo de Cultura Económica, 1996.

DURKHEIM, E. .Cap. I, II e Conclusão. In: **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: M. Fontes, 1996.

ELIAS, Norbert. La Génesis del Deporte como Problema Sociológico. In: DUNNING & ELIAS, N. **Deporte e ocio em el processo de la civilizacion**. México: Fondo de Cultura Económica, 1996.

ERGAS, Yasmine. O sujeito mulher: o feminismo dos anos 1960-1980. In: PERROT, M. E DUBY, G. **História das Mulheres no Ocidente**. Vol 5: o séc.XX. SP:Ebradil; Porto:Afrontamento, 1991.

EUFRÁSIO, Mario. **A Estrutura Urbana e Ecologia Humana : a Escola Sociológica de Chicago (1915-1940)**. SP: Ed. 34, 1999.

FOUCAULT, Michel. Poder-Corpo. In: **Microfísica do Poder**. RJ:Graal,1990.

FREIRE, Gilberto. Nova concepção de feminilidade. In: **Modos de homem e modas de mulher**. RJ:Record,1997.

GASTALDO, Édison. **A nação e o anúncio – a representação do “brasileiro” na publicidade da Copa do Mundo**. Campinas, Universidade Estadual/Instituto de Artes. Tese de doutorado, 1999.

_____. A forja do homem de ferro: a corporalidade nos esportes de combate. In: LEAL, Ondina F.(org.) **Corpo e Significado – ensaios de Antropologia Social**. PAlegre: Ed.UFRGS, 1995.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. RJ: Zahar, 1978.

_____. **El antropólogo como autor**. Barcelona: Paidós, 1997.

GOFFMAN, E. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. RJ: Vozes, 1975:218-233.

_____. A Elaboração da Face – Uma análise dos elementos rituais na interação social. In: FIGUEIRA, Sérvulo A. (org.). **Psicanálise e Ciências Sociais**. RJ: Francisco Alves, 1980.

GOLDENBERG, Miriam. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. RJ: Record, 1999.

GROSSI, Miriam. Identidade de gênero e sexualidade. **Revista Antropologia em 1ª.Mão**. Ilha de Santa Catarina: UFSC/PPGAS,1998.

HARRIS, Marvin. **Vacas, Porcos, Guerras e Bruxas – os enigmas da cultura**. RJ: civilização brasileira, 1978: 17-53.

_____. Perros,gatos, dingos y demas mascotas. In: **Bueno para comer?** Madri: Aliança editorial, 1985.

HAUFF, Shirlei. **Diagnóstico Ambiental Integrado da Bacia Hidrográfica da Lagoa da Conceição**. Dissertação. Florianópolis: PPG Engenharia Ambiental, 1996.

HERITIER, Françoise. **Masculino/Feminino**. Verbete da Enciclopédia Enaudi. Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1989.

- HIGONNET, Anne. Mulheres, imagens e representações. In: PERROT, M. E DUBY, G. **História das Mulheres no Ocidente**. Vol 5: o séc.XX. SP:Ebradil;Porto:Afrontamento, 1991.
- HOLLANDER, Anne. O sexo e as roupas: a evolução do traje moderno. In: **A invenção feminina**. RJ:Rocco,1996.
- HUIZINGA, Johan. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. SP: Perspectiva, 1990.
- JARDIM, Denise Fagundes. Performances, Reprodução e produção dos corpos masculinos. In: LEAL, Ondina F. **Corpo e Significado: ensaios de Antropologia Social**. RJ: Ed. da Universidade, 1995.
- LENOBLE, R. **História da Idéia de Natureza**. Lisboa: Edições 70, 1990: 183-200.
- LEVI-STRAUSS, C. Introdução à obra de Marcel Mauss. Sociologia e antropologia. São Paulo: EPU: Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.
- _____ A Eficácia Simbólica. In: **Antropologia Estrutural I**. RJ: Tempo Brasileiro, 1975.
- MACHADO, Lia Zanotta. Estudos de gênero: para além do jogo entre intelectuais e feministas. In: SCHPUN, M.R.(org.). **Gênero sem fronteiras: oito olhares sobre mulheres e relações de gênero**. Florianópolis: Ed.Mulheres, 1997.
- MAFFESOLI, Michel. Homo estheticus. In: **No fundo das aparências**. RJ: Vozes, 1996.
- _____ Estilo e Quotidiano. In: **A Contemplação do Mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.
- MAGNANI, José G. Quando o campo é a cidade – fazendo antropologia na metrópole.In: MAGNANI & TORRES(org.). **Na Metrópole – textos de Antropologia Urbana**. SP EDUSP/FAPESP, 1996.

- MALINOWSKI, B. Introdução: tema, método e objetivo desta pesquisa. In: **Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos Arquipélagos da Nova Guiné, Melanésia.** *Malinowski*. SP: Abril Cultural, 1978.
- MARTINS, João Batista. **Marolas Antropológicas: identidades em mudança na Praia do Santinho.** Florianópolis: PPGAS/UFSC, 1995.
- MAUSS. Uma Categoria do Espírito Humano: a Noção de Pessoa, a Noção do “Eu”. In: **Sociologia e Antropologia.** Volume I . SP:EDISP,EPU,1974.
- _____. Noção de Técnica Corporal. In: **Sociologia e Antropologia.** Volume II . SP:EDISP,EPU,1974.
- MEAD, Margaret. **Sexo e Temperamento.** SP: Perspectiva,1988.
- MERLEAU-PONTY, M. O olho e o espírito. In: **Os Pensadores.** SP: Abril, 1975.
- MOORE, Henrietta. Fantasias de poder e fantasias de identidade: gênero, raça e violência. **Cadernos Pagu** (14) 2000:13-44.
- MOSCOVICI, Serge. **La machine à faire des dieux : sociologie et psychologie.** Paris: Fayard, 1988.
- PIAULT, Marc. Espaço de uma Antropologia Áudio-Visual. In: ECKERT, C. & MONT-MÓR, P.(orgs.) **Imagem em Foco: novas perspectivas em Antropologia.** PAlegre: EDUFRGS, 1994.
- _____. **Anthropologie et Cinéma.** Paris: Nathan, 2000.
- PEIRANO, Mariza. Artimanhas do Acaso. In: **A favor da etnografia.** RJ: Relume Dumará, 1995.
- RIAL, Carmen. **Mar-de- Dentro: a transformação do espaço social na Lagoa da Conceição.** Porto Alegre: PPGAS/UFRGS, 1988.

- _____ Rumores sobre alimentos: o caso dos fast-foods. **Revista Antropologia em Primeira Mão, n.17**. Ilha de Santa Catarina: PPGAS/UFSC, 1996.
- _____ Rúdghi e judô: esporte e masculinidade. In: GROSSI, Miriam e PEDRO, Joana. **Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinaridade**. Florianópolis: Mulheres, 1998.
- RODRIGUES, José Carlos. **Tabu do Corpo**. RJ: Achimé, 1975.
- SARAIVA, Maria do Carmo. **Co-Educação Física e Esportes**. Ijuí: Ed. Inijuí, 1999.
- SCHPUN, Mônica Raisa. Códigos sexuais e vida urbana: as práticas esportivas da oligarquia paulistana nos anos vinte. In: **Genero sem fronteiras: oito olhares sobre mulheres e relações de gênero**. Florianópolis: Ed.Mulheres, 1997.
- SCHMITT, Jean-Claude. A moral dos gestos. In: BERNUZZI DE SANT`ANA, D.(org.) **Políticas do corpo: elementos para uma história das práticas corporais**. SP: Liberdade, 1995.
- SCHUTZ, Alfred. In: WAGNER, Helmut. **Fenomenologia e Relações Sociais**. RJ: Zahar, 1979.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Revista Educação & Realidade**. 20(2), jul/dez 1995.
- SILVA, Ana Márcia. **O Corpo do Mundo: reflexões acerca da experiência de corpo na Modernidade**. Florianópolis: Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas, 1999.
- SILVEIRA, Elaine. “Casas de Homens” – O Jogo do Osso e a Masculinidade em Grupos Populares de Porto Alegre. Dissertação. Porto Alegre: PPGAS/UFRGS, 1999.
- SILVEIRA, Flávio. **Pelas Trilhas da Ilha de SC: ecoturismo e aventura**. Dissertação. Florianópolis: PPGAS/UFSC, 1996.

- SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, O . **O Fenômeno Urbano**. RJ: Zahar, 1979.
- SOLER, Jean. As razões da Bíblia: regras alimentares hebraicas. In: FLANDRIN & MONTANARI. **História da Alimentação**. SP: Estação Liberdade, 1998.
- SUÁREZ, F., PAIVA, A., WASKOW, L. & SAAR, N. **Mar-de-Dentro: olhares através do tempo sobre a Lagoa da Conceição**. Trabalho apresentado para a disciplina de Poluição Hídrica. Mestrado em Engenharia Ambiental/UFSC, 2002.
- THÉBERGE, Nancy. Sport, caractere physique et différenciation sexuelle. In: **Sociologie et Sociétés**. Vol.XXVII, n.1,1995.
- VALE DE ALMEIDA, Miguel. **Gênero, masculinidade e poder: revendo um caso do sul de Portugal**. Anuário Antropológico/95. RJ: Tempo Brasileiro, 1996.
- VELHO, Gilberto. **Desvio e Divergência**. RJ: Zahar, 1974.
- _____ O antropólogo pesquisando em sua sociedade: sobre conhecimento e heresia. In: VELHO, G. (org.) **O desafio da cidade. Novas perspectivas da Antropologia Brasileira**. RJ: Campos, 1980.
- _____ **Subjetividade e sociedade: uma experiência de geração**. RJ: Zahar, 1986.
- _____ **Projeto e Metamorfose: Antropologia das sociedades complexas**. RJ: Zahar, 1994.
- _____ **Nobres & Anjos: um estudo de tóxicos e hierarquia**. RJ: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- _____ **Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. RJ: Zahar, 1999.
- VELHO, Otávio. **Relativizando o Relativismo**.(texto s/d)
- WACQUANT, Loïc. **Corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe**. RJ: Relume Dumará, 2002.

WAWZYNIAK, Sidentalva Maria dos Santos. **Labirinto encantado: um estudo antropológico sobre as práticas sociais das equipes de baloeiros na cidade de Curitiba.** Dissertação. Florianópolis: PPGAS/UFSC, 1995:19-41.

WINKIN, Yves. **A Nova Comunicação: da teoria ao trabalho de campo.** SP: Papirus, 1998.

Referências Bibliográficas das NOTAS:

BOURDIEU, P. Capítulos I, II, III e VI. In: **O Poder Simbólico**. RJ: Difel/Bertrand, 1989.

_____ (org.) Efeitos de Lugar. In: **A miséria do mundo**. RJ: Vozes, 1997.

BRANDÃO, Junito. **Mitologia Grega – vol III**. RJ: Vozes, 1990.

CONNEL, R. Como teorizar o patriarcado. In: LOPES & LOURO. **Educação e Realidade. Número Especial: Mulher e Educação**. Porto Alegre, vol.16, n.2, jul/dez, 1990.

CORRÊA, Marisa. **O que é um nome?** Trabalho apresentado na XX Reunião da ABA. (mimeo.)Florianópolis, 1990.

EDWARDS, E. Antropologia e Fotografia. In: **Cadernos de Antropologia e Imagem**, n.2. RJ: UERJ. NAI, 1996.

ELIAS, Norbert. La Génesis del Deporte como Problema Sociológico. In: DUNNING & ELIAS, N. **Deporte e ocio en el processo de la civilizacion**. México: Fondo de Cultura Econômica, 1996.

FARIAS, Marcia. **Pesca e sazonalidade no Camacho/SC: um estudo de modos de vida em deslocamento**. Dissertação. Florianópolis:PPGAS, 2001.

FOUCAULT, Michel. Poder-Corpo. In: **Microfísica do Poder**. RJ:Graal,1990.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia – Saberes necessários à prática educativa**. SP: Paz e Terra (Coleção Leitura), 1997.

GASPAR, Maria Dulce. **Garotas de Programa: prostituição em Copacabana e Identidade Social**. RJ: Zahar, 1985.

GASTALDO, Édison. A noção de representação em uma perspectiva antropológica. In: **A nação e o anúncio – a representação do “brasileiro” na publicidade da Copa do Mundo**. Campinas, Universidade Estadual/Instituto de Artes. Tese de doutorado, 1999.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. RJ: Zahar, 1978.

HARTMANN, Luciana. **Oralidades, Corpos, Memórias: - Performances de Contadores e Contadoras de Causos da Campanha do Rio Grande do Sul**. Dissertação. Florianópolis: PPGAS, 2000.

JOSEPH, Isaac. **Erving Goffman e a Microsociologia**. RJ: Editora FGV, 2000.

LAGROU, Elsje. 1991.

LANGDON, Jean. A Doença como Experiência: a construção da doença e seu desafio para a prática médica. Ilha de Santa Catarina: **Antropologia em Primeira Mão**, n.12.
_____ (org.). **Xamanismo no Brasil: novas perspectivas**. Florianópolis: Ed.UFSC, 1996.

LENOBLE, R. **História da Idéia de Natureza**. Lisboa: Edições 70, 1990: 183-200.

LEVI-STRAUSS, C. A Eficácia Simbólica. In: **Antropologia Estrutural I**. RJ: Tempo Brasileiro, 1975.

MAFFESOLI, Michel. Homo estheticus. In: **No fundo das aparências**. RJ: Vozes, 1996.

MAGNANI, José. MAGNANI, José G. Quando o campo é a cidade – fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI & TORRES(org.). **Na Metrópole – textos de Antropologia Urbana**. SP EDUSP/FAPESP, 1996.

_____ **O Brasil da Nova Era**. RJ: Zahar, 2000.

MAUSS. Uma Categoria do Espírito Humano: a Noção de Pessoa, a Noção do “Eu”. In: **Sociologia e Antropologia**. Volume I. SP:EDISP, EPU, 1974.

MORIN, Edgar. A Reforma do Pensamento. In: MORIN, E. & KERN, A. **Terra Pátria**. PAlegre: Sulina, 1995.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In: JOVCHELOVITCH & GUARESCHI (org.). **Textos em Representações Sociais**. RJ: Vozes, 1998.

Revista Alma Surf, ano 2, nov/dez 2001, edição especial de aniversário, página 88.

Revista Fluir, ano 16, n.10, edição 180, outubro/2000.

Revista Gol, número 01, março de 2002.

Revista HARDCORE. Ano 12, outubro de 2001.

SAMAIN, Etienne. Apresentação: um espelho surpreendente. In: **O Fotográfico**: SP: HUCITEC, 1998.

SCHMITT, Jean-Claude. A moral dos gestos. In: BERNUZZI DE SANT`ANA, D.(org.) **Políticas do corpo: elementos para uma história das práticas corporais**. SP: Liberdade, 1995.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil- 1870-1930**. SP: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Ana Márcia. **O Corpo do Mundo: reflexões acerca da experiência de corpo na Modernidade**. Florianópolis: Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas, 1999.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, O . **O Fenômeno Urbano**. RJ: Zahar, 1979.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Revista Educação & Realidade**. 20(2), jul/dez 1995.

- STOLLER, R. Uma introdução à identidade de gênero. In: **Masculinidade e Feminilidade (apresentações do gênero)**. PAlegre: Artes Médicas, 1993.
- TELES, Anamaria. **Sereias e Arnequis: uma etnografia visual com os pescadores da Barra da Lagoa**. Dissertação. Florianópolis: PPGAS/UFSC, 2002.
- VALE DE ALMEIDA, Miguel. **Gênero, masculinidade e poder: revendo um caso do sul de Portugal**. Anuário Antropológico/95. RJ: Tempo Brasileiro, 1996.
- VENCATO, Anna Paula. **Fervendo com as drags: corporalidades e performances de drag queens em territórios gays da Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis:PPGAS, 2002.
- VELHO, G. Cultura de Classe Média. In: **Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. RJ: Zahar, 1999.
- WACQUANT, Loïc. Três Premissas Perniciosas no Estudo do Gueto Norte-Americano. **Revista Mana – Estudos de Antropologia Social**. Vol.2, n.2, 1996: 145-160.
- WITTGENSTEIN. **Investigações Filosóficas**. SP: Abril Cultural, 1979.

ANEXO I:

Pressupostos da Leitura do
Movimento Visual e
Composição de Imagem